



DIÁRIO DE IDEIAS

LUCIANA SOARES MUNIZ
Profa Cap Eseba/UFU

COLE
SUA
FOTO
AQUI

AUTOR(A):

EDUFU



© 2020 Editora da Universidade Federal de Uberlândia – EDUFU

Todos os direitos desta edição reservados à Editora da Universidade Federal de Uberlândia.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida por qualquer meio sem a prévia autorização desta entidade.



Reitor Valder Steffen Júnior
Vice-reitor Orlando César Mantese

Direção Edufu Guilherme Fromm

Conselho Editorial	Editora de publicações
André Nemésio de Barros Pereira	Maria Amália Rocha
Décio Gatti Júnior	Revisão
Emerson Luiz Gelamo	Lúcia Helena Coimbra Amaral
Hamilton Kikuti	Normalização
João Cleps Júnior	Clariana Borges Gaíva Marino
Ricardo Reis Soares	Projeto gráfico e diagramação
Wedisson Oliveira Santos	Eduardo Warpechowski

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil

M966p Muniz, Luciana Soares, 1980-
Diário de ideias [recurso eletrônico] : linhas de experiências / Luciana Soares
Muniz. – Uberlândia : Edufu, 2020.
268 p. : il.

ISBN: 978-85-7078-524-4
DOI: 10.14393/EDUFU/978-85-7078-524-4
Livro formato digital.
Disponível em www.edufu.ufu.br

1. Leitura. 2. Escrita. 3. Subjetividade. 4. Criatividade. I. Título.

CDU: 801

Gerlaine Araújo Silva – CRB-6/1408



EDUFU – Editora da Universidade Federal de Uberlândia
Av. João Naves de Ávila 2121 – Campus Santa Mônica
Bloco 1S Térreo – Cep 38400-902 – Uberlândia – MG
Telefax: (34) 3239-4293 | edufu@ufu.br | www.edufu.ufu.br

Luciana Soares Muniz

Diário de ideias: linhas de experiências



MAPA DO TESOURO



Agradecimentos 9

Homenagem 12

Prefácio 18

Sinopse 24

Início da caça ao tesouro

Algumas dicas importantes 26

Como surge o *Diário de ideias* como experiência em sala de aula? 26

Por que o nome *Diário de ideias*: linhas de experiências e a criação da logo 40

Pista número 1

O que embasa teoricamente a proposta de trabalho com o Diário de ideias? 46

1.1 Princípios da Teoria da Subjetividade: aprendizagem como processo subjetivo 47

1.2 Aprendizagem criativa 53

1.3 Aprendizagem criativa da leitura e da escrita 57

1.4 Sistema Didático Integral e as possibilidades de favorecer a expressão da criatividade na aprendizagem da leitura e da escrita 69

Pista número 2

Metodologia de trabalho 78

- 2.1 Objetivos do trabalho com o *Diário de ideias* 81
- 2.2 Princípios do trabalho com o *Diário de ideias* 82
- 2.3 Percurso metodológico 85
 - 2.3.1 Diário de ideias: material para ser utilizado 86
 - 2.3.2 Processo formativo com os familiares 87
 - 2.3.3 A leitura e a escrita na vida cotidiana do aprendiz: pertencimen-
to, autoria e protagonismo no processo de ler e escrever 92
 - 2.3.4 Registro das experiências nos diários pelas crianças 105
 - 2.3.5 Roda de conversa na colcha de retalhos: narrativas dos partici-
pantes 110
 - 2.3.6 Registros para compor a teia de experiências 117
 - 2.3.7 Caixinha e sacolinha: ateliês de lembranças 119
 - 2.3.8 Ações interligadas com o planejamento em sala de aula: ideias
em ação 126
 - 2.3.9 Diário de ideias e suas interpelações com os conteúdos curricu-
lares formando parte da vida do estudante 144
 - 2.3.10 Comunidade escolar aprendente com cidadão global 154
 - 2.3.11 Expressão da criatividade 164

Pista número 3

Diário de ideias: relato de seu desenvolvimento no contexto da sala de aula 170

- 3.1 Turma Cientistas das Letras – 1º ano do ensino fundamental 170
 - 3.1.1 Observação, escuta e diálogo 170

3.1.2 Investigadores da leitura e da escrita 172

3.1.3 Rodas de conversa: colcha de retalhos – linhas de experiências 173

Pista número 4

Aprendizagem e desenvolvimento: possibilidades de contribuição do trabalho com o *Diário de ideias* 188

Pista número 5

Com a palavra: participantes do *Diário de ideias* 204

5.1 Com a palavra, autores mirins 204

5.2 Com a palavra, os familiares 213

5.3 Relatos das professoras parceiras na Eseba/UFU que efetivaram a proposta do Diário de ideias 231

5.4 Relatos das estagiárias parceiras na Eseba/UFU que experienciaram a proposta do *Diário de ideias* 248

Encontro com o tesouro 240

Referências bibliográficas 260

Anexos 271



SER CRIANÇA
É MUITO
LEGAL



DEDICATÓRIA

Dedico esta obra ao meu esposo, Carlos Alessandro Nunes, por estar sempre ao meu lado, pela confiança e por acreditar que, neste livro, resguardamos o que compartilhamos de mais belo no âmbito da educação: as possibilidades de diálogo com os estudantes como via para a aprendizagem. Agradeço as trocas de ideias, os debates sobre temas caros para uma educação mais humana e que agora se efetiva com o presente trabalho.

Aos meus filhos, Hiago, Yasmin e Ítalo, que assumiram comigo a obra do *Diário de ideias*, tanto com proposições para o cotidiano da escola como na composição deste livro, nas sugestões inovadoras que partem da essência do que é desejado pelas crianças viverem no contexto escolar e na efetivação de uma proposta que resguarde o protagonismo dos estudantes. Com vocês eu escrevo diariamente uma mãe que escuta, que acolhe e que é desafiada a sempre buscar inovação e criatividade no ser mãe e educadora.



AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Lucimar e Osiris, e à minha avó Lina, por me incentivarem, vibrarem e torcerem sempre por mim na criação de uma forma de ensinar e aprender inovadora para as crianças.

À minha irmã Vanessa e à minha sobrinha Valentina, pela valentia com que vivem a vida e pelas trocas de ideias sobre como viver uma educação que favoreça o contato com a natureza, com o melhor de todo ser humano. Às minhas irmãs, Lara e Larisse, e ao meu sobrinho Igor, pelo respeito, pela confiança e pela convivência repleta de aprendizado.

À família do meu esposo Carlos, pela força, incentivo e amor. Gratidão por fazerem parte das nossas vidas.

Com muita honra, agradeço à Profa. Dra. Albertina Mitjás Martínez, orientadora e amiga, uma pessoa guerreira, companheira, repleta de muitas ideias e de uma sabedoria singular. Com ela trago a força para perto do leitor, alguém que investe tempo e esforços para cuidar da educação que pode ser vivida por todos com responsabilidade, autoria e protagonismo.

À Universidade Federal de Uberlândia (UFU), em especial à Escola de Educação Básica (Eseba/UFU). Minha gratidão às equipes das Áreas de Alfabetização e Educação Infantil, pelo apoio e pela par-



ceria para a efetivação das pesquisas e práticas pedagógicas consolidadas nesta obra.

Agradecimento profundo a toda a Comunidade Escolar da Eseba/UFU, em particular aos familiares e estudantes que viveram conosco a experiência de constituir uma comunidade educativa. Em especial, agradeço a Adenilce, pela forma singela com que se imbuíu do desejo e de ações para ver tantas outras crianças e professores(as) vivendo a experiência com o Diário de Ideias.

Aos(às) estagiários e voluntários(as) estudantes de cursos da Graduação da Universidade Federal de Uberlândia, pelo envolvimento, dedicação, estudos, pesquisas e reflexões que permearam a caminhada pedagógica que vivemos juntos(as), em especial às estudantes Giovana e Maria Eduarda.

Às minhas queridas amigas e companheiras da empreitada do trabalho com o Diário de ideias na Eseba/UFU e para além deste espaço, Profa. Ms. Vaneide Corrêa Dornellas e Profa. Dra. Lucianna Ribeiro de Lima.

Às companheiras amigas e parceiras de tantas ideias e ações em prol de uma educação mais humana, Profa. Esp. Elizabet Rezende de Faria e Profa. Dra. Eliana Aparecida Carleto, Profa. Dra. Myrtes Dias da Cunha, Profa. Ms. Núbia Silva Guimarães Paiva e Profa. Ms. Paula Faria Amaral.



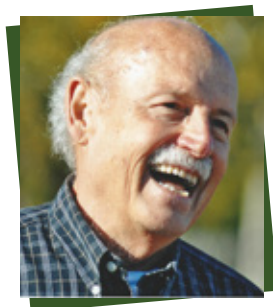
À equipe da Editora da Universidade Federal de Uberlândia – Edufu, pelo convite de publicarmos a presente obra, em especial, um agradecimento ao Prof. Dr. Guilherme Fromm e ao artista que fez a diagramação da presente obra e que compôs comigo a logo do Diário de ideias, Eduardo Moraes Warpechowski. Gratidão à Lúcia pela importante revisão da obra e à Amália pela parceria em todo o processo que contribuiu para a publicação do presente livro pela Edufu.

Por fim, gratidão a todos e todas que assumem cotidianamente a experiência de uma educação mais humana, sensível, autoral, protagonista e edificante, de toda a comunidade. Somos uma união!



HOMENAGEM *IN MEMORIAM* A FERNANDO GONZÁLEZ REY

Agradecimento especial ao nosso querido Prof. Dr. Fernando González Rey (*in memoriam*), pelo exemplo de ser humano, presente, guerreiro, sábio, forte e amigo. Fernando Luis González Rey nasceu em Havana, Cuba, em 27 de junho de 1949. Faleceu em São Paulo, Brasil, em 26 de



março de 2019. Conheci o professor Fernando González Rey através da indicação de suas obras pela querida professora Myrtes Dias da Cunha, que nas orientações do mestrado trouxe a importância desse autor para nosso trabalho e para o âmbito da educação, psicologia e áreas afins. A partir da leitura do livro *Sujeito e subjetividade*, fui admirando a profundidade teórica, a forma criativa e inovadora do autor como sujeito da escrita. Ele é o criador da Teoria da Subjetividade, que traz uma concepção do humano em sua capacidade geradora, criativa, em uma forma complexa de constituição dos processos humanos nas condições da cultura, um sistema configurado pela unidade do simbólico e do emocional.

Na minha busca inquieta como pesquisadora, finalizei o mestrado e busquei conhecer ainda mais a Teoria da Subjetividade e em seu âmbito a criatividade na aprendizagem da leitura e da escrita.

Para isso, realizei meu doutorado na Universidade de Brasília, com a honra de ter como orientadora a professora Albertina Mitjás Martínez, esposa do nosso querido Fernando. Nesse período, que ocorreu entre 2011 a 2015, tive a satisfação de participar dos grupos de pesquisa dos dois professores, de dialogar com ambos e de conhecer ainda mais a profundidade e as possibilidades de avanço que os autores buscavam para o campo teórico e prático.

Como não recordar o momento em que me encontrei com o professor Fernando no processo de seleção para o doutorado na Universidade de Brasília e, ao olhar meu currículo, que estava impresso sobre a mesa, ele folheou as páginas e disse: “Que magnífico currículo para uma jovem.” Senti vontade de contribuir com uma teoria sólida tecida por ele e tive a confiança de que seria possível trilharmos caminhos conjuntos, o que ocorreu com a profunda parceria e orientação da querida professora Albertina Mitjás Martínez.

O período do doutorado foi marcado pelo meu encontro com grupos de pesquisa que eram fonte de inquietações, com uma teoria em construção, com constantes debates, diálogos, reflexões, e eu ali como admiradora, pesquisadora, estudiosa e com abertura para contribuir com a teoria. Foi uma experiência profunda, ao lado de pessoas abertas, queridas, estudiosas e em busca de contribuições, que tinham todos como seus parceiros de elaborações. Foram momentos intensos de aprendizagem e desenvolvimento, que envolviam observar a forma calorosa, en-



fática, confrontadora e vivaz com que o professor Fernando conduzia as reuniões. Ele conseguia nos tornar presentes e possibilitava nossa atuação como sujeitos do espaço-tempo dos estudos.

Certa vez, uma pesquisadora me indagou: mas vocês que estudam essa teoria precisam apenas cumprir e fazer o que está nela. Nesse momento, eu tive o prazer de explicar para ela que era exatamente o contrário, que estávamos diante de uma teoria em construção e que nossa contribuição era fundamental. Exemplifiquei com a contribuição da minha pesquisa, que dentre outras, trouxe mais um elemento para as características da aprendizagem criativa no campo da leitura e da escrita. Apenas aplicar? Negaríamos assim o princípio do caráter gerador do humano, que é a base da teoria.

Registro também a forma carinhosa e especial como nosso eterno mestre me indicou, em um momento de nossos diálogos, a leitura da obra de Leon Tolstoy, *Anna Karenina*, enfatizando a forma espetacular do autor para narrar as experiências vividas com riqueza de detalhes, bem como as características da personagem Karenina e sua forma livre, rebelde, serena, inteligente e bondosa como experienciava a vida. Um presente especial e uma leitura que, dentre outras, hoje é sempre marcada pela presença do nosso querido professor Fernando.

Momentos intensos de trabalho marcaram nossos encontros, como a sua organização do livro *Cultural-historical perspectives on emotions: advancing the concepts of perezhivanie and subjectivi-*

ty. Ele confiou à Profa. Dra. Pilar de Almeida e a mim a elaboração de um capítulo, cujo processo de escrita foi repleto de discussões, reflexões e trocas de ideias, pois uma forte característica do professor Fernando era tornar todo encontro uma oportunidade de aprendizagem e de desenvolvimento. Ao final da escrita do capítulo, e com a leitura feita por ele, encontramos-nos no I Simpósio de Subjetividade e Epistemologia Qualitativa em Brasília, quando me disse: “Lu, seu caso do Gabriel está fantástico e é um ótimo exemplo do processo construtivo-interpretativo”.

Destaco a forma incentivadora, forte, confiante no outro com que o professor Fernando atuava. Conhecedor da complexidade do desenvolvimento da subjetividade, ele me instigou, em parceria com a professora Albertina, a assumir, em mais um momento lindo da minha vida, em que fui mãe pela terceira vez, a busca por compreender o desenvolvimento da subjetividade na vida da criança, de entender quando e como essa subjetividade começa a se constituir, dentre outras inquietações que se abrem com essa nova linha de pesquisa. Nesse processo, Fernando me convidou para participar de uma mesa redonda no II Simpósio de Subjetividade e Epistemologia Qualitativa e, ao me inscrever via e-mail, disse que estaria feliz de me receber com o Ítalo, meu filho, em Brasília.

O professor Fernando conhecia cada pesquisador, cada estudo realizado e sempre demandava contribuições. Sou extremamente grata pelo seu aceite de escrever o prefácio do livro de minha au-



toria e da professora Albertina: *Aprendizagem criativa da leitura e da escrita e desenvolvimento: princípios e estratégias do trabalho pedagógico* (Muniz; Mitjans Martínez, 2019). Prefácio escrito num momento em que ele convivia com a sua doença, mas que, dentre tantas demandas, trouxe a forte contribuição ao nosso livro, tecendo com base em sua teoria.

Agradeço imensamente pela oportunidade de conhecer e viver a experiência subjetiva de ler suas obras, pela possibilidade de encontro com a compreensão da subjetividade como um processo especificamente humano, com ênfase no caráter gerador da pessoa sobre as experiências vividas. Uma marca para buscarmos ser sujeitos na vida, em nossas ações e para podermos abrir novas zonas de desenvolvimento subjetivos, atuando como autores e protagonistas no mundo. Gratidão por me oportunizar entrelaçar e alicerçar uma concepção de aprendizagem criativa da leitura e da escrita, da qual ressaltamos seu potencial para o desenvolvimento da subjetividade da criança, aprendizado esse que vai além dos aspectos intelectuais que dele participam, em que a implicação emocional ocupa um lugar central. Todo esse conhecimento faz parte da minha vida e constitui um diferencial para ser pesquisadora como professora nos anos iniciais do ensino fundamental.

Desta forma, estamos diante da riqueza que a Teoria da subjetividade, desenvolvida por González Rey, tem para o campo da aprendizagem da leitura e da escrita, trazendo e resgatando em cada



um de nós aquilo que acreditamos para uma educação mais humana e singular. Estendo todo este agradecimento à querida professora Albertina Mitjás Martínez, orientadora e amiga de vida, pela oportunidade de trilharmos juntas os caminhos de pesquisa e de práticas pedagógicas que edificam as múltiplas possibilidades da riqueza da Teoria da Subjetividade para o campo da educação em especial.



PREFÁCIO

Para mim, ler criteriosamente um livro para escrever seu prefácio constitui sempre um desafio e uma responsabilidade, porém, neste caso, também foi uma fonte de imenso prazer; prazer pelo caráter inédito de seu conteúdo, pela forma amena como está escrito e muito especialmente pelas possibilidades que abre para novas reflexões e ações pedagógicas.



Trata-se de um livro que, de forma aprofundada e ao mesmo tempo simples, aborda o tema da aprendizagem da leitura e da escrita sob uma nova perspectiva. Ele apresenta ao leitor um interessante recurso didático a ser utilizado para favorecer significativamente uma forma de aprendizagem da leitura e da escrita que possibilite que esse processo forme parte da vida cotidiana dos estudantes e que conseqüentemente se constitua em uma base sólida para futuros aprendizados e, especialmente, para o desenvolvimento subjetivo desses estudantes.

Que as crianças desenvolvam interesses e motivações reais pela leitura e pela escrita, que o domínio dessas habilidades lhes permita enfrentar com sucesso as aprendizagens cada vez mais complexas que o processo de escolarização exige, que aprender a ler e escrever contribua significativamente para o desenvolvimento

integral da criança são, sem dúvida, aspirações da maioria dos educadores, especialmente daqueles que não consideram o ensino como um fim em si mesmo, mas um meio para a aprendizagem e o desenvolvimento do outro. Infelizmente, a realidade educacional brasileira evidencia que essas aspirações estão longe de se tornar realidade. No entanto, muitos educadores, implicados autenticamente com a aprendizagem e o desenvolvimento de seus estudantes, tentam de diferentes formas e não sem esforço trabalhar nessa direção. A Profa. Dra. Luciana Soares Muniz forma parte desse grupo. Com o *Diário de ideias: linhas de experiências*, a autora não pretende apresentar ao leitor uma fórmula pronta para tornar realidade as legítimas aspirações mencionadas, mas oferece uma experiência didática que tem se evidenciado muito efetiva nesse caminho.

Não foi por acaso que *Diário de ideias: linhas de experiências* foi o vencedor nacional no 11º Prêmio Professores do Brasil na categoria Ciclo de Alfabetização (1º, 2º e 3º anos). A experiência didática que se apresenta no livro – com sólida fundamentação científica e desenvolvida pela autora do livro nas suas salas de aula – tem evidenciado significativo valor e utilidade no processo de aprendizagem da leitura e da escrita de crianças dos primeiros anos do ensino fundamental e sido implementada em outras etapas de ensino, como na Educação Infantil e em todo o 1º ciclo do ensino fundamental.

O eixo central do *Diário de ideias* consiste em um caderno perso-



nalizado no qual cada uma das crianças registra suas experiências de forma espontânea, utilizando os mais variados meios, entre os quais se incentiva o uso dos registros escritos. As crianças escolhem livremente o que desejam expressar: fatos significativos, sentimentos, dúvidas, histórias, personagens, desejos etc., o que possibilita o caráter autoral do *Diário*, uma de suas características distintivas.

Entre os diversos aspectos interessantes que caracterizam o *Diário de ideias*, gostaria de destacar três deles. Em primeiro lugar, o fato de que ele acompanha a criança fora dos limites da sala de aula. Trata-se, assim, de favorecer o registro de experiências da vida da criança com base em suas necessidades e interesses a qualquer momento e em qualquer um dos contextos sociais onde está inserida. O *Diário de ideias* não é concebido apenas, nem essencialmente, para fazer registros na sala de aula, mas em qualquer contexto, um aspecto que me parece ser de suma importância para começar a incentivar a utilização futura da escrita como parte da vida. A utilização do *Diário* em casa tem se mostrado uma importante via de expressão e de registro das crianças, o que tem sido possível pela compreensão das famílias dos objetivos da experiência didática desenvolvida. O vínculo da autora com as famílias tem sido essencial para incentivar a utilização do *Diário de ideias* tanto nesse contexto quanto em outros não escolares. Muitas vezes, as relações com as famílias visando à sua colaboração com as estratégias educativas realizadas na escola são enxergadas como problemas e dificuldades de difícil solução ou como desafios que demandam esforços significativos. No entanto, no livro mostra-se

como esse vínculo é necessário e possível, assim como as formas como isso efetivamente tem sido feito e os estimulantes resultados obtidos.

Outra importante característica do *Diário de ideias* como experiência didática é que não se reduz apenas aos múltiplos registros da criança no caderno, mas se desdobra em trocas de experiências, haja vista que esses registros individuais são compartilhados com os colegas da turma nas rodas de conversa. Narrar, compartilhar registros e experiências no grupo têm promovido processos de expressão oral, de leitura, de comunicações diversas que incluem possibilidades de diálogo, de imaginação, entre outras, todas fontes do desenvolvimento da subjetividade da criança. A obra promove o caráter produtivo da criança, visto que ela gera seus próprios processos de registro e troca de experiências. Incentiva-se, dessa forma, a autoria do estudante, que se torna produtor, deixando de ser apenas um objeto do processo de ensino. Incentivar nas crianças o interesse e a disposição para levar consigo o *Diário de ideias* e fazer nele registros diversos, assim como o desejo de compartilhar os registros e as experiências com os colegas, requer formas criativas de atuação do professor que considerem as singularidades das crianças com as quais trabalha. No livro, apresentam-se várias estratégias desenvolvidas pela autora para conseguir o engajamento das crianças com o *Diário de ideias*, o que pode parecer à primeira vista uma tarefa difícil, porém que a autora consegue realizar de forma muito interessante e efetiva.



Uma terceira característica do *Diário* que chamou muito minha atenção foi sua utilização para o processo de avaliação da aprendizagem das crianças e consequentemente para o planejamento e reestruturação do trabalho pedagógico. A autora nos apresenta, muito criativamente, como as crianças participam do processo de avaliação da aprendizagem e como, a partir dele, são feitas diversas sugestões para a remodelação do trabalho pedagógico quando necessário.

Na minha opinião, o *Diário de ideias: linhas de experiências* não apenas fundamenta e descreve uma experiência ou um recurso didático favorecedor da aprendizagem compreensiva e criativa da leitura e da escrita, ele apresenta uma forma diferenciada e criativa de conceber a aprendizagem desses processos. Concretiza a visão de que aprender a ler e escrever não é apenas adquirir uma habilidade ou uma competência, mas, essencialmente, visa conectar a criança com o mundo para que nele possa atuar de forma ativa, produtiva e criativa.

O livro não apenas apresenta o *Diário de ideias* e sua fundamentação científica, mas detalha com muita clareza sua forma de utilização e apresenta exemplos de múltiplas estratégias que criativamente podem ser utilizadas pelos professores que se animem a explorar as possibilidades que o *Diário* oferece. Na parte final do livro, depoimentos de crianças, pais e estagiárias que têm trabalhado com o *Diário de ideias* evidenciam o impacto que a obra teve neles com sua utilização.

Toda obra, além do contexto histórico e cultural em que é produzida, expressa também de alguma forma as características de seu autor. O *Diário de ideias: linhas de experiências* não é uma exceção. Na leitura do livro, pode-se apreciar a paixão da autora como professora alfabetizadora pela real aprendizagem e desenvolvimento de seus estudantes, a autoria e criatividade de suas ideias e também seu desejo de compartilhar com outros uma experiência que considera que pode ser útil para atingir a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças, experiência valorizada nacionalmente com o prêmio recebido.

Pelo seu formato, estamos em presença também de um livro singular: ele foi concebido como um diário, com espaços para que o leitor possa registrar suas reflexões, suas vivências, seus questionamentos, suas experiências e ainda compartilhar esses registros com colegas e outros interessados em contextos que possam favorecer essas trocas. A obra torna-se um desafio para a reflexão e para a ação, especialmente para uma ação renovada da forma de encarar a aprendizagem da leitura e da escrita, tornando-se uma ferramenta para repensar a prática pedagógica e para transformá-la.

Profa. Dra. Albertina Mitjás Martínez
Pesquisadora colaboradora da Universidade de Brasília



SINOPSE

Aprender a ler e a escrever com ênfase na emergência da criatividade nesse processo é um desafio que vivemos com a experiência com o *Diário de ideias*. Por que aprender criativamente a ler e a escrever? Com múltiplas possibilidades de respostas, é possível considerar que neste tipo de aprendizagem o estudante pode atuar com o que aprendeu na vida, experimentar um processo autoral, protagonista e de geração de ideias próprias e novas que transcendem o que está posto, bem como ter relação lúdica com o aprender, em um processo de aprendizagem profundo que favorece o desenvolvimento da subjetividade.

Neste viés, com a presente obra, apresenta-se ao leitor a experiência do *Diário de ideias* como uma forma de favorecer tipos de aprendizagens mais complexas, como a aprendizagem criativa dos processos de ler e escrever, em um exercício que invita a todos os participantes do processo, estudantes, familiares e professores, dentre outros, a serem agentes ou sujeitos do ensino e da aprendizagem. No *Diário de ideias*, está presente a escuta sensível, atenta e interessada para as narrativas e os registros dos aprendizes, para as possibilidades da diversidade da linguagem infantil, para as investigações próprias das crianças sobre o universo da leitura e da escrita.

O leitor encontrará um livro/diário para viver a experiência de ler e escrever como autor, com ênfase na produção de ideias pró-



prias. A própria capa do livro contém um espaço destinado à escrita do nome para o leitor/autor. Este livro, pelo relevante tema que aborda e pela proposta inovadora da experiência com o diário de ideias, constitui um convite para a reflexão crítica e criativa, para o diálogo produtivo e especialmente para transformações na prática pedagógica. Ele pode ser de interesse e utilidade para pesquisadores, professores, coordenadores pedagógicos, gestores, pais, estudantes de graduação e pós-graduação, enfim, para todos aqueles que estejam interessados em que a aprendizagem da leitura e da escrita se torne realmente uma importante base para novas e mais complexas aprendizagens, sendo uma enorme motivação promotora de desenvolvimento.



Início da caça ao tesouro!

Algumas dicas importantes

COMO SURGE O DIÁRIO DE IDEIAS COMO EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA?



O presente livro tem como objetivo principal promover um espaço-tempo para que professores, pesquisadores, psicólogos e

demais interessados vivam uma experiência subjetiva da leitura e da escrita mediante a obra *Diário de ideias: linhas de experiências*. Para isso, organizei um livro em forma de diário, para que o leitor possa ler e compor suas próprias ideias, expressar seus sentimentos, emoções, dúvidas e questionamentos. Ao longo da obra, você encontrará espaços em branco para marcar ainda mais a sua presença nesta leitura, como autor e protagonista desta empreitada de constituir linhas de experiências em proposições de ideias em ações. A própria capa do livro contém um espaço destinado à escrita do seu nome como leitor/autor.

Juntamente com a presente obra, estou publicando o *Diário de ideias* como um caderno/diário para ser utilizado por estudantes, professores e demais interessados em um espaço criado e destinado para o registro autoral de ideias, experiências, sentimentos e muito mais. No caderno, encontramos páginas em branco para serem registradas pelo(a) autor(a) e que podem se alongar para o mundo nas trocas e em planejamentos, que podem envolver outras pessoas para efetivar nossas ideias, dentre tantas outras possibilidades.

Este é um livro base para uma experiência subjetiva de aprendizagem e por isso mesmo não constitui um receituário para ser apenas implementado, uma vez que compreendo que mesmo a cópia de algo será sempre uma experiência singular, com suas especificidades, tendo em vista os contextos sociais, a leitura e o tom que cada leitor/autor produz. Para formar uma rede conectando



ideias sobre nossas ações e reflexões nesta proposta, cada leitor/autor poderá encaminhar fotos de seus registros, tanto feitos no presente livro/diário quanto de propostas efetivadas nessa direção de trabalho com o diário, para o site www.diariodeideias.com.br com o intuito de ampliarmos os diálogos e de contribuirmos cada vez mais com a educação dos estudantes, com a formação de professores e com pesquisas nesse campo.

Tenho como objetivo principal partilhar a forma como o trabalho pode ser efetivado e os princípios teórico-práticos que embasam esta experiência investigativa pelo universo da leitura e da escrita contribuindo para que, no cotidiano das diferentes salas de aulas, estejam presentes as ideias, os interesses, os gostos, os desejos, as necessidades, o caráter investigativo e as potencialidades dos estudantes, o que já resguarda a singularidade de implementação desta proposta pelas especificidades de cada contexto social.

Como professora dos anos iniciais do ensino fundamental da Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia (Eseba/UFU) e pesquisadora na área da aprendizagem criativa da leitura e da escrita, tenho me preocupado com a forma como as crianças aprendem e experienciam a escrita e a leitura em seu cotidiano. Para além de um caráter utilitário da leitura e da escrita, tenho defendido a necessidade de entendermos a qualidade da utilização destas, a forma investigativa de relação com esses processos e seus impactos no desenvolvimento da subjetividade do aprendiz.



Um dos meus focos de interesse é compreender o que é próprio dos estudantes no processo de aprendizagem da leitura e da escrita, não apenas em termos de registro ou mesmo de nível de desenvolvimento da escrita, mas no de investigar olhares, necessidades, buscas inquietantes, desejos e interesses diante das experiências. Nesta perspectiva, torna-se possível atuar com os estudantes e não para eles, em um percurso curioso, inquietante, em que é preciso estar aberto para o imprevisível, para o que é próprio das linguagens da criança.

Faz-se necessário exercitar a arte de perguntar: o que a criança quer me contar com esse gesto, com essa fala, com esse olhar, com essas ações? Como posso compreender mais sobre a vida dos estudantes? O que os conecta com o espaço-tempo da escola?

Percebo que esse processo requer de nós, professores, que vivamos a experiência da escuta sensível, atenta e interessada para o que os aprendizes fazem de forma espontânea, para suas falas, seus gestos, sua forma singular e particular de viver o mundo ao seu redor. Ele invita a uma curiosidade do professor para o que muitas vezes não é visto, dito e não está presente no currículo escolar, porém que constitui o próprio currículo.

Nesses processos de investigação (Muniz, 2015; Muniz; Mitjás Martínez, 2018; Muniz; Mitjás Martínez; Lima, 2019; Ferreira *et al.*, 2018), tem sido produzido, dentre outros, alguns pontos fundamentais que me inquietam com questionamentos e me insti-



gam a buscar experiências didáticas inovadoras. Em minhas observações, percebo a forma como os estudantes recorrem a pedaços de papel picado ou a outros suportes para exercerem registros espontâneos que envolvem escritas, desenhos, colagens, dentre outras formas de expressão da criança, que estão para além do que é solicitado formalmente na escola. Percebo que as crianças investigam o universo da leitura e a escrita de uma forma própria, que envolve curiosidade, ousadia, desejo pela descoberta de algo novo e que seja vivido como ação, como algo que faz parte da vida de cada um. Isso é visível na própria necessidade dos estudantes de utilizarem as carteiras como mais um espaço para registros, em uma forma de exercerem livremente o traçado das letras, de investigar as possibilidades da escrita, de compor desenhos e escritas, muitas vezes para si mesmos e outras para compartilhar e/ou ajudar um colega, para deixar na carteira como uma marca, como arte de fazer apenas por prazer, dentre tantas outras possibilidades.

Outro elemento que me inquieta é observar a forma como os estudantes narram suas experiências em diferentes contextos sociais e as ideias que emergem, conectando a escola e essas diferentes experiências em outros contextos sociais. Essas narrativas ocorrem em qualquer momento da aula, principalmente quando dialogam sobre algum conteúdo curricular. Nelas, encontramos ideias que os estudantes produzem e que poderiam, de alguma forma, fazer parte das ações da escola. A aprendizagem se constitui como uma experiência que se relaciona com a vida, que requer a possibilida-

de de ações por parte de quem aprende. Observo a riqueza de detalhes que os aprendizes colocam em suas experiências narradas para o outro, a leveza das falas, o desprendimento com a questão do tempo, ou seja, eles se alongam nos relatos, carregados de gestos e de outras formas de linguagem que enriquecem a comunicação. Há uma preocupação com o outro, de ajudar, de atuar nos problemas da sociedade, de se importar com o que é mais global e não apenas local, com temas que trazem para ser compartilhados.

Outro aspecto que identifico como potencializador para fomentar práticas inovadoras é a necessidade de os estudantes atuarem em atividades que envolvam ação, estando engajados em investigações, com uma curiosidade atuante em relação ao universo da leitura e da escrita, e a forma como atuam com o que aprendem, em um processo ativo, intencional, que muitas vezes pode ser confrontador, gerador de ideias próprias e novas que podem transcender o que está posto. A leitura e a escrita são permeadas pela relação lúdica do estudante. Pelos corredores da escola, observo os olhares das crianças pelos murais, em uma leitura própria da escola, do que comunica.

Diante das observações e construções, algumas inquietações são relevantes: como potencializar as ações das crianças de buscar recursos e formas de expressão próprias no contexto escolar? O que a escola solicita que a criança registre? A criança registra e aguarda apenas o que é solicitado pelo professor? O que a criança traz de suas experiências para o contexto da sala de aula? Como



articular as experiências vividas pelos aprendizes em diferentes contextos sociais com o que é experienciado na escola? Como constituir um trabalho pedagógico que respeite a diversidade, que acolha as diferenças e que, de alguma forma, rompa com um ensino despersonalizado da leitura e da escrita?

Todo esse processo de buscar compreender o que é próprio dos estudantes requer interação, escuta, diálogo e ação. Diante desses questionamentos, outras indagações fazem parte do processo: por que implementar o trabalho com o *Diário de ideias*? Como essa experiência pode contribuir com a autonomia, a autoria e o protagonismo dos estudantes no processo de ensinar e aprender? Qual a concepção de aprendizagem da leitura e da escrita envolvida nessa proposta? Quem são os parceiros no processo de ensino e aprendizagem? Como a família participa desse processo? Quais os impactos dessa experiência para o trabalho pedagógico do professor e para a aprendizagem das crianças?

Diante dos elementos destacados anteriormente, compreendo, em consonância com autores como Celéstin Freinet (1975, 1977), Paulo Freire (2011a, 2011b), Gustavo Cantú (2011, 2014), Fernando González Rey e Albertina Mitjás Martínez (2017) e Lev Vigotski (1997, 2007, 2009), que a aprendizagem da leitura e da escrita precisa ser algo da vida da criança e que esteja relacionada às suas necessidades. Neste contexto, considero a potencialidade de desenvolver um trabalho com o *Diário de ideias*, que foi um dos recursos metodológicos utilizados na tese de doutorado (Muniz,

2015), na qual investiguei a aprendizagem criativa da leitura e da escrita e o desenvolvimento da subjetividade das crianças de 1º e 2º ano do ensino fundamental.

A utilização inédita desse recurso em contexto de sala de aula é um desafio que me instiga¹, assim como mobiliza outros pesquisadores, pois consiste em uma experiência que rompe com o caráter utilitário da leitura e da escrita ao incluir a qualidade de atuação do aprendiz com a leitura e a escrita na vida, assim como o diário confere vida à escrita nas narrativas das crianças sobre suas vivências. É uma experiência que rompe com a atitude passiva do aprendiz diante do que irá vivenciar no cotidiano da escola, pois coloca o estudante como corresponsável, atuante e promotor de novas possibilidades de ações no contexto escolar, mediante as ideias, as dúvidas, as investigações, as provocações que emanam dos diálogos e dos registros, bem como pela sua participação efetiva no planejamento.

Proposta que se alinhava às atuais discussões que envolvem documentos oficiais como a Lei de Diretrizes e Bases – LDB (Brasil,

¹ A experiência de aprendizagem com o *Diário de ideias*, dentre outras práticas realizadas no contexto da sala de aula em turmas de 1º ano do ensino fundamental, faz parte de uma pesquisa em andamento que tem como professora da turma, e pesquisadora responsável pela investigação, a Profa. Dra. Luciana Soares Muniz (MUNIZ; MITJÁNS MARTÍNEZ; LIMA, 2019). A investigação tem como objetivo principal compreender os princípios e as estratégias que configuram uma experiência didática embasada pelos elementos do Sistema Didático Integral, elaborado por Mitjáns Martínez (2008), que podem favorecer a emergência da criatividade na aprendizagem da leitura e da escrita e o desenvolvimento da subjetividade de crianças do 1º ano do ensino fundamental.



1996), no que tange à Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2018), é uma experiência que efetiva princípios previstos no documento que ressalta o caráter ativo, investigador, pensante e atuante dos estudantes no âmbito dos conteúdos curriculares como parte da vida dos aprendizes.

Sua materialidade está em um caderno personalizado pelo aprendiz e utilizado por ele no cotidiano. Nele, estão relatos de histórias das crianças, de suas preferências, necessidades, dificuldades de aprendizagem ou mesmo relacionadas a aspectos afetivo-emocionais, a facilidades e potencialidades de aprendizagem. Dentre outros elementos, os estudantes registram: palavras, frases e/ou textos, criam novas palavras, inventam histórias que também podem ter sido transformadas, contam curiosidades, gostos, preferências, interesses por temas diversos para pesquisas, fazem elaborações pessoais a partir de investigações etc. Além disso, realizam colagem de imagens, fotos e também de rótulos de embalagens.

A experiência de aprendizagem com o *Diário de ideias* (Muniz, 2018, 2019) aqui destacada é desenvolvida em turmas da Educação Infantil² e do 1º ano do ensino fundamental³ na Escola de Edu-

² Na mesma escola, também agradeço a parceria da Profa. Ma. Pâmela Faria de Oliveira, que em nome da área de Educação Infantil da Eseba/UFU buscou conhecer, aprofundar os conhecimentos, dialogar conosco e tornar esta experiência parte das ações desenvolvidas com turmas de 1º período a partir de 2019. Agradecimento especial pela parceria, pelas trocas de ideias, pela confiança, pela formação compartilhada intensa que permeou o processo de implementação do *Diário de ideias*, tornando possível a sua efetivação, resguardada a singularidade de realização do trabalho em cada turma.

³ O trabalho com o *Diário de ideias* conta com a participação de professores, aprendizes e

cação Básica da Universidade Federal de Uberlândia (Eseba/UFU), localizada na cidade de Uberlândia/MG, e em turmas de 1º ao 3º ano do ensino fundamental em escolas da Rede Municipal de Ensino de Uberlândia. Atuo na Eseba/UFU desde 2005, com pesquisa, gestão, extensão e ensino, na busca de articular teoria e prática em prol de um fazer pedagógico fundamentado e que resguarde a qualidade do ensino e da aprendizagem para os estudantes e a comunidade escolar de forma geral. O *Diário de ideias* constitui uma experiência potencializadora para favorecer a efetiva aprendizagem da leitura e da escrita, conectando as experiências da criança com o contexto escolar, em um processo de leitura de mundo e conhecimento de si mesma, potencializando a qualidade de atuação com a leitura e a escrita no exercício protagonista da criança na sociedade. Assim como o trabalho com o *Diário* contribui para o envolvimento dos familiares dos aprendizes com o processo de aprendizagem das crianças, oportunizo a observação e o acompanhamento conjunto de interesses, gostos, preferências, potencialidades, dificuldades e necessidades dos estudantes.

O *Diário* é organizado com a utilização de um caderno personalizado pelos estudantes, o qual permanece com o aprendiz nos diferentes contextos sociais que vivencia. Semanalmente são realizadas rodas de conversa, denominadas “Colcha de retalhos: linhas

familiares. No processo de implementação da proposta com o *Diário de ideias* nas turmas de 1º ano do ensino fundamental na Eseba/UFU (2018 e 2019), agradeço a parceria da Profa. Ma. Vaneide Corrêa Dornellas, da Profa. Ma. Beloní Cacique Braga, da Profa. Dra. Joice Ribeiro e da Profa. Ma. Mariane Hellen da Silva, que assumiram comigo, com coragem e ousadia, o início de um trabalho inovador no contexto escolar.



de experiências”, para que cada participante narre suas experiências registradas para que, com base nelas, possamos implementar mudanças e/ou novas proposições para o trabalho pedagógico com a turma.



Figura 1 – Foto da premiação no 11º Prêmio Professores do Brasil e produção de uma criança no *Diário de ideias*.



No que se refere ao trabalho pedagógico, a experiência com o *Diário de ideias* apresenta a importância do papel ativo das crianças como sujeitos do processo de ensinar e aprender, tendo em vista a participação de todos na proposição de ações a serem empreendidas no contexto escolar, no exercício da leitura e da escrita como processos de comunicação, produção, expressão e desenvolvimento humano. Assim, essa experiência resulta na produção do *Diário de ideias* personalizado e de autoria própria de cada aprendiz, na confecção de cartazes para exposição nos murais da escola, na publicação dos registros em sites educativos, na estruturação de projetos colaborativos e em outras ações.

O projeto desenvolvido na turma de 1º ano do ensino fundamental no ano de 2018, pela professora autora desta obra, foi vencedor nacional no 11º Prêmio Professores do Brasil na categoria Ciclo de Alfabetização (1º, 2º e 3º anos), e pela qualidade e impacto dessa experiência para os processos de ensino e aprendizagem das crianças e professores, o projeto assumiu ampla dimensão em diferentes regiões do Brasil e em âmbito internacional.

Atualmente, a experiência com o *Diário de ideias* é implementada em diferentes escolas, em todas as etapas da Educação Básica, e conta com meu apoio para sua efetivação. Desta forma, tenho realizado formações de professores⁴ mediante cursos de extensão,

⁴ As formações de professores ocorrem em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Uberlândia, com a equipe coordenadora do Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais Julieta Diniz – Cemepe e com gestores e professores de escolas da Rede Municipal de Ensino de Uberlândia. Agradecimento especial à Profa. Adenilce Oliveira Souza,



palestras e acompanhamento de processos de implementação da proposta, com o objetivo de resguardar a singularidade de cada contexto, os princípios que fundamentam o trabalho com o *Diário de ideias*, bem como de garantir a participação efetiva e autoral dos professores que desejarem conhecer e utilizar esta experiência em sua prática pedagógica.

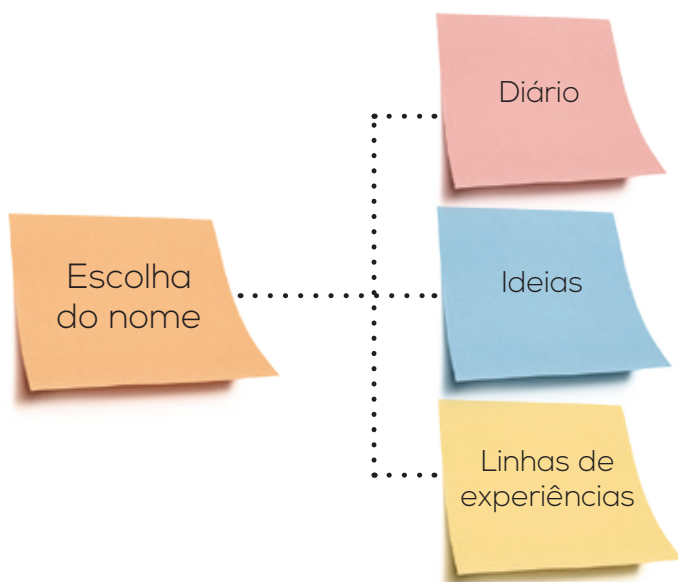
Pensando em todos esses desdobramentos, o presente livro está organizado em cinco capítulos, que se inter-relacionam. Optei por utilizar a ideia de mapa do tesouro, para que os leitores possam identificar pistas e, ao final do livro, encontrar um tesouro. Sendo assim, a primeira pista está na base teórica que constitui o fundamento para o desenvolvimento do trabalho com o *Diário de ideias*. A segunda compõe os objetivos, os princípios metodológicos e as possibilidades de ações que são fundamentais para a efetivação da experiência com o *Diário* no contexto escolar. A terceira consiste em um diário de uma experiência com relato de como o projeto foi desenvolvido com uma turma de 1º ano do ensino fundamental. A quarta indica uma avaliação detalhada do projeto, tendo em vista seus impactos no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes e professores. Como última pista, estão relatos de estudantes, familiares, professoras e estagiárias que participaram da experiência com o *Diário de ideias* na Eseba/UFU, bem como possibilidades de efetivação do *Diário* na Educa-

mãe de uma das estudantes da turma que vivenciou a experiência com o *Diário* na Eseba/UFU, por divulgar o trabalho e tornar possível que esta experiência com a leitura e a escrita fosse vivenciada por professores e estudantes de outras escolas.



ção Infantil. Ao final do percurso, está o encontro com o tesouro, momento em que o leitor observará as considerações finais como uma forma de inspirar a viver em seu cotidiano a leitura e a escrita como experiências subjetivas.

POR QUE O NOME *DIÁRIO DE IDEIAS*: *LINHAS DE EXPERIÊNCIAS* E A CRIAÇÃO DA LOGO



Diário de ideias: linhas de experiências – nome que resguarda as possibilidades de expressão da pessoa, de suas experiências, sentimentos, emoções, ideias, dentre outros elementos. O “diário” consiste em um espaço que presentifica o autor, e que pode ser composto pelo acontecer das ações em meio a processos de imagina-



ção e criação. Diário pode retratar algo privado, mas também algo que pode ser compartilhado com o outro. Mais do que um simples caderno, o diário é um instrumento autoral que coloca cada pessoa como produtora nas suas experiências, ideias e sentimentos.

O termo “ideias” emerge da necessidade do ato de perguntar dos estudantes, de criar, de gerar ideias próprias que em alguma medida possam ser novas e transcender o que está posto. São características essenciais da criatividade no processo de aprendizagem. Ideias que emergem da forma de viver o mundo e de testemunhar a autoria e o protagonismo nas experiências. Ao registrar ideias e buscar formas de colocá-las em prática, rompemos com um modo de viver a educação como algo externo e o aprendiz se insere como sujeito de sua aprendizagem.

A intensidade dos registros, a intimidade do autor para com eles, a estruturação que vai compondo e especifica o diário como algo que é próprio do autor, que conta sua história, marca seu momento vivo e intenso de atuação na cultura. As escolhas do que irá compor o diário, a liberdade para criar, para se expressar, pode mobilizar novas buscas e inquietações. Ao retomar os próprios registros, há um encontro do autor consigo mesmo, com seus interesses, com suas necessidades, seus desafios, com as potencialidades que compõem a sua história de vida. Registros carregados por produções simbólicas e emocionais de viver experiências em diferentes contextos sociais, o que contribui para a compreensão da subjetividade do autor, das produções subjetivas que configu-

ram a aprendizagem. Registros marcados por emoções geradas pelas experiências vividas, e que podem ser compartilhadas com o outro que exercita uma escuta atenta, sensível e interessada, que acolhe, sente, vive com o autor e tece novas possibilidades de perceber o que foi vivido.

Narrar para o outro os registros no *Diário de ideias* significa compartilhar sentimentos e emoções tendo em vista ideias, ações, experiências diversas que conectam com o outro e resvalam, tocando-o em alguma medida, outro esse que passa a viver imaginativamente as múltiplas experiências. Quando narramos uma experiência ou uma ideia, podemos trazer detalhes, criar novas possibilidades durante a narrativa, ampliar o que foi vivido, utilizar gestos e outras formas de linguagem para que todos possam compreender o que estamos falando. Nas narrativas estou em contato com o outro, comigo mesmo e com o que pensamos e experienciamos. Nessa direção, o registro não tem um fim em si mesmo, mas constitui uma via para possibilitar o diálogo em suas múltiplas possibilidades.

Nessas narrativas, formam-se linhas de experiências que tecem os saberes, os conhecimentos, a curiosidade e o interesse pelo que o outro narra, pelo que apresenta em sua singularidade, na diversidade que configura o contexto da sala de aula, em uma trama que entrelaça acontecimentos reais e imaginados, interações com os outros em meio a tempos e espaços diversificados, em uma escuta sensível que promove um silêncio ativo e observador, bem como busca o diálogo com o outro.



Diante das características que compõem o trabalho com o *Diário de ideias*, e da ampla divulgação desta proposta em âmbito nacional e internacional, emergiu o desejo de criar uma logo para resguardar os atributos essenciais que configuram a proposta com o diário possibilitando que tantas outras pessoas interessadas possam fazer uso deste recurso. A ideia central foi desenvolver uma logo que contemplasse a riqueza e os elementos centrais da proposta de trabalho com o *Diário de ideias*. Para isso, contei com a colaboração artística de Eduardo Warpechowski, da Universidade Federal de Uberlândia, tanto para a composição da logo quanto para a diagramação do presente livro e do caderno-diário. A logo foi registrada e hoje faz parte do domínio da Universidade Federal de Uberlândia.

Figura 2 – Imagem da logo *Diário de ideias*



Fonte: a autora

A imagem anterior consiste na logo do *Diário de ideias* elaborada em forma de selo postal que mostra que o documento tem uma marca, uma autenticidade, que valida que no local em que se encontra colado tem algo a ser entregue para alguém. O selo postal consiste em um artefato que legitima a circulação de correspondências. No *Diário*, o selo postal representa tanto a legitimação das ideias como próprias e autorais de seus compositores como a forma como se compartilha com os outros experiências próprias, fazendo circular nossas ideias no mundo e podendo colocá-las em ação.

A marca do livro, representada na logo pela capa de retalhos, retrata a colcha de retalhos, local onde ocorrem as rodas de conversa, para representar a tessitura das várias experiências e ideias que emergem dos relatos e/ou registros dos diários. A sua composição sobre a imagem do globo terrestre traz a mensagem de conectar com o mundo nossas ideias, ampliando cada vez mais as possibilidades de uma escola, com seus participantes, atuante no mundo. A abordagem é a de cidadão do mundo, sob a perspectiva de conectar as pessoas com o que ocorre em diferentes lugares, bem como de levar para o mundo nossa marca, trazendo a leitura e a escrita como formas de inscrição, investigação, autoria e protagonismo diante do que se vive e do que se pode experimentar.



Minhas ideias

Pista número 1¹

O que embasa teoricamente a proposta de trabalho com o *Diário de ideias*?



¹ A escrita deste capítulo contou com a parceria da Profa. Dra. Albertina Mitjás Martínez. O leitor poderá conhecer mais aprofundadamente sobre os conceitos destacados no capítulo, na obra: *Aprendizagem criativa da leitura e da escrita e desenvolvimento: princípios e estratégias do trabalho pedagógico* (MUNIZ; MITJÁS MARTÍNEZ, 2019).

O trabalho com o *Diário de ideias* em sala de aula é fruto de profundos estudos, com investigações que envolvem compreender como as crianças aprendem a ler e escrever, como a criatividade emerge nesse processo e como ocorre o desenvolvimento da subjetividade mediante esse aprender. Para isso, respaldamo-nos na perspectiva histórico-cultural e na Teoria da Subjetividade de González Rey, bem como nas construções teóricas de Mitjans Martínez sobre o tema da criatividade na aprendizagem. Com esse arcabouço teórico, com nossas pesquisas e experiências profissionais na escola, solidificamos nossas elaborações próprias sobre a aprendizagem criativa da leitura e da escrita, trazendo com propriedade teórico-prática o trabalho com o *Diário de ideias*.

Desta forma, apresentaremos de forma geral elementos que embasam nossa proposta pedagógica, e indicamos para os interessados em se aprofundar na temática a leitura da obra *Aprendizagem criativa da leitura e da escrita e desenvolvimento: princípios e estratégias do trabalho pedagógico* (Muniz; Mitjans Martínez, 2019).

1.1 PRINCÍPIOS DA TEORIA DA SUBJETIVIDADE: APRENDIZAGEM COMO PROCESSO SUBJETIVO

A subjetividade, de acordo com González Rey (2012, 2017), pode ser entendida como uma nova e complexa forma de compreender o funcionamento psicológico humano, seja social ou individual, nas condições da cultura. O conceito salienta o caráter gerador



dos indivíduos e grupos, favorecendo a compreensão de como eles, por meio de suas produções subjetivas, transcendem as influências imediatas do contexto da ação.

Com a Teoria da Subjetividade², temos a possibilidade de compreender a aprendizagem escolar como um processo subjetivo, pois ela permite entender como diferentes experiências vividas pela criança em distintos contextos – perpassadas por processos emocionais em unidade com produções simbólicas sociais diversas, tais como raça, etnia, posição social, tipo de organização familiar, dentre outras – se organizam e tomam forma no momento de aprender, junto com outras produções subjetivas que a criança gera nesse processo.

Muitas emoções que emergem na ação de aprender, tais como medo, vergonha, timidez e outras, estão mais relacionadas com a história de vida da pessoa do que propriamente com o que acontece na sala de aula. Todo esse olhar subverte a concepção linear, simplista, cognitivista e determinista dominante na educação. Na medida em que assumimos uma concepção de educação para a vida, teremos o conhecimento e o trabalho com a subjetividade da criança como fonte do trabalho escolar em um estreito vínculo entre aprendizagem e desenvolvimento (González Rey, 2017).

² No presente livro, tendo em vista seu objetivo e tamanho, optamos por elencar alguns aspectos que envolvem a Teoria da Subjetividade desenvolvida pelo professor Fernando González Rey e indicamos outras obras para consulta e aprofundamento dessa importante teoria para o campo da Educação, da Psicologia e de áreas afins (GONZÁLEZ REY, 2003a, 2003b, 2004, 2005, 2008, 2011a, 2011b, 2011c, 2011d, 2014).

A criança chega à escola com uma constituição subjetiva que foi se formando pelas diferentes experiências vividas na sua história anterior e que se expressa de variadas formas em seu momento atual de aprender a ler e escrever. Desta forma, muitos comportamentos ou expressões da criança no momento de aprender são configurados por produções subjetivas que têm sua gênese em outros contextos de vida da criança e se expressam na forma como ela subjetiva a experiência atual de aprendizagem.

Partimos do pressuposto essencial da aprendizagem da Teoria da Subjetividade de que esse é um processo singular, que acontece na inter-relação do social e do individual, assim como do histórico e do atual (González Rey, 2009). Importante ressaltar que conferimos relevância ao conhecimento de aspectos da subjetividade da criança no processo de aprendizagem, uma vez que “[...] permite ter acesso às emoções produzidas em diferentes espaços da vida dos sujeitos e que são levados para a sala de aula” (Rossato; Mitjáns Martínez, 2011, p. 334). No processo de aprender são implicados tanto sentidos subjetivos que foram produzidos em diferentes contextos sociais de atuação da criança quanto sentidos subjetivos produzidos no contexto da ação de aprender (González Rey, 2008, 2015, 2017).

A expressão do sujeito na aprendizagem se presentifica nas suas decisões, reflexões e também em suas produções próprias. González Rey (2008) destaca que, ao aprender palavras, a criança precisa experienciar situações que lhe possibilitem inventá-las, imagi-



ná-las em diferentes contextos. É essa capacidade geradora que o autor define como indicador de um tipo de aprendizagem efetiva, a maneira singular e diferenciada com que o aprendiz faz uso do que aprende diante de diferentes situações e contextos.

A forma como cada estudante elabora a grande quantidade de informação veiculada no cotidiano escolar é singular e está intimamente relacionada aos sentidos subjetivos que participam do momento de aprender. No entanto, nem toda informação fará parte desse sistema, uma vez que não possibilita a produção de sentidos subjetivos que expressem o envolvimento ativo da criança. A informação que se desdobra em recursos subjetivos da pessoa é denominada por González Rey e Mitjans Martínez (1989) de informação personalizada. Ela se integra à configuração subjetiva da experiência e da ação do sujeito em seu caráter ativo, confrontador e subversivo, questão que trataremos no próximo eixo, referente à concepção de criatividade.

No processo de aprender, destaca-se um tipo de aprendizagem em que a produção de sentidos subjetivos possibilita o desenvolvimento pessoal da criança em meio a um caminho próprio, diferenciado e singular, de aprender como sujeito, definido este não “[...] pelas capacidades e processos cognitivos envolvidos no processo de aprender, mas pelas configurações subjetivas que explicam o desenvolvimento dos recursos do estudante nesse processo” (González Rey, 2012, p. 36).

Neste viés, os conteúdos curriculares assumem valor para o desenvolvimento do aprendiz quando se configuram por processos de produção de sentidos subjetivos em que o aprendiz é capaz de atuar com o conhecimento de forma autônoma (Tacca, 2005). Também cobra especial significação na compreensão da aprendizagem como processo subjetivo a subjetivação por parte do aprendiz das relações humanas que se estabelecem no contexto onde a aprendizagem acontece.

Um sistema relacional é constituído pela pessoa em presença e interação com outra. É no encontro que ambas se apresentam com suas constituições subjetivas históricas, e é nele que se geram novos sentidos subjetivos, sempre que ambas estejam implicadas emocionalmente. São trocas que não dependem da subjetividade individual de apenas um dos participantes, mas da subjetividade individual de ambos, as que também incluem de forma singularizada a subjetividade social do espaço onde as relações acontecem (González Rey, 2004). Quando há um sistema relacional em que o outro contribui para que a criança produza sentidos subjetivos como fontes para a emergência de novas configurações subjetivas, este contribui para o desenvolvimento de novos recursos subjetivos (Tacca; González Rey, 2008).

Em termos gerais, queremos destacar que a geração de sentidos subjetivos na aprendizagem não está associada a uma única forma de aprender. Mitjáns Martínez e González Rey (2012) frisam que a produção de sentidos subjetivos está relacionada à implicação



do aprendiz com o seu processo de aprendizagem. Diante do exposto, sinalizamos que o que possibilita caracterizar um tipo ou outro de aprendizagem como exemplificaremos mais à frente, ao tratar especificamente da aprendizagem criativa, é a configuração de sentidos subjetivos historicamente constituídos no aprendiz e de sentidos subjetivos oriundos do próprio processo de aprender nos quais se expressam a forma que subjetiviza as relações e a subjetividade social desse espaço.

Ao considerarmos os aspectos subjetivos no campo da educação, a aprendizagem pode ser compreendida como processo de desenvolvimento. Desta forma, a aprendizagem e o desenvolvimento constituem “[...] dois processos que devem manter uma verdadeira relação recursiva; toda aprendizagem eficiente se torna um processo de desenvolvimento da pessoa.” (González Rey, 2011c, p. 60). Essa relação recursiva rompe com a ideia de causa e efeito diante das situações experienciadas pelo aprendiz, assumindo uma nova forma em que elementos diversos se nutrem uns dos outros sem perder a sua especificidade constitutiva.

Sendo assim, podemos encontrar diferentes formas de aprendizagem e queremos marcar neste trabalho a especificidade de um tipo de aprendizagem complexa, em que a criatividade emerge. Para isso, destacamos as características dessa forma de aprender, que atualmente tem sido demandada em documentos oficiais da educação, bem como pela sociedade como um todo, porém ainda é mais exceção do que regra no âmbito das escolas.

1.2 APRENDIZAGEM CRIATIVA

Aprender criativamente diferencia-se de outros tipos de aprendizagem, principalmente pelo tipo de produção do aprendiz, pela forma como novidade e valor se expressam nessa produção, no sentido de transcendência do dado, assim como pela configuração dos processos subjetivos que a constituem (Mitjás Martínez, 2014; Mitjás Martínez; González Rey, 2017). Como um tipo de aprendizagem complexa, a aprendizagem criativa não é algo simples e comum nos contextos escolares, muitas vezes dominados pelas aprendizagens caracterizadas pela reprodução e memorização das informações (Mitjás Martínez, 2012a). A aprendizagem criativa é a forma como a criatividade se expressa em um campo específico de atividade humana: a aprendizagem.

Mitjás Martínez (2012a, 2012b) enfatiza que a criatividade pode se expressar na aprendizagem mediante a articulação de, no mínimo, três elementos: a) personalização da informação; b) confrontação com o dado; c) produção, geração de ideias próprias e novas que transcendem o dado.

A informação personalizada permite ao indivíduo atuar com a informação em diferentes momentos e contextos e na sua condição de sujeito promover mudanças em seu modo de vida, capazes de abrir espaços de bem-estar em seu cotidiano. Ressaltamos que, assim como se faz importante a aquisição de conhecimentos, deve-se aliar a esse processo a formação de um indivíduo seguro,



ativo, interessado e criativo, que ao personalizar o conhecimento, seja capaz de utilizá-lo na própria vida como fonte para novas produções subjetivas (González Rey, 2004).

Essa relação do estudante com a informação ou com o conhecimento não se estabelece de forma passiva, mas é caracterizada pela confrontação com o dado, na possibilidade de problematização das mais diversificadas informações, com valor para o caráter questionador e também transgressor que configura a categoria sujeito e a faz essencial para uma aprendizagem criativa. Confrontar-se com algo é se colocar reflexiva e intencionalmente diante da situação e de alguma maneira questioná-la.

É uma verdadeira empreitada marcada pelo movimento de busca diante das constantes curiosidades, das dúvidas e dos questionamentos que se têm diante da informação. Implica colocar-se como pensante ante o que é discutido ou mesmo apresentado, na busca de estabelecer relações, conexões, processo que envolve reorganizar, modificar, na culminância da geração de algo novo que vai além do dado. Gerar uma ideia que vai além do que está posto é uma característica da aprendizagem criativa que rompe com a noção de que aprender é apenas reproduzir ou compreender.

A aprendizagem criativa se organiza mediante processos subjetivos diversos, dentre os quais podemos destacar a imaginação, pela possibilidade que reúne de favorecer a transcendência da realidade e a geração de algo novo que, em alguma medida, vai além

do dado. Mitjás Martínez (2014), com base no estudo da obra de Vigotski e da Teoria da Subjetividade de González Rey, destaca importantes ideias que convergem para a imaginação como processo subjetivo que se constitui de experiências e se expressa na inter-relação com a configuração subjetiva da ação do indivíduo (Mitjás Martínez, 2014; González Rey, 2014).

Pesquisas têm apontado o valor da imaginação para a criatividade na aprendizagem (Mozzer, 2008; Amaral, 2006; Hoyer, 2010). Mitjás Martínez (2014) enfatiza que a imaginação é constitutiva da aprendizagem criativa e pode se expressar no mínimo de duas formas: a) vinculada à produção e geração de ideias próprias e novas que transcendem o dado; e b) como elemento funcional da personalidade, em que não apenas participa das configurações criativas relacionadas à aprendizagem criativa, mas se expressa no funcionamento subjetivo mais geral.

Ao salientar que a imaginação constitui uma condição da aprendizagem criativa, assim como Vigotski (1984, 1999, 1997, 2009), reconhecemos as possibilidades da criança em realizar produções que extrapolam o campo concreto de suas experiências. A aprendizagem da leitura e da escrita reúne condições favoráveis para que a criança estabeleça relações diferenciadas com suas próprias experiências, bem como para que crie novas experiências que não tenha vivido. O referido autor apresenta elementos substanciais para o funcionamento da imaginação na ação de criar: a) as experiências anteriores formam a base para as construções da imagi-



nação, mediante a modificação, a reelaboração e a transformação destas pelo indivíduo; b) a ação de criar amplia a experiência do indivíduo para além do que já viveu; c) aponta para a recursividade entre a imaginação e as emoções; e d) o novo pode ser inédito e não se parecer com nada materialmente produzido.

Pelos pressupostos acima, a imaginação participa da criatividade em sua dimensão funcional, ou seja, não necessariamente requer a concreção em um produto, mas se organiza como processo de funcionamento da pessoa (Mijtáns Martínez, 2014). Reconhecemos, como Egan (2009) e Silva (2012), o importante papel da imaginação para a aprendizagem, a qual é expressiva na primeira infância, pela possibilidade de romper com dicotomias que envolvem o cognitivo e as emoções, uma vez que ambos consideram as inter-relações desses aspectos no processo de aprender perpassado pela imaginação. Mesmo que, diferente dos referidos autores, consideremos a imaginação como um processo subjetivo, em que emoções e cognição não aparecem como processos externos que se inter-relacionam, mas como produção simbólico-emocional, compartilhamos da crença na importância do papel de destaque à imaginação no processo de aprender, tendo em vista a complexidade deste.

A aprendizagem criativa pode se expressar em diferentes tipos de aprender, considerando-se o alto grau de envolvimento do estudante com o objeto de conhecimento. Desta forma, optamos por destacar, na presente obra, a forma como a criatividade pode

emergir no processo de aprendizagem da leitura e da escrita, como veremos no próximo tópico.

1.3 APRENDIZAGEM CRIATIVA DA LEITURA E DA ESCRITA

A aprendizagem criativa não está apenas relacionada com o uso do que se aprende em diferentes contextos, mas com a forma como essa aprendizagem possibilita/promove/favorece novas aprendizagens. Podemos exemplificar tal assertiva pelo próprio processo de aprendizagem criativa da leitura e da escrita, em que uma criança começa a fazer tentativas de leitura das regras de um jogo, de um livro de histórias para contar para a irmã e se sentir inserida no contexto cultural do qual participa.

Em nossos trabalhos de pesquisa com estudantes em processo de alfabetização (Muniz, 2012, 2015, 2018; Muniz; Mitjás Martínez, 2012, 2013, 2015, 2018), temos ressaltado que a criatividade emerge na aprendizagem mediante as três características destacadas no tópico anterior, bem como pela relação lúdica. Esta foi definida por nós como a relação pessoal, espontânea, gratuita, investigativa e voluntária do sujeito com a aprendizagem. Relação essa que possibilita a evasão da vida real pela consciência de um faz de conta, de poder ousar nas produções e exceder as experiências vividas, pela criação de regras próprias e de um cenário imaginário.

Compreendemos que na aprendizagem criativa da leitura e da escrita estão presentes processos que envolvem o jogo e o brincar



na singularidade de cada caso. Elaboramos intrincadas relações da relação lúdica com a aprendizagem criativa e, dentre os vários autores que tratam do tema, nossa base teórica incidiu naqueles em que o lúdico não é dado pela especificidade da atividade de jogo em si, mas pela relação que se estabelece com qualquer atividade (Benjamin, 2002; Brougère, 1998).

Destacamos a proximidade com as elaborações de Huizinga (1999), que define elementos essenciais que caracterizam uma atividade como lúdica: a) uma atividade voluntária, em que a liberdade constitui um fator fundamental; b) o caráter desinteressado, gratuito, que favorece uma evasão da vida real, tendo consciência de estar fazendo de conta; c) o fato de se caracterizar também pelo isolamento e pela limitação, sendo processada em campos delimitados de maneira material ou mesmo imaginária, deliberada ou espontânea; e d) o reinado de uma ordem específica e absoluta.

Em consonância com Vigotski (2009), destacamos dois elementos das marcas da brincadeira na criação infantil: a) o caráter instantâneo da criação da obra pela criança, ou seja, de realizar de forma intensa e de uma só vez a sua criação; e b) a ligação com o interesse e a experiência da criança. O caráter inventivo do aprendiz é enriquecido pelas suas experiências da vida cotidiana, sendo por elas orientado (Kishimoto, 2011). É nesta perspectiva que consideramos que, nas elaborações escritas, a criança brinca ao registrar (Barbato, 2008; Costa; Silva; Souza, 2013).

Conceituamos a aprendizagem criativa da leitura e da escrita como uma forma complexa de aprender, expressão da subjetividade humana que se caracteriza pela condição de sujeito na experiência de aprender, na confluência das quatro características, que são: a) personalização da informação; b) confrontação com o dado; c) geração de ideias próprias e novas que transcendem o que está posto; d) relação lúdica com o aprender (Muniz; Mitjans Martínez, 2019).

Nesse tipo de aprendizagem, a criatividade emerge na sua dimensão funcional e também instrumental. Na dimensão funcional, destacamos a condição do aprendiz como sujeito da sua aprendizagem, na criação de caminhos próprios de atuação ao experimentar os processos de ler e escrever como autor, protagonista e empreendendo ações em que a ênfase está na qualidade da atuação com o aprendido, em diferentes contextos sociais. A criatividade se expressa também em sua dimensão instrumental, como na criação de livros de histórias, diários de ideias pessoais, dentre outras possibilidades, que evidenciam a utilização da leitura e da escrita para além do que é solicitado no contexto escolar, como algo que faz parte da vida como um todo. Há uma relação do aprendiz com a leitura e a escrita como processo de comunicação consigo mesmo e com o outro, como um exercício de ampliar seus conhecimentos, bem como uma oportunidade de expressão de ideias próprias, sentimentos e experiências.

A aprendizagem criativa da leitura e da escrita constitui uma



aprendizagem que ocorre em seu caráter sistêmico, e não como processo pontual, em um ou outro elemento do processo de ensino-aprendizagem, tendo em vista a abrangência que o aprender tem nas relações do aprendiz com: a) o contexto de aprendizagem: reconhecimento de ser este um espaço-tempo a ser explorado em suas potencialidades para contribuir com a aprendizagem; b) as produções: expressões escritas, orais, pictóricas em um processo articulado de autoria e empreendedorismo que implica esforço, dedicação e energia do aprendiz. Estão associadas à reflexão, à imaginação, à curiosidade e ao caráter investigativo; c) os conteúdos curriculares: associados a uma postura problematizadora, questionadora diante dos conteúdos, não como verdades absolutas, mas como possibilidades de novas inserções e novas elaborações; d) a utilização dos materiais escolares: abertura para novas possibilidades de suas funções, como a própria criação de cadernos para registros pessoais; e) a avaliação e autoavaliação da aprendizagem: vinculada à responsabilização do aprendiz pelo acompanhamento da própria aprendizagem e desenvolvimento; f) o trabalho pedagógico em geral: expressas em uma relação aberta e problematizadora diante do que é proposto no contexto escolar; g) os sistemas de atividades-comunicação: envolve tanto as relações entre professor-estudante, estudante-estudante, assim como do estudante com o livro, com as atividades propostas e com um outro imaginário. Elas se expressam em um clima comunicativo-emocional de troca de ideias, de defesa do próprio ponto de vista e de flexibilidade para mudanças.

Na aprendizagem criativa da leitura e da escrita, queremos destacar um importante trabalho de González Rey (1991), o texto *La personalidad y su importância en la educación*, no qual o autor aponta a relevância da escola no ensino da leitura, buscando romper com práticas educativas que consideram o ato de ler como um fim em si mesmo e que desconsideram o sujeito que aprende. O autor ressalta a importância da leitura se constituir como unidade subjetiva do desenvolvimento, trazendo alguns pontos essenciais para serem cuidados no contexto escolar, vinculando a leitura para a criança com: a) o interesse por algo particular; b) a necessidade de ler; e c) os conteúdos que lhe resultem instigantes.

Neste viés, o aprendiz poderá viver a experiência da leitura sendo capaz de transformar o que lê e de experienciar o mundo de outra de forma. Por isso, ler não consiste em reproduzir ideias de alguém, mas sim na produção e elaboração própria de algo, constituindo-se como metamorfose do sujeito leitor. Há uma relação do leitor com o texto que o transforma em alguma medida para atuar no mundo de forma diferenciada e, por isso, a leitura não estaria no ato de decodificar, mas no que o leitor é capaz de se transformar pela leitura (Larrosa, 2003, 2010; Cantú, 2011, 2014).

A leitura seria assim uma viagem do sujeito leitor pelo texto, criando uma intimidade liberta que tem na autonomia do leitor as possibilidades de sentir o texto como algo pessoal, que se liga às suas experiências e lhe permite configurar uma leitura secreta. A criatividade do leitor estaria na possibilidade de romper com as



amarras do instituído e de assumir a liberdade de transitar pelo texto e de constituir uma leitura plural pela reciprocidade entre ele e o texto (Certeau, 2011). A leitura consiste em um processo que envolve certa identidade imposta por outro e a descoberta de nossa própria identidade pela leitura, o que demanda pensar por conta própria (Manguel, 2009).

Cantú (2011) propõe, com base em Larrosa (2003), o conceito de *experiência da leitura*, destacando o valor heurístico do termo *experiência* para ressaltar “[...] a possibilidade de abordar o encontro subjetivo com um objeto cultural, tal como é o escrito, sem partir de ‘aspectos’ ou ‘dimensões’ prévias ou anteriores ao dito encontro” (Cantú, 2014, p. 128). O autor diferencia compreensão e leitura, ressaltando que compreender significa apropriação do que está instituído pelas significações socioculturais relacionadas ao escrito, ao passo que ler estaria relacionado à *experiência* como fonte para a produção de novos sentidos subjetivos, e enfatiza que o ato de ler envolve o passado, o presente e o futuro. Na leitura, a *experiência* se realiza como um encontro com algo diferente que nos coloca em confronto e nos mobiliza para a transformação do que lemos e de nós mesmos.

González Rey (2011c) destaca a importância do termo *experiência* sob dois aspectos principais: a) ela sempre acontece como processo de vida atual; e b) transcende as dicotomias interno e externo, assim como ação e subjetividade. A experiência é a organização da expressão humana na diversidade de processos que

a acompanham e está sempre associada à configuração subjetiva da ação. Por isso, a experiência é sempre curso, movimento, devir. Ela nunca é uma expressão da realidade em sua forma exata, mas uma configuração subjetiva do vivido, sendo que “[...] as coisas na experiência humana só existem através do sentido que elas cumprem na própria experiência, e não por aquilo que possam representar fora dessa experiência. Essa é a realidade do humano” (González Rey, 2014, p. 41).

Aprender criativamente a ler e a escrever implica a possibilidade de viver uma experiência subjetiva, trazendo a ideia de que ler e escrever são produções do sujeito que aprende e não uma réplica do real que se internaliza. A experiência subjetiva se caracteriza pela possibilidade que reúne de alternativas subjetivas que não se limitam ao simbólico, como reificação da linguagem escrita e oral, mas em unidade com as emoções geradas na ação, e se constitui como processo da subjetividade humana.

No ensino da leitura, é preciso considerar, dentre outros aspectos, a fantasia, o interesse por palavras novas e a capacidade para elaborar histórias (González Rey, 1991). Em consonância com Tolstoi³, Vigotski (2009) destaca que a criação literária infantil se entrelaça à autenticidade com que as crianças escrevem, mediante uma necessidade real de se expressarem pela palavra. Assim, elas investem em elementos como a clareza e a individualidade, que

³ Obra do referido autor citada por Vigotski (2009).



são pontos que a diferenciam da linguagem adulta, e, ao expressarem seus sentimentos, trazem emoção na concretude dos relatos, em um processo de desenvolvimento da personalidade da criança (Vigotski, 1995, 2004). Essa ideia se contrapõe àquela de um trabalho pedagógico artificial, que desconsidera os interesses e as experiências das crianças.

Neste viés, aproximamo-nos das ideias de Freinet (1975, 1977), para quem a aprendizagem da leitura e da escrita se relaciona à curiosidade infantil e desenvolve a vida afetiva da criança. Tal aprendizagem precisa basear-se na necessidade de expressão e de comunicação da própria criança. O referido autor relaciona a aprendizagem ao desenvolvimento da personalidade da criança, a partir do momento em que ela experiencia esse aprender como algo de sua vida cotidiana, de suas ações e de seus interesses. O autor ainda defende, no trabalho com as crianças, a utilização do texto livre. Dentre os elementos de desenvolvimento da personalidade, o autor destaca o reconhecimento pela criança de sua capacidade de explorar e descobrir coisas novas e a segurança que adquire no diálogo com o outro. Esse processo se articula às elaborações de Chamberlain (2005), para quem a criatividade pode se expressar na escrita pelo seu próprio objetivo de compartilhar pensamentos íntimos com os outros e, por isso mesmo, a escrita não é uma técnica, ela é social e implica comunicação.

Nesse processo, compreendemos, como Benjamin (1992, 1993), a importância das narrativas como a capacidade de trocar experiên-

cias, enriquecida por detalhes do seu narrador. Na aprendizagem criativa da leitura e da escrita, percebemos como a aprendizagem se organiza como uma experiência subjetiva, movida pelo encontro com o outro, com quem dialoga, troca ideias, compartilha experiências, em um movimento de partilhar o que vive. A riqueza de detalhes das narrativas, os gestos, a forma como a criança nos mobiliza a sentir com ela o que vive, em meio a diferentes emoções, precisa fazer parte e constituir o processo de ensino e aprendizagem.

Compreendemos que, se o objetivo é favorecer a aprendizagem criativa da leitura e da escrita (Muniz; Mitjans Martínez, 2019), não é suficiente se deter nos processos de codificação e decodificação; estas são ações importantes, mas não expressam a complexidade do aprender. Como habilidade, o aprendiz pode escrever ou ler algo e quando terminar a atividade não conseguir operar com esse aprendizado. Propõe-se que o ensino da leitura e da escrita esteja em consonância com a formação de um aprendiz produtor e não assimilador de ideias, que seja capaz de, quando ler ou escrever, realizar essas ações pensando, gerando ideias próprias capazes de transformar suas ações.

Para isso, a sala de aula precisa ser um espaço social dinâmico e dialógico, com abertura a provocações, dúvidas e troca de ideias. O diálogo constitui a via para favorecer um espaço-tempo de aprender pautado pelo respeito e pela valorização da produção de ideias e não pela reprodução ou mesmo pela repetição de algo.



Nesta direção, a diversidade está presente em todo e qualquer lugar em que os seres humanos se encontram, tendo em vista a singularidade de constituição e as experiências vividas pelos indivíduos. A diversidade condiz com o ser como único e nos convida à realização de um trabalho pedagógico personalizado, com aprendizagens personalizadas. A diversidade é uma riqueza para o próprio educador planejar e organizar as ações pedagógicas, abarcando a pluralidade de saberes, de vivências, de sentimentos, da própria cultura. Nesta perspectiva, ensinar não constitui um momento de depositar ideias que se esvaziam e se desfazem com o tempo, mas que modificam e transformam os sujeitos ali envolvidos na ação, numa relação dialógica pautada pelo contato vivo e reflexivo, marcado pelo compromisso social no trabalho com o outro (Freire, 2011b).

Em consonância com Freire (2011b), compreendemos que o diálogo consiste em uma via de mão dupla, em que todos os participantes têm o direito de expressão, e envolve ação e reflexão, momento em que a palavra se transforma em práxis (Muniz; Almeida, 2013). Para que se efetive o diálogo, não pode haver dominação de um e/ou uns sobre outro e/ou outros. É preciso que todos os envolvidos exerçam o respeito em igualdade, na diversidade humana. No princípio da dialogicidade, é possível que professor e estudantes criem espaços-tempo de confiança, para que cada um se expresse e a relação flua na direção do acolhimento, da sensibilidade ao que vivo e ao que o outro vive, da busca atenta e instigante por novas experiências, respostas e perguntas.

A própria experiência com a leitura e a escrita destacada por Freire (2011a, p.11) revela o envolvimento das relações com a família, com os diferentes contextos vividos por ele que participaram das ações por ele empreendidas para aprender. Em sua frase célebre – “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele” –, em que a leitura da palavra implica a continuidade da leitura do mundo, compreendemos que o autor vincula as experiências da pessoa com a aprendizagem da leitura e da escrita, em um movimento denominado pelo próprio autor de “palavramundo”, na direção de unir esses dois momentos. Ele destaca ainda que essa aprendizagem precisa garantir o exercício pleno da cidadania.

Concordamos com Freire (2011a) sobre a importância da leitura e da escrita como processos que marcam a vida da pessoa e a inserem na sociedade de maneira única e singular. Compreendemos também que não há uma relação linear entre as experiências da pessoa e a aprendizagem, o que destaca o valor heurístico da Teoria da Subjetividade de González Rey (2016) para a compreensão da forma como a aprendizagem se organiza subjetivamente na pessoa em meio às produções subjetivas que envolvem sua história de vida, os sistemas relacionais dos quais participa a subjetividade social do contexto de aprendizagem, assim como as novas produções subjetivas que podem emergir no momento de aprender.



Para constituirmos um espaço-tempo de viver a “experiência”, tal como destaca Larrosa (2003), como algo que nos toca, nos acontece e nos transforma, é preciso, como professores, que criemos possibilidades de expressão dos estudantes, para que eles falem o que sentem ao viver as experiências, e nos relatos, enriquecidos pelos detalhes, partilhem com o outro que poderá sentir, viver de alguma forma com o outro e transformar tantos outros.

Por isso, o fazer com o *Diário de ideias* no contexto da escola é um fazer compartilhado, construído com todos os participantes, em uma composição da roda como símbolo do diálogo, da escuta, da disponibilidade para ensinar e aprender. Embasamo-nos na proposta dos “Círculos de Cultura” de Paulo Freire, no sentido de trazer as vozes de todos os participantes do processo de ensinar e aprender para as ações cotidianas, tendo em vista as experiências vividas, elementos da cultura que participam da forma de viver de cada um e a riqueza do vocabulário, mediante o diálogo como via para a produção do conhecimento.

Nesse processo, as linguagens são múltiplas e nos permitem processos de comunicação, de nos fazer entender e compreender o outro. Nesse respeito mútuo aos diferentes saberes, tecemos o processo de ensinar e aprender a ler e a escrever como algo que faz parte do cotidiano do estudante e que não constitui um fazer separado de suas experiências, mas que nos permite outras formas de sentir o mundo pela palavra e dizer na palavra o que sentimos, criamos, imaginamos, o que é singular. São linguagens

que precisam fazer parte do cotidiano escolar, da exploração e investigação das crianças, como possibilidades de expressão, comunicação e produção (Edwards; Gandini; Forman, 1999).

Em uma aprendizagem criativa da leitura e da escrita, encontramos o encantamento, o estranhamento, problematizações e a busca por novas possibilidades de aprender. Há um envolvimento gratuito da pessoa com a linguagem escrita, como, por exemplo, ao empreender ações que envolvam, dentre outras possibilidades, elaboração de histórias, de escritas espontâneas sobre suas experiências, busca de confecção de materiais para registros próprios, tais como diários e cadernos, movimento em que a ação de ler e escrever se organiza em meio à imaginação, reflexão e geração de ideias e ações que em alguma medida se direcionam a ir além do que é posto ao aprendiz.

1.4 SISTEMA DIDÁTICO INTEGRAL E AS POSSIBILIDADES DE FAVORECER A EXPRESSÃO DA CRIATIVIDADE NA APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA

Favorecer potencialmente a criatividade na aprendizagem implica um trabalho pedagógico sistêmico e não fragmentado. Dada a importância que tem para o desenvolvimento e a emergência da criatividade a subjetivação singular das experiências vividas pelo aprendiz, é importante que tudo o que o professor planeje e faça em sala de aula esteja direcionado de forma coesa na direção de propiciar experiências potencialmente favorecedoras de desen-



volvimento de recursos subjetivos que possam se expressar na criatividade na aprendizagem.

Por isso a fundamentação de um Sistema Didático Integral (Mitjás Martínez, 1997, 2008; Mitjás Martínez; González Rey, 2017) para propiciar o desenvolvimento da criatividade na aprendizagem, caracterizado pelo caráter sistêmico e constante das ações pedagógicas. Ressalta-se que não basta enfatizar um ou outro aspecto do trabalho pedagógico para favorecer a emergência da criatividade, faz-se necessária a relação sistêmica, coerente, integral e interligada de todas as ações propostas.

A autora destaca que a criatividade como princípio funcional da aula (Mitjás Martínez, 2008) requer mudanças em cada um dos aspectos que envolvem o trabalho pedagógico do professor. De forma geral, o referido sistema indica ações voltadas ao caráter ativo, intencional e participativo do aprendiz, que vão desde como trabalhar os objetivos da aprendizagem até as formas de comunicação e relação com os alunos. Essas ações se inserem nos seguintes aspectos do trabalho pedagógico:

- a. na forma de trabalhar com os estudantes a formulação e seleção dos objetivos de aprendizagem, favorecendo a participação do aprendiz na elaboração e acompanhamento dos seus próprios objetivos de aprendizagem;
- b. na seleção e organização dos conteúdos de ensino e das habilidades e competências a serem desenvolvidas, prezando pela quali-

dade dos conteúdos trabalhados em sua profundidade e não pela quantidade, favorecendo a imaginação, a curiosidade, o caráter investigativo e a geração de ideias próprias;

- c. nas estratégias e nos métodos de ensino, propondo atividades que desafiem o aprendiz e que sejam oriundas dos interesses cotidianos deste, que instiguem sua produção como protagonista. Ensino baseado na formulação de problemas e não na busca de verdades absolutas;
- d. na natureza das tarefas a serem realizadas em classe ou extra-classe e nas orientações para sua realização, através de atividades que envolvam a produção de ideias próprias do aluno, com orientações claras e desafiadoras nessa direção;
- e. na natureza da bibliografia e do material didático e nas orientações para sua leitura, propondo leituras desafiadoras, que instiguem o aluno a pensar e a interagir com a leitura, sendo capaz de ir além das ideias do autor;
- f. no sistema de avaliação e na autoavaliação da aprendizagem, com ênfase na produção, na elaboração reflexiva e individualizada do conhecimento, estimulando a autoavaliação da aprendizagem;
- g. nas relações professor-aluno e no clima comunicativo-emocional que caracteriza a sala de aula, incentivando a reflexão, a curiosidade, a imaginação, estabelecendo relação de troca, de confiança mútua e de exigência. O aluno deve ser valorizado em seu esforço e experimentar desafios constantes.



O Sistema Didático Integral pode caracterizar o trabalho pedagógico do professor nos diferentes níveis que compõem o sistema educativo, ou seja, desde a educação básica até o ensino superior, sempre se adequando às características de cada um deles, às idades e ao nível de desenvolvimento dos aprendizes. Para isso, temos uma pesquisa em andamento (Muniz, 2015; Muniz; Mitjás Martínez; Lima, 2019) e outra obra a ser publicada, que visam contribuir para aprofundamento e ampliação do Sistema Didático Integral no processo de aprendizagem criativa das crianças.

Em nossas pesquisas com crianças que apresentaram uma aprendizagem criativa da leitura e da escrita (Muniz; Mitjás Martínez, 2019), destacamos elementos que configuram como elas aprendem criativamente, para a constituição de recursos subjetivos que dinamizem essa forma de aprender como: gosto pelo desafio, abertura ao novo, autodeterminação, autoconfiança, flexibilidade, autonomia.

Compreendemos e elencamos aspectos importantes que devem ser conhecidos no aprendiz, tendo em vista elementos históricos, atuais, contextuais e subjetivos que poderão ser o alicerce para a organização do trabalho pedagógico. Em nossas investigações (Muniz, 2015) identificamos alguns elementos que participaram do trabalho pedagógico das professoras participantes da pesquisa, que foram favoráveis para que a criatividade emergisse na aprendizagem da leitura e da escrita:

- a. conhecer o aprendiz em seus gostos, preferências, interesses e história de vida;
- b. vincular o ensino e a aprendizagem com as experiências da vida da criança;
- c. favorecer um espaço dialógico e instigador de novas inquietações dos aprendizes;
- d. valorizar as ideias próprias dos aprendizes e suas conquistas;
- e. estabelecer uma relação com alto grau de exigência quanto às possibilidades dos aprendizes na escrita e na leitura;
- f. respeitar à linguagem oral e escrita dos alunos como ponte para reflexões;
- g. favorecer um clima investigativo na relação dos aprendizes com suas próprias produções;
- h. estimular a dúvida, os questionamentos e a participação efetiva dos aprendizes;
- i. proporcionar experiência de leitura e contação de histórias com ênfase na fantasia e na imaginação;
- j. utilizar a biblioteca como espaço para leitura e pesquisa;
- k. diversificar os tipos de atividade e sua realização: individual, em dupla e de forma coletiva;



- l.** favorecer momentos de escrita espontânea em sala de aula articulada ao diálogo com o outro e consigo mesmo;
- m.** propor situações desafiadoras, geradoras de tensões, provocações que possam surpreender e instigar a reflexão e a busca por novas descobertas;
- n.** personalizar o ensino e especialmente as atividades propostas, para que sejam desafiadoras e para que coloquem o aprendiz na sua singularidade como autor e empreendedor de suas elaborações;
- o.** utilizar os livros como recursos de possibilidades de pensamento, de formação de opinião própria, com possibilidade de transcender, em alguma medida, o que foi lido;
- p.** propiciar relação de parceria entre a escola e a família, com ênfase na aprendizagem e no desenvolvimento da criança.
- q.** valorizar os “erros” positivamente, utilizando-os como estímulos para novas produções.

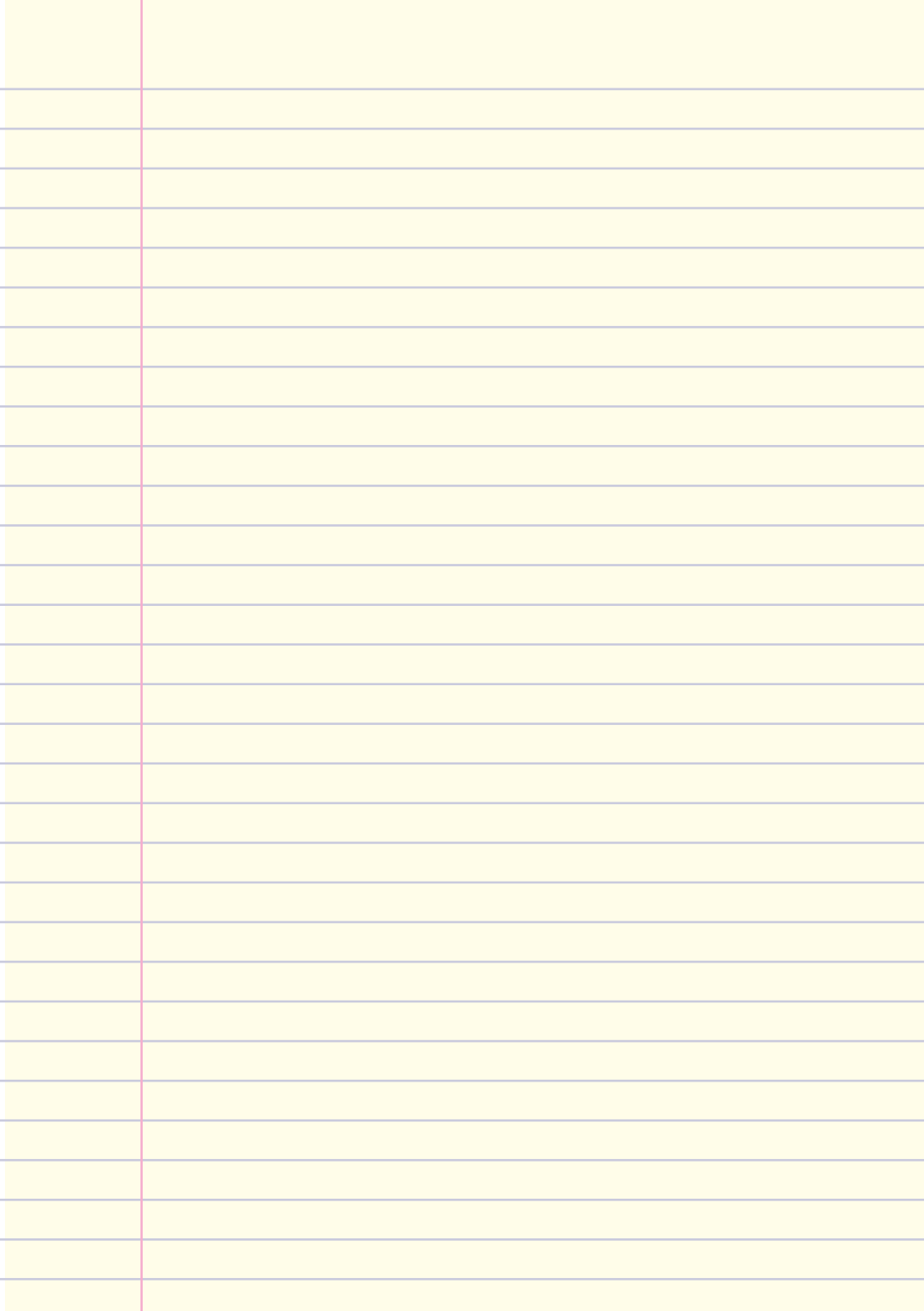
Diante do exposto, propomos o trabalho com o *Diário de ideias* no contexto da escola como uma experiência de aprendizagem da leitura e da escrita que pode efetivar os princípios elencados para o trabalho com esse aprender, em um trabalho que edifica no contexto escolar o entrelaçar das experiências dos estudantes com os conteúdos curriculares, com os objetivos de aprendizagem, com as ações que se efetivam na escola, em um processo

que a torna inserida na sociedade e a configura como uma comunidade educativa.

Com essa experiência, a escola se torna um espaço possível de garantir a expressão autoral e o protagonismo dos estudantes no processo de ensino e aprendizagem com pleno envolvimento no planejamento, nos projetos, nas ações de ler e escrever de forma significativa. Dessa forma, os conteúdos curriculares formam parte da vida dos aprendizes e os estudantes são corresponsáveis por sua aprendizagem, em ações planejadas conjuntamente com os professores, com escuta ativa e efetivação de suas ideias. Sendo assim, apresentaremos no próximo capítulo a metodologia que embasa o trabalho com o *Diário de ideias*, tendo em vista os objetivos, os princípios, as estratégias e as ações para a concretização dessa experiência no contexto da escola.



Minhas ideias



Pista número 2

Metodologia de trabalho

No presente capítulo, organizamos os objetivos do trabalho com o *Diário de ideias*, os princípios metodológicos que envolvem este trabalho, bem como elencamos de forma prática ações que formam parte do trabalho com o *Diário*. Para isso, iniciamos com alguns questionamentos: como desenvolver um trabalho pedagógico em que os participantes do processo de ensinar e aprender emergem como agentes ou sujeitos desse processo? Quais princípios outorgam ao professor liberdade para criar experiências didáticas que contribuam para a expressão dos participantes em um processo autoral e protagonista? Qual metodologia pode contribuir para que a aprendizagem da leitura e da escrita se efetive como uma experiência subjetiva?

Para nosso trabalho com o *Diário de ideias*, assim como em outras propostas de trabalho em sala de aula (Muniz; Mitjás Martínez, 2019), temos reconhecido o valor heurístico dos princípios da Epistemologia Qualitativa que se concretizam na metodologia construtivo-interpretativa desenvolvida por González Rey (1997;

1999; 2000; 2005a; 2005b; 2009; 2011e; 2014; 2016), para serem experienciados e tomar forma no trabalho pedagógico do professor, visando ao conhecimento dos estudantes, não apenas do que sabem em termos de conteúdos curriculares, mas também entendendo as produções subjetivas que compõem o processo de aprender em prol da emergência da criatividade na aprendizagem (Muniz; Mitjás Martínez, 2019).

Dessa forma, queremos destacar o professor como investigador, em um processo que envolve o caráter construtivo-interpretativo do conhecimento, a legitimação do singular como instância de produção do conhecimento e o caráter dialógico do processo de produção de conhecimento. Enfatizamos o potencial da relação dialógica para a utilização dos instrumentos, o que requer o envolvimento do aprendiz na direção de se expressar espontaneamente. Por isso, o diálogo é via essencial para o trabalho com a experiência de aprendizagem com o *Diário de ideias*. Sendo assim, propomos sempre que o professor convide os aprendizes a participarem das ações vinculadas ao diário, o que requer do professor a criatividade para propor possíveis adequações e/ou mudanças nos instrumentos, de modo a favorecer a atuação espontânea e o interesse da criança.

O professor poderá compreender elementos do processo da aprendizagem da escrita e da leitura pelas crianças e ampliar as possibilidades desse aprendizado para além do registro como um fim em si mesmo, da escrita como reprodução, ou mesmo



da leitura como repetição do escrito, de ideias de outros, o que demanda olhar para a singularidade do aprendiz como produtor de conhecimento, em que o foco se coloca na qualidade do processo de exercer a escrita e a leitura, processo esse que envolve os sistemas relacionais e as produções subjetivas, bem como elementos da subjetividade social da sala de aula. Demanda ainda do professor ser criativo, tanto nas elaborações sobre as informações produzidas quanto na escuta sensível, atenta e interessada para as múltiplas possibilidades de expressão das crianças, tendo em vista as diferentes linguagens que o aprendiz pode utilizar.

Além disso, consideramos o processo construtivo-interpretativo¹ que esse tipo de trabalho demanda do professor. Cabe a ele o papel de elaborações de indicadores e hipóteses sobre o processo de aprender dos estudantes, o que contribui para pensar sobre o trabalho pedagógico considerando a possibilidade que esse conhecimento favorece para a reflexão sobre possíveis mudanças na prática pedagógica em prol da aprendizagem e do desenvolvimento do aprendiz.

Para isso, o professor pode realizar registros em seu diário de campo ao longo das experiências com os estudantes, assim como poderá realizar gravações de vídeos e registrar por meio de fotos e gravações em áudio alguns momentos dos instrumentos. Regis-

¹ Para mais informações sobre a Epistemologia Qualitativa e a metodologia construtivo-interpretativa, sugerimos a consulta às obras de González Rey (1997, 1999, 2000, 2005a, 2005b, 2009, 2011e, 2014, 2016).

tros esses que cumprem a função de tomada de decisões perante o que se que elabora, bem como se alinhavam ao planejamento pedagógico. Nesse processo, o professor poderá acompanhar a aprendizagem e o desenvolvimento de cada estudante e da turma como um todo, em um processo de avaliação processual com tomada de decisões e proposições de ações visando à aprendizagem e ao desenvolvimento de todos.

2.1 OBJETIVOS DO TRABALHO COM O DIÁRIO DE IDEIAS

Os questionamentos mencionados anteriormente são essenciais diante dos objetivos que abarcam o trabalho com o *Diário de ideias*. São eles:

- a. criar espaço de registro e investigação da escrita e da leitura de mundo pela criança;
- b. entrelaçar as propostas do trabalho pedagógico com as experiências da vida dos aprendizes;
- c. oportunizar às crianças a compreensão da leitura e da escrita como processos de comunicação, produção e expressão;
- d. contribuir para o desenvolvimento da subjetividade.

Diante de tais objetivos e do arcabouço teórico que envolve o trabalho com o *Diário de ideias*, enfatizamos o caráter de *estudantes aprendentes e ensinantes*. O trabalho com o *Diário* fomenta a participação ativa, autoral e protagonista dos estudantes e professo-



res em um processo que envolve aprender e ensinar com o outro. Participam dessa experiência inovadora princípios essenciais que tornam esse trabalho possível de ser construído conjuntamente com os participantes da proposta.

2.2 PRINCÍPIOS DO TRABALHO COM O *DIÁRIO DE IDEIAS*

Elaboramos princípios fundamentais que configuram o trabalho com o *Diário de ideias* no contexto escolar, dentre os quais estão:

- a. escuta sensível, atenta e interessada para o que se narra e para o que o outro narra;
- b. participantes professores, estudantes e familiares formam parte do processo de ensinar e aprender como autores, protagonistas, aprendentes e ensinantes, presentificando-se no planejamento das ações a serem empreendidas;
- c. diálogo como via para tecer saberes e conhecimentos e gestão dialógica de conflitos, atuando com os sentimentos e as emoções produzidos no contexto da escola, dos quais participam diferentes experiências vividas em outros contextos sociais;
- d. leitura e escrita *do* e *no* mundo experienciado pelos aprendizes como possibilidade de expressão, produção e comunicação;
- e. potencialidade das diferentes linguagens infantis presentes na composição dos diários, nas rodas de conversa e de forma geral no contexto da escola;

- f. espaço-tempo para as narrativas sobre os registros, sobre o vivido e o imaginado, enriquecidas de detalhes pelos participantes;
- g. professores e aprendizes como investigadores e questionadores *do/sobre* o mundo e *de/sobre* si mesmos, de facilidades, dificuldades, interesses e potencialidades;
- h. forma de trabalho personalizada, com os conteúdos curriculares e com a aprendizagem dos estudantes;
- i. trabalho conjunto com os objetivos de aprendizagem da leitura e da escrita, o que envolve assumir compromissos em um processo dialógico entre professor e estudantes;
- j. diversidade presente no espaço-tempo da sala de aula como base para as ações pedagógicas a serem desenvolvidas, com ênfase no pertencimento de todos ao processo de ensinar e aprender.

A seguir, procuramos destacar estratégias e ações que podem ser implementadas no trabalho com o *Diário de ideias*. É importante salientar que todas as ações foram realizadas com nossas turmas e podem ser replicáveis em qualquer outro contexto escolar, desde que seja resguardada a singularidade e a autoria de todos os participantes da experiência e se considere a singularidade do contexto em que ocorrerá a prática. Optamos por apresentar cada momento do trabalho com o *Diário de ideias* de forma separada, para podermos especificar a riqueza e os detalhes de cada uma das ações, porém todos os momentos são interligados e fazem parte de um mesmo processo metodológico. Recorremos à utili-



zação de imagens² para ilustrarmos as experiências vividas, para trazer outra forma de linguagem para expressar a riqueza dos momentos vividos com o *Diário de ideias*.



² Para a presente publicação, contamos com a autorização prévia dos familiares responsáveis pelos estudantes, com o uso de imagens, informações, produções e a utilização dos nomes verdadeiros de todos os participantes da experiência, tanto para a realização do trabalho que ocorreu ao longo do ano letivo como para compor o presente livro. Assim também buscamos a autorização prévia das professoras e estagiárias que trouxeram seus relatos sobre a experiência com o *Diário de ideias* para compor a presente obra. Respeitamos o desejo e o pedido de todos os envolvidos no processo de terem seus nomes e fotos divulgados.

2.3 PERCURSO METODOLÓGICO

Tendo em vista os princípios norteadores da proposta com o *Diário de ideias*, destacamos possibilidades de percursos metodológicos para o desenvolvimento da proposta com os estudantes. Elencamos momentos fundamentais para a constituição da experiência com o diário. Vale ressaltar que todos os momentos estão inter-relacionados, mas optamos por apresentar cada um de forma separada, apenas para organizar as ideias e contribuir com um melhor entendimento da proposta pelo leitor.

É importante destacar que cada momento destacado a seguir emergiu de nossas observações do cotidiano da escola, dos aprendizes em suas experiências, da escuta sensível, atenta e interessada dos interesses, das necessidades e das potencialidades dos estudantes, de nossas inquietações e pesquisas que fundamentam uma experiência inovadora, que traz a autoria e o protagonismo de todos os envolvidos no processo de ensinar e aprender.

Por isso, todo o processo descrito faz parte do que é próprio dos estudantes, trazendo suas vozes na própria dinâmica de constituição do trabalho. Assim, foi possível alinhar uma organização própria de trabalho pedagógico que pode ser assumida em diferentes contextos sociais, pois traz a essência da aprendizagem como um processo subjetivo. Cada professor poderá alinhar seu trabalho com elementos dessa experiência e garantir os princípios que a envolvem, pois não se trata apenas de um caderno que é en-



tregue aos estudantes para registros, o *Diário* carrega em si uma profundidade teórico-prática que resguarda seus princípios.

2.3.1 *Diário de ideias*: material para ser utilizado

Para a criação do Diário, utilizamos folhas de papel coloridas em tamanho A4 divididas ao meio, totalizando 50 folhas (nas cores azul, rosa, branca, amarelo e verde — sendo 10 para cada cor), com um total de 100 páginas, e encadernamos com uma capa³ contendo a foto e o nome da criança. Atualmente, o Diário de ideias tem uma logo registrada que compõe a capa do livro/diário e dos cadernos/diários. O caderno/diário⁴ possui uma publicação própria que pode ser adquirida, produzida e utilizada pelos(as) estudantes, professores(as) e demais interessados (Muniz, 2020).

Figura 3 – Capas dos *Diários de ideias* utilizadas na primeira versão do trabalho – 2018



Fonte: a autora

³ A capa do *Diário de ideias* que foi utilizada com a turma do 1º ano de *ensino fundamental* em 2018 contou com a colaboração artística da Profa. Ma. Vaneide Corrêa Dornellas.

⁴ Como obra conexa, a versão do caderno Diário está disponível em www.edufu.ufu.br.

2.3.2 Processo formativo com os familiares

O desafio no planejamento das ações consiste em engajar as crianças no exercício de escrever suas experiências, na leitura do mundo, com a parceria da família nesse processo, oportunizando momentos formativos e de diálogos com aprendizes e seus familiares. Consideramos essencial a inclusão dos familiares nessa experiência, tendo em vista que muitos registros podem estar vinculados às experiências em contextos sociais fora da escola (Muniz, 2012, 2016).

Priorizamos a permanência do *Diário* com o estudante, seja na escola ou em outros contextos sociais, para que o aprendiz possa exercer a escrita e a leitura tendo por base suas necessidades e interesses, tendo o diário sempre disponível para registros imediatos. Realizamos trabalhos formativos com familiares em diferentes momentos ao longo do ano letivo para troca de ideias, para a busca de parceria no processo de ensino e aprendizagem das crianças, para que sejam protagonistas nessa empreitada.

Para isso, temos diálogos com os familiares sobre concepções de leitura e escrita, sobre a forma como esses processos participam da vida dos familiares, bem como para compreender as expectativas destes em relação à aprendizagem dos estudantes, as diferentes formas como a leitura e a escrita estão presentes no cotidiano das famílias, os vínculos afetivos e as interações entre familiares e estudantes, dentre outros temas (Anexo 1).



Promovemos oportunidades de espaços compartilhados de atividades escolares que são enviadas para os estudantes e experienciadas com seus familiares, que realizam observações de gostos, preferências, dificuldades e potencialidades da criança em distintos contextos por um período de aproximadamente uma semana e registram em uma folha as descobertas (Anexo 2).

Todo esse conhecimento que os familiares trazem forma parte das ações a serem implementadas na escola, pois é possível conhecer os pontos essenciais que podemos trabalhar e trazer para o contexto da sala de aula, como: repertórios musicais, materiais para leitura que fazem parte do cotidiano das famílias, dentre outras possibilidades. Ele possibilita ainda ações que promovam novas formas de leitura e escrita pelos familiares, buscando sempre a parceria de todos no processo de ensino e aprendizagem.

Um dos pontos essenciais que é trabalhado com os familiares tem a ver com as maneiras como registramos o mundo pela nossa forma de ver e de senti-lo. Ou seja, os registros das crianças, em sua maioria, são feitos pelos adultos, com o olhar do que para eles foi mais relevante registrar. Diante dessa informação, lançamos a seguinte pergunta aos familiares: como seriam os registros *do/no* mundo, das experiências, se fossem feitos pelas crianças? O que elas guardariam de lembrança? O que seria mais importante e essencial para elas? Após as problematizações, realizamos juntos com os familiares a leitura do poema a seguir:



O Homem da Orelha Verde

Gianni Rodari

Um dia num campo de ovelhas
Vi um homem de verdes orelhas
Ele era bem velho, bastante idade tinha
Só sua orelha ficara verdinha
Sentei-me então a seu lado
A fim de ver melhor, com cuidado
Senhor, desculpe minha ousadia, mas na sua idade
de uma orelha tão verde, qual a utilidade?
Ele me disse, já sou velho, mas veja que coisa linda
De um menininho tenho a orelha ainda
É uma orelha-criança que me ajuda a compreender
O que os grandes não querem mais entender
Ouço a voz de pedras e passarinhos
Nuvens passando, cascatas e riachinhos
Das conversas de crianças, obscuras ao adulto
Compreendendo sem dificuldade o sentido oculto
Foi o que o homem de verdes orelhas
Me disse no campo de ovelhas.

Após a leitura do poema, promovemos um momento de reflexão sobre os tipos de registros que fazemos das crianças e a forma como podemos ampliar a escuta para o que elas nos relatam. So-



bre os registros feitos no cotidiano dos familiares, observamos que são realizados por eles próprios e nem sempre contam com o olhar da criança para as situações vividas. A riqueza do trabalho com o *Diário de ideias* com a parceria dos familiares reside na forma como ele favorece o diálogo e as trocas de ideias sobre as experiências vividas, o que permite o conhecimento de gostos, dificuldades, facilidades, potencialidades e de muitos outros aspectos que envolvem o processo de aprendizagem e o desenvolvimento dos estudantes. Um conhecimento do ser humano que perpassa pelo que ele sente vivendo o mundo.

Figura 4 – Espaços formativos com os familiares – 2018





Fonte: Acervo da autora, 2018.

Reconhecemos que o trabalho com o *Diário de ideias* favorece a aproximação entre os familiares e sua participação efetiva no contexto escolar. São histórias de vida, experiências diversas que se entrelaçam com o processo de ensinar e aprender, constituindo o espaço-tempo da sala de aula e da escola como um todo, um lugar de pertencimento de todos os envolvidos. Acreditamos que a aprendizagem como processo subjetivo precisa estar alinhavada com a parceria com a família, na direção de estarmos juntos para garantir o bem-estar e aprendizagens mais complexas dos estudantes. Destinamos o capítulo 5 da presente obra para trazer relatos dos familiares sobre a experiência vivida com o *Diário de ideias*.



2.3.3 A leitura e a escrita na vida cotidiana do aprendiz: pertencimento, autoria e protagonismo no processo de ler e escrever

As ações que empreendemos com os estudantes em sala de aula precisam contar com o pertencimento, a autoria e o protagonismo dos estudantes na caminhada vivida. Para isso, lançamos para os estudantes algumas perguntas: o que vamos aprender no 1º ano do ensino fundamental? Vamos descobrir mais sobre a leitura e a escrita? O que e como vamos fazer para aprender mais sobre ler e escrever?

Acreditamos que, é primordial que o professor investigue como a leitura e a escrita se presentificam no dia a dia dos estudantes, tendo em vista as diferentes experiências vividas nos distintos contextos sociais. Neste trabalho, necessitamos convidar, criar um espaço-tempo para que a aprendizagem e o ensino possam contar com a vez e a voz dos estudantes e professores. Consideramos que esse momento constitui a criação do *cenário social* da aprendizagem da leitura e da escrita (Muniz; Mitjás Martínez, 2019) que, inspiradas em González Rey (2017), criador do cenário social da pesquisa, definem a importância de o professor proporcionar ações que engajem os estudantes como agentes ou sujeitos⁵ do

⁵ O conceito de agente ou sujeito pode ser aprofundado nos trabalhos atuais de González Rey e Mitjás Martínez (2017, p. 73), que destacam o conceito de agente, diferentemente de sujeito, como a pessoa capaz de ser ativa no curso de uma experiência vivida, mesmo que não consiga abrir novos processos de subjetivação perante o estabelecido. Assim, o que diferencia o conceito de sujeito do de agente não é seu caráter ativo, consciente, propositivo, emocional, pois ambos os conceitos incluem essas características, a diferença radica em que o sujeito, diferentemente do agente, no devir das ações, “[...] abre uma nova via de subjetivação, que transcende o espaço social normativo dentro do qual suas experiências

processo de ensinar e aprender, o que envolve convidá-los para conhecerem os objetivos de aprendizagem, para participarem ativamente como protagonistas e autores do planejamento e assumirem juntos as ações a serem empreendidas.

Para a criação do cenário social da aprendizagem, propomos momentos que envolvem reflexões sobre as temáticas: história da escrita, registros e leitura das crianças no cotidiano, produção de ideias a partir da literatura infantil⁶ mediante rodas de conversa. A contextualização da leitura e da escrita na vida da criança, trazendo para o espaço-tempo da sala de aula o que ela vivencia em outros espaços sociais, pode ser potencializada por meio de rodas de conversa em que cada participante expressa suas observações sobre o mundo. O importante nesse momento é a problematização com a turma com perguntas geradoras:

Por que e como a escrita foi inventada?

O que realizamos e observamos de leitura e escrita no cotidiano e o que registramos do/no mundo?

Por que aprender a ler e a escrever e como podemos aprender?

acontecem, exercendo opções criativas no decorrer delas, que podem ou não se expressar na ação” (MUNIZ; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2019).

⁶ Destacamos que todo o trabalho que envolveu a utilização da literatura infantil no presente livro constitui via para a expressão dos estudantes, bem como um espaço-tempo para vivenciar a leitura e a escrita como possibilidades geradoras de diferentes emoções, conhecimentos de temas, proposições de ideias, com ênfase na forma singular com que cada estudante lê. Desta forma, rompemos com a didatização da literatura infantil e a presentificamos de outras formas no contexto escolar.



Diante dessas perguntas, convidamos as crianças à reflexão e registramos em cartazes as hipóteses delas. Os cartazes são fixados no mural da sala de aula para que todos possam observar e consultar quando considerarem necessário. Esse trabalho pode ser feito em roda de conversa e precisa contar com a participação de todos os envolvidos no processo. A seguir, destacaremos algumas ações que podem ser utilizadas pelos professores para esse convite e problematização das questões anteriores, para que todos possam ser sujeitos ou agentes do processo de aprendizagem da leitura e da escrita.

a) Por que e como a escrita foi inventada?

Realizamos um trabalho com a história da escrita com o objetivo de investigar os motivos que contribuíram para que ela fosse inventada e para entender como ocorreu esse processo. Realizamos a leitura do livro de Ruth Rocha e Otávio Roth, *O livro da escrita*⁷. Após a leitura da obra, buscamos problematizar com as crianças como seria o mundo sem escrita e como ele é com a escrita. Além disso, nesses processos de reflexão, realizamos pesquisas na internet para encontrar histórias que contassem sobre os motivos pelos quais a escrita foi inventada, partindo sempre da necessidade humana de comunicar ideias, de registrar fatos e experiências, dentre outras possibilidades.

Propomos o registro pelos estudantes de dois mundos diferentes,

⁷ ROCHA, 2009.

imaginando um mundo em que o registro escrito não existiria e outro mundo em que ele existe. Para isso, disponibilizamos a tabela abaixo em tamanho ampliado em A4 para cada criança.

Tabela 1 – Como imagino um mundo sem escrita e um mundo com escrita?

Imagine dois mundos diferentes e registre suas descobertas em cada um deles:	
Um mundo sem registro escrito	Um mundo com registro escrito

Fonte: a autora

Depois da investigação, contamos com um momento para compartilhar nossos registros e ideias, bem como elaboramos um painel escrito contendo as informações de cada estudante para cada mundo imaginado. Esse é mais um material para compor o mural da sala de aula, para que os estudantes possam visualizar suas inserções, opiniões, dúvidas, ideias e outras tantas formas de participação.

Em seguida, propomos uma atividade com argila, como uma das formas de registro mais antigo, para que cada aprendiz expresse



uma ideia ou algo que queira comunicar para outras pessoas. Para isso, cada estudante recebe um pedaço de argila, um palito de picolé e uma folha para apoiar a argila na mesa. Com as produções nas argilas, realizamos uma exposição para a comunidade escolar com o propósito de divulgar os trabalhos. É um movimento de sentir, de viver, de experienciar um pouco da história da escrita como nossa!

Em outra aula, exploramos com as crianças o que sabem sobre como é feito o papel e de onde ele vem. Depois, convidamos a turma para assistir aos vídeos: “De onde vem o papel?”⁸ e “De onde vem o livro?”⁹. O professor escolhe uma aula para cada vídeo ou combina com a turma de assistir os dois em uma aula. Nos vídeos podemos compreender a importância do papel, a sua origem e também como a imprensa foi criada e os livros confeccionados. Essa problematização é fundamental para que os estudantes compreendam a importância do papel, da criação humana e das possibilidades que temos de ir além do que já existe, ou seja, criando novas receitas para fazer papel ou mesmo atuando como defensores da natureza, cuidando cada vez mais do meio ambiente.

⁸ DE onde vem o papel?, 2002a.

⁹ DE onde vem o livro?, 2002b.

Figura 5 – Produção de mensagem em argila – 2019



Fonte: a autora

Realizamos com a turma o trabalho de criar papel reciclado e, para isso, propomos a busca de papel pela escola, procurando papéis jogados no lixo, trabalhando a separação do lixo e receitas para reciclar papel. Todo esse trabalho é fundamental para que os estudantes conheçam a origem do papel que utilizam para seus registros.

Ao final ou mesmo durante os trabalhos, retomamos com os estudantes a pergunta “Por que e como a escrita foi inventada?”, e convidamos a turma para mais um momento de pensar sobre a pergunta, tendo em vista as hipóteses e as experiências vividas.



b) O que realizamos e observamos de leitura e escrita no cotidiano e o que registramos do/no mundo?

O que lemos no dia a dia?

A realização das rodas de conversa é fonte para o diálogo, com o saber ouvir e falar com o outro, ser escutado e observar no outro a forma como recebe a mensagem, assim como recebemos a mensagem do outro, para que a diversidade esteja presente e seja respeitada. Para isso, propomos momentos de conversas sobre os lugares em que os estudantes observam a escrita e os momentos em que precisam ler algo ou que observam a leitura e a escrita realizada por outras pessoas. Nesse momento, realizamos a leitura do livro *Pirata de palavras*¹⁰, de Jussara Braga, e promovemos um espaço de diálogo com a turma sobre o que observam cotidianamente em registros escritos.

Incluimos um trabalho investigativo com rótulos e embalagens que estão presentes no cotidiano das crianças, contando com a parceria dos familiares para o envio desses materiais para a escola. Exploramos em rodas de conversa os tipos de materiais e fazemos juntos com os estudantes a separação dos rótulos e das embalagens tendo por base critérios construídos no grupo que podem envolver: tipo de utilização, local em que são guardados nas casas e outras possibilidades.

Depois da exploração e separação dos materiais, organizamos

¹⁰ BRAGA, 2017.

grupos de quatro e/ou cinco estudantes para fazer uma lista dos produtos de cada seção e organizamos uma exposição na escola com os materiais. Essas atividades demandam trocas de ideias constantes e o exercício da escrita. É um trabalho de presentificar o estudante no contexto de suas experiências com a leitura e a escrita em distintos contextos sociais que vivencia como participante ativo nos processos, como, por exemplo, compondo uma lista de supermercado, entendendo a diferença entre marcas, símbolos, tipos de produtos e outros elementos.

Realizamos com a turma passeios pela escola em que cada criança leva uma prancheta com uma folha em branco para registrar o que identifica que está escrito nos painéis dos corredores, nas paredes e nos demais lugares da escola. Diante dos registros, fazemos reflexões com a turma sobre o que encontraram no passeio, o que não conheciam, o que observaram com mais detalhes e propomos pensar em novas possibilidades de tipos de registros escritos para compor painéis da escola que possam comunicar mais para os aprendizes.

Após o passeio pela escola e o trabalho com as descobertas em sala de aula, realizamos a leitura do livro *O menino que aprendeu a ver*¹¹, de Ruth Rocha, para a turma, com o objetivo de promover um espaço de troca de ideias sobre o que cada estudante observa nos diferentes contextos sociais que experiencia.

¹¹ ROCHA, 2018.



Figura 6 – Investigações da escrita no contexto da escola – 2019



Fonte: a autora

O que registramos em nosso dia a dia?

Para iniciar o diálogo sobre os nossos registros cotidianos, realizamos a leitura da história *A vida selvagem: diário de uma aventura*¹², de Cláudia Rueda. Após a leitura, dialogamos com a turma sobre as experiências vividas, as ideias que temos e a forma como realizamos registros em nosso dia a dia. Os estudantes levam para a escola cadernos, diários, agendas, papéis picados e outros suportes que utilizam para registros no dia a dia. A escrita está presente nas mais variadas formas da vida da criança, seja para enviar mensagem para um colega, para expressar seus sentimentos por alguém – o que ocorre muitas vezes pela elaboração de cartas, pela escrita de palavras que gostam e através de muitas outras possibilidades que nos indicam a presença da escrita na vida dos estudantes e a necessidade dela como um veículo de expressão, produção e comunicação própria consigo mesma e com o outro.

Ao final ou mesmo durante os trabalhos, retomamos com os estudantes a pergunta “O que realizamos de leitura e escrita no cotidiano e o que registramos do/no mundo?” e convidamos a turma para mais um momento de pensar sobre a pergunta, tendo em vista as hipóteses e as experiências vividas.

¹² RUEDA, 2007.



c) Por que aprender a ler e a escrever e como podemos aprender?

Caça ao tesouro das nossas ideias

A atividade de caça ao tesouro é algo que encanta os estudantes, que os coloca ativos e interessados em buscar pistas e respostas, efetivando o exercício da leitura e da escrita em sua essência. Antes de iniciar a caça ao tesouro, fazemos uma tempestade de ideias com a turma sobre o que sabem e o que seria um tesouro para cada estudante. Nesse momento, encontramos com o olhar da criança ao trazer o tesouro como o que cada uma tem em si, as amizades como algo valioso, assim como a ideia do tesouro de piratas, repleto de objetos valiosos.

Iniciamos a caça ao tesouro pela escola com a leitura da primeira pista na sala de aula e depois seguimos com a turma na busca de encontrar e desvendar as outras pistas. A seguir, colocamos as pistas utilizadas:

PISTAS DA CAÇA AO TESOIRO – DIÁRIO DE IDEIAS

Pista 1 (local: rampa): “Me usam para descer e sou bem inclinada!”

Pista 2 (local: escada): “Tenho degraus!”

Pista 3 (local: refeitório): “Lugar para refeições!”

Pista final (local: floresta encantada): “Árvore grande com muita sombra.”

Optamos por colocar todos os diários em uma mala para representar o tesouro e escolhemos uma árvore para deixar o tesouro a ser encontrado pela turma.

Figura 7 – Descoberta do tesouro: Diário de ideias – 2019



Fonte: a autora



Após encontrarem os diários, realizamos uma roda de conversa sobre o significado de uma árvore tendo em vista sua importância para tantas pessoas e, assim como as árvores, percebemos como nossas ideias podem fazer a diferença para muitas pessoas e para o mundo. Nesse momento, também combinamos uma forma de utilização do diário tendo em vista, dentre outros aspectos, a quantidade de folhas a serem utilizadas semanalmente, a dinâmica das rodas para as narrativas, a forma como o diário ficará com a criança o tempo todo e em diferentes contextos.

Como tarefa de casa, os estudantes conversam com os familiares sobre o *Diário de ideias*, sobre as diferentes formas de registro e sobre o que gostariam de inserir no diário, assim como conversam com os familiares sobre os momentos de utilização dele em diferentes contextos. É feita então a seguinte combinação:

- o diário ficará com a criança o tempo todo;
- o diário precisa estar na escola todos os dias com a criança;
- os registros são dos estudantes e podem contar com o apoio dos familiares, fazendo *com* e não *para* a criança;
- diálogos serão feitos sobre os registros uma ou mais vezes na semana, em nossa roda de conversa sobre a colcha de retalhos.

No dia em que recebem o *Diário de ideias*, realizamos o conhecimento do material com os estudantes e exploramos alguns ele-

mentos matemáticos, tais como: quantidade de páginas, forma geométrica do caderno, número de páginas a serem utilizadas durante a semana, quantidade total de folhas de todos os diários dos participantes do projeto. Aqui, também retomamos uma das perguntas iniciais do trabalho:

Por que aprender a ler e a escrever e como podemos aprender?

Queremos trazer para as crianças a importância de uma aprendizagem que esteja relacionada com o que vivem, com suas experiências, com suas ideias, para que possam ter a possibilidade de fazerem seus próprios registros sobre o mundo. Desta forma, retomamos o cartaz com as respostas dos estudantes para ampliar as possibilidades que o trabalho com o diário pode ter para a aprendizagem da leitura e da escrita, bem como para a participação atuante da criança no mundo e nas experiências que vive.

2.3.4 Registro das experiências nos diários pelas crianças

O diário é um material do aprendiz que pode ser utilizado no espaço-tempo da escola e em outros lugares. O registro no caderno é algo totalmente livre para ser realizado pelo autor do diário. Dentre outros elementos, os aprendizes (Anexo 3): registram palavras, frases e textos; criam palavras; inventam histórias; contam curiosidades, gostos, preferências e interesses por temas diversos; fazem elaborações pessoais etc. Expressam a riqueza da linguagem da criança, a diversidade e utilizam diferentes recursos materiais, tais



como: papéis coloridos, cola colorida, lantejoulas, rótulos, embalagens, elementos da natureza, dentre outros.

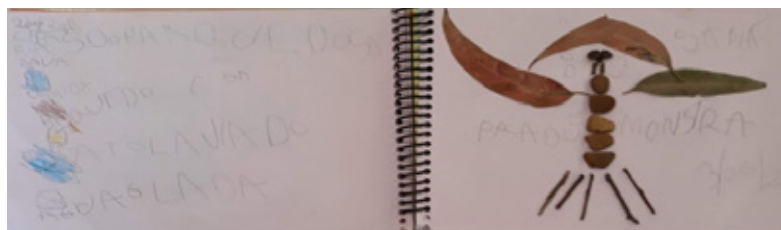
A composição do *Diário* pelo autor pode ser realizada em qualquer espaço de atuação dos estudantes. Sendo assim, a própria escola pode ser um local de inscrição nos diários, em que os estudantes possam registrar suas experiências e as ideias que emanam de momentos vividos no contexto da escola, ou mesmo o registro de algo que imaginaram, lembraram. Para contribuir e inspirar os estudantes, realizamos a leitura dos livros *Diário de uma minhoca*¹³ e *Diário de uma aranha*¹⁴, ambos de Doreen Cronin. Com as histórias, problematizamos o que podemos registrar diariamente sobre nossas experiências e ideias. Para isso, realizamos rodas de conversa após a leitura das histórias, para que cada estudante possa expressar o que compreendeu e as ideias que teve.

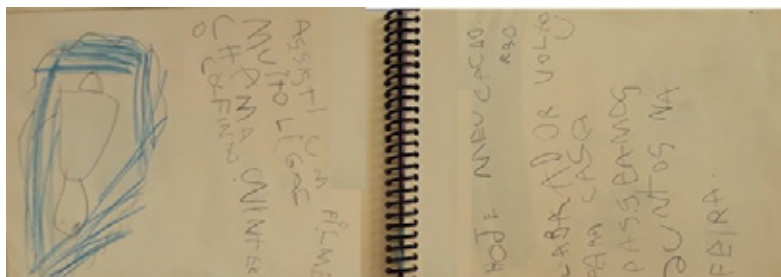
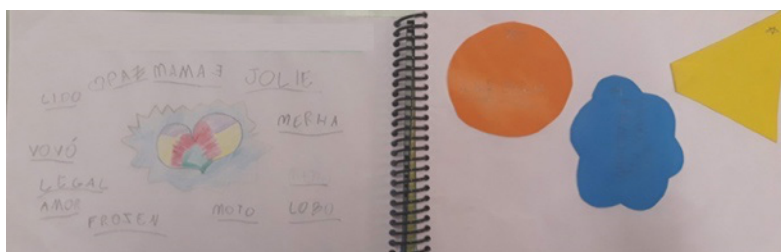
Por isso, o professor poderá deixar livre a utilização do diário e fazer combinados com a turma sobre esse processo no âmbito das aulas. É preciso frisar também que, antes do acontecer das rodas de conversa, o professor convida os aprendizes a apreciarem seus diários e a finalizarem alguma produção, destinando um tempo de aproximadamente vinte minutos, tempo que vai depender de cada sala de aula, para que os estudantes escolham os registros para serem compartilhados e trabalhem mais em suas obras.

¹³ CRONIN, 2004a.

¹⁴ CRONIN, 2004b.

Figura 8 – Produções autorais dos estudantes nos Diários de Ideias – 2018



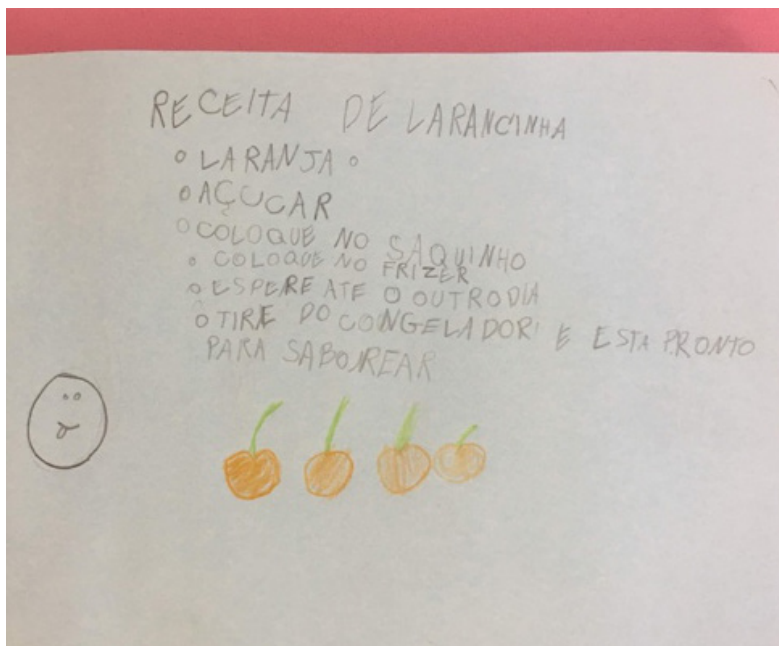


Fonte: a autora

Observamos que o diário também se constitui como algo sensorial para os estudantes, trazendo cheiros para serem compartilhados, sabores para degustar, instrumentos para serem ouvidos, objetos para serem tocados, em um processo que resguarda a riqueza e os detalhes dos momentos vivenciados em diferentes contextos. Desta forma, organizamos momentos nas aulas para colocar em prática receitas culinárias que fazem parte do cotidiano dos estudantes e/ou degustamos bolos e outros alimentos feitos pelos familiares e enviados para a escola para compartilhar com os colegas.

Figura 9 – Elementos sensoriais no *Diário de ideias* – 2019





Fonte: a autora

2.3.5 Roda de conversa na colcha de retalhos: narrativas dos participantes

Semanalmente organizamos rodas para conversar sobre as ideias de cada participante, que foram, de alguma forma, registradas no diário. Para isso, utilizamos uma colcha de retalhos e cada estudante tem uma almofada para sentar na colcha. É um momento para estarmos próximos, trazendo uma abordagem dinâmica e interativa para estar com o outro. As rodas podem ocorrer no espaço da sala de aula ou em qualquer outro local da escola que possibilite o trabalho em roda.

Iniciamos os trabalhos com a leitura da história do livro *A colcha de retalhos*¹⁵, de Conceil Corrêa da Silva. Com a leitura da história, oportunizamos um espaço para o diálogo entre os aprendizes sobre nossas ideias e experiências que podem ser compartilhadas com os colegas, o que compõe a riqueza da turma. Assim, a colcha de retalhos marca a união dos diferentes conteúdos das narrativas de cada participante da roda, alinhavados pelas trocas e conversas.

No momento da roda, cada estudante fica com seu próprio diário e escolhe um ou mais dos seus registros para narrar para a turma. É uma conversa que envolve troca, perguntas, interesse sobre o que o outro narra e um pertencimento ao contexto escolar com base no que cada um vive nos diferentes contextos sociais. As rodas podem ter duração de aproximadamente uma hora e o mais relevante nesse momento é a escuta sensível, atenta e interessada das narrativas dos participantes. Ao escutarmos o outro, interagimos com perguntas, comentários e outras intervenções que caracterizam a relação dialógica.

O momento da roda é essencial para o professor observar os estudantes e a turma como um todo. Destacamos alguns aspectos que são essenciais:

- a. gostos e interesses de cada estudante e da turma como um todo;

¹⁵ SILVA, 2010.



- b. dificuldades e potencialidades apresentadas, tanto na aprendizagem quanto nas relações com os outros;
- c. participação da família e de outras pessoas no processo de aprendizagem dos estudantes;
- d. contextos sociais que os estudantes vivenciam fora da escola;
- e. pessoas que participam mais da vida dos estudantes e os vínculos estabelecidos;
- f. atividades da escola que são mais enfatizadas;
- g. vínculos entre os estudantes;
- h. autoria e protagonismo para exercer os registros;
- i. ações e ideias narradas que podem fazer parte do cotidiano da sala de aula.

Para o trabalho com a roda tendo em vista a importância da escuta de todos e a própria composição de uma roda, convidamos os estudantes para ouvir, cantar e dançar com a música “A roda – Escutatória¹⁶”, do grupo Emcantar. É feito então um trabalho corporal com movimentos para compor a roda, bem como descobertas sobre a palavra “escutatória”, que perfaz uma das experiências da roda com os *Diários de ideias*. Conversamos com a turma sobre

¹⁶ ESCUTATÓRIA, 2012.

a importância de falarmos e de escutarmos o que o outro tem para nos contar, bem como de sermos ouvidos pelo outro, de fazermos perguntas, de darmos ideias, dentre outras possibilidades que marcam o interesse e a participação efetiva. Todos esses processos demandam uma experiência com o outro que envolve paciência, reconhecimento, disponibilidade em estar com o grupo, dentre outros elementos.

É fundamental que o professor leve para a roda o seu diário, para o registro das suas observações.

Figura 10 – Rodas de conversa: colcha de retalhos – linhas de experiências – 2018





Fonte: a autora

Nos momentos das rodas encontramos desafios que fazem parte de todo e qualquer trabalho a ser desenvolvido na escola, considerando-se o processo de autoria e protagonismo de todos os participantes. Precisamos entender que muitos estudantes vivenciam espaços de educação que não possibilitam seu real protagonismo, ou uma participação efetiva. As rodas de conversa do *Diário de*

ideias extrapolam qualquer forma padronizada de participação dos estudantes e requerem de cada um o desenvolvimento autoral e protagonista. Muitas vezes, podemos encontrar estudantes que não registraram nada em seus diários ou mesmo que copiaram coisas dos diários dos colegas, ou que não queiram participar com narrativas orais. Cabe ao professor a escuta sensível para essas situações, investigando o que pode estar ocorrendo, as dificuldades e potencialidades que podem ser exploradas.

A própria roda de conversa é uma construção coletiva que é tecida nos combinados, na diversidade presente em cada contexto e que requer disponibilidade para ouvir, falar, esperar, em um exercício constante de constituição de uma dinâmica própria do grupo. As rodas são momentos que vão se tornando parte do grupo e os diálogos se estendem para outros momentos da sala de aula, que não se restringem ao acontecer da roda. O próprio processo autoral e protagonista passa a fazer parte de diferentes momentos do acontecer das aulas, pois passa a constituir uma essência dos participantes.

Todo esse processo favorece a comunicação e os vínculos na relação professor e estudantes, bem como nas relações entre estudantes. Conhecer a história de vida do outro, o que ele sente e vive, cria uma dinâmica diferenciada nas relações. Precisamos estar atentos para o que dizem e não dizem, para o que registram e não registram, sendo investigadores da aprendizagem para além de sabermos apenas o que e como escrevem, e investigando o que



sentem os alunos quando vivem o processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita.

Figura 11 – Rodas de conversa: colcha de retalhos – linhas de experiências – 2018



Fonte: a autora

Na dinâmica da “Colcha: linhas de experiências” o foco não está no professor, no que ele diz, mas no que todos têm para trocar, para contribuir com o grupo. É um momento que envolve respeito ao saber de todos, escuta e requer atenção para o que pode surgir na roda como oportunidade para ser desenvolvida no contexto da sala de aula. Desta forma, todos os envolvidos na roda exercitam o processo de identificar temas que precisam ser aprofundados, assuntos que gostariam de tratar de forma mais detalhada, ações que podemos experimentar na escola.

2.3.6 Registros para compor a teia de experiências

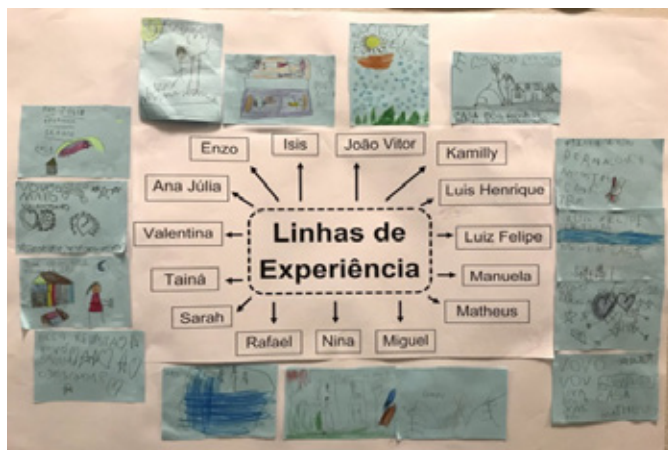
Cada roda de conversa do *Diário de ideias* culmina com a produção de um cartaz e/ou varal com registros dos participantes sobre o que foi vivido no momento de troca com os colegas. Cada estudante recebe um pedaço de papel colorido ou branco e faz um registro do que descobriu na roda, a partir do diálogo sobre as experiências narradas. Nesse momento, os alunos registram suas próprias experiências ou mesmo vivências do outro. Esse recurso é fundamental para criar com a turma as linhas de experiências que entrelaçam as histórias de vida. No momento do registro, os estudantes podem enviar uma mensagem para os colegas sobre as experiências narradas, sobre o que pensaram como possibilidade de ir além do que viveram e/ou ouviram, gerando ideias próprias e novas que transcendem em alguma medida o que foi posto.

No momento do registro, os estudantes trocam ideias, apresentam suas produções para os outros em um momento de intensa interação, que envolve respeito pelo outro, ampliação do conhecimento das experiências e organização das ideias, e fazem uma personalização das informações recebidas durante as narrativas, com a possibilidade de transformar o que foi aprendido em algo próprio. Com as produções dos estudantes, é formado um varal para compor as linhas de experiências, esticando-se uma linha e utilizando pregadores para segurar cada produção, ou utilizando uma cartolina com os nomes dos estudantes; em cada nome colamos a produção feita. Depois, fazemos uma exposição dos trabalhos no



mural da escola e/ou da sala de aula, e, após a exposição dos trabalhos, que dura aproximadamente uma semana, os registros passam a compor o portfólio e/ou caderno de sala de cada estudante.

Figura 12 – Cartazes: linhas de experiências – 2018



Fonte: a autora

2.3.7 Caixinha e sacolinha: ateliês de lembranças

Observamos em sala de aula que os estudantes gostam de levar para a roda de conversa objetos que são importantes para eles, bem como demonstram interesse em guardar para si coisas que são da natureza, tais como: pedrinhas, gravetos, folhas etc. Em uma das rodas, um estudante disse: “Eu trouxe este avião para mostrar para a turma, pois ele é muito importante para mim e fiz um desenho dele e do dia que viajei em meu Diário, mas não tinha como colar o avião”. A partir dessa fala e das nossas observações, criamos com os estudantes uma caixinha¹⁷, feita a partir da reutilização de materiais como a caixa de leite, para acompanhar o *Diário de ideias*.

Para esse momento, contamos duas histórias: *Tião carga pesaa*¹⁸, de Telma Guimarães Castro Andrade, e *Coisas importantes*¹⁹, de Peter Carnavas. Com a leitura dos livros, exploramos as possibilidades e a importância de guardarmos o que é essencial para cada um, bem como outras ideias que os estudantes têm a partir da escuta da história e da apreciação das imagens dos livros. As histórias são contadas em dias diferentes, para garantir que sejam contempladas, apreciadas e buriladas pelos leitores, ouvintes e apreciadores.

¹⁷ A ideia da composição da caixinha, da sacolinha e do ateliê com recursos materiais diversos contou com a parceria da Profa. Ma. Beloní Cacique Braga (Eseba/UFU). No ateliê de composição do painel com as produções dos estudantes, contamos também com o apoio da Profa. Ma. Paula Faria Amaral (Eseba/UFU).

¹⁸ ANDRADE, 1994.

¹⁹ CARNAVAS, 2011.



Para isso, conversamos com a turma sobre o que cada estudante gostaria de colocar na caixinha e combinamos que ela ficaria com os estudantes durante todo o ano letivo, para fazermos momentos de troca de ideias sobre nossas lembranças, com apresentação dos materiais. Essa caixinha pode fazer parte das rodas com o *Diário de ideias* e compor a narrativas dos estudantes nas rodas.

Figura 13 – Caixinha de lembranças – 2019



Fonte: a autora

Ao longo do ano letivo, realizamos oficinas em forma de ateliês, para que cada estudante utilize os materiais da sua caixinha e registros do *Diário de ideias* para compor uma nova produção.

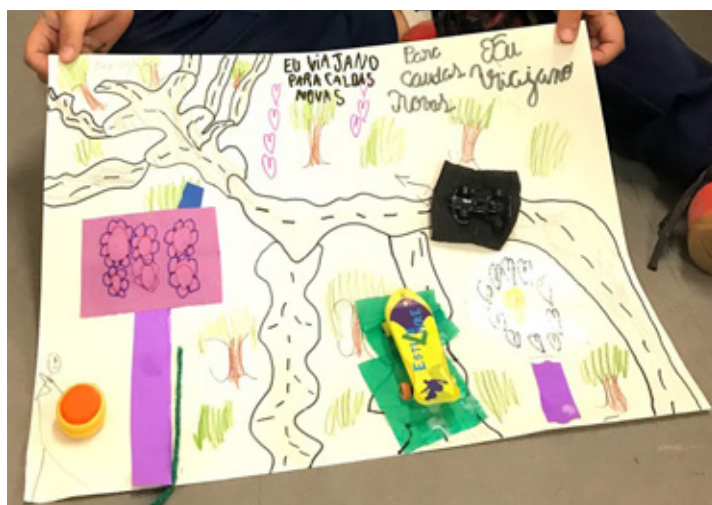
Para os ateliês de produções artísticas que envolvem diferentes linguagens infantis, disponibilizamos recursos materiais que são colecionados na sala de aula pelos estudantes, tais como: folhas de árvores que são encontradas no chão da escola e de outros lugares que os estudantes experienciam, gravetos, sobras de papéis de diferentes cores e texturas, *glitter*, lantejoulas, pedaços de tecidos, colas coloridas, tintas, giz de cera e outros materiais.

Organizamos as carteiras da sala de aula para formar dois grandes grupos e dispomos os materiais sobre as mesas. Convidamos os estudantes para conversar sobre os materiais que eles guardaram nas caixinhas e explicamos que poderemos fazer uma composição artística a partir de cada elemento que guardaram, bem como utilizar outros recursos materiais dispostos sobre as mesas da sala. Os estudantes ficam livres para se movimentar pela sala de aula, para trocar ideias e para buscar materiais de forma autônoma pelo espaço.

Tendo por base as produções artísticas, promovemos diferentes experiências que envolvem a leitura e a escrita, tais como: escrita de histórias sobre a obra, mensagens sobre cada composição, gravação em áudio de relatos e transcrição das falas, filmagens dos autores relatando a obra, dentre outras possibilidades que envolvem o protagonismo e a autoria.



Figura 14 – Produção autoral a partir de elementos da caixinha de lembranças – 2019



Fonte: a autora

Figura 15 – Ateliê com elementos da caixinha de lembranças – 2018



Fonte: a autora

Com as produções autorais dos estudantes nos ateliês, que ocorrem no espaço da sala de aula, no pátio ou na sala do Espaço Cultural da escola, compomos painéis que alinhavam cada trabalho dos estudantes.

A sacolinha do diário²⁰ também é uma composição do trabalho, para que os estudantes tenham um local para guardar seus diários, a própria caixinha e objetos que compõem seus gostos, experiências e ideias.

²⁰ A sacolinha do diário utilizada no projeto em 2019 foi confeccionada pela Profa. Ma. Beloni Cacique Braga.



Figura 16 – Composição de painel no ateliê de lembranças – 2018



Fonte: a autora

Figura 17 – Sacolinha do diário – 2019



Fonte: a autora

A sacolinha fica com os aprendizes e complementa a ideia de cuidado com o caderninho do *Diário*, com os objetos guardados pelos estudantes, bem como constitui um recurso importante para juntar todos os elementos que compõem o trabalho com o diário: caixinha, caderno e objetos diversos. A sacolinha pode ser construída com os estudantes a partir da utilização de tecidos como o “algodão cru”, mediante uma produção artística feita pelos próprios estudantes, como destacamos nas imagens a seguir. Podem ainda ser confeccionadas pelo próprio professor, e/ou adquiridas, ou mesmo serem um presente dos familiares para os estudantes.

Figura 18 – Produções autorais a partir de elementos da caixinha e da sacolinha – 2018



Fonte: a autora



2.3.8 Ações interligadas com o planejamento em sala de aula: ideias em ação

a) Cartaz de ideias e o *Diário de ideias da turma*

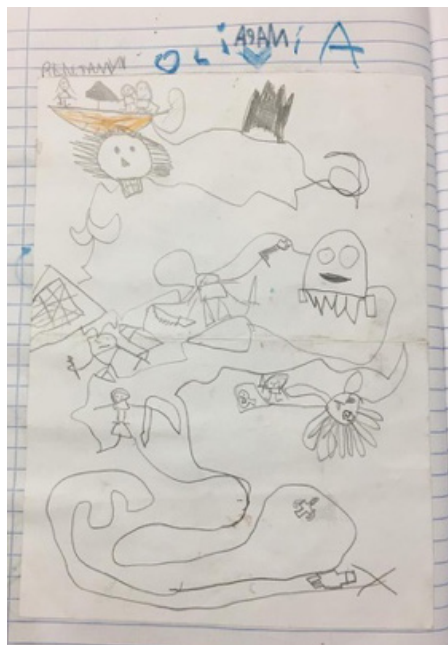
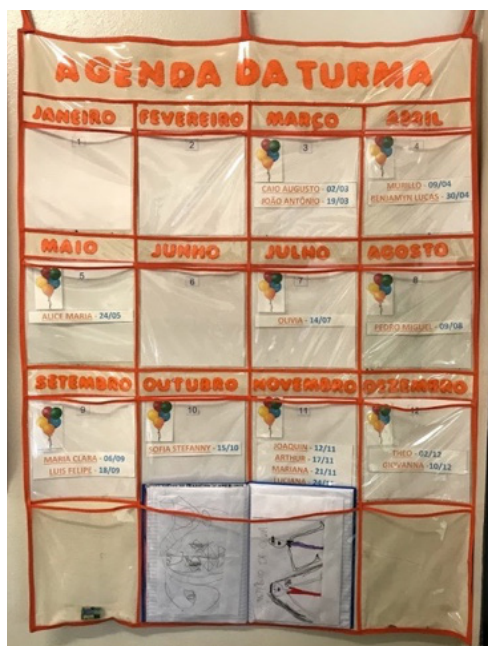
No decorrer de cada roda sobre o *Diário de ideias* com os aprendizes, é organizado um cartaz para compor com os participantes as ideias que surgem, as ações a serem implementadas, ou seja, para que sejam registrados os pontos que a turma considera essenciais. Ele é mantido em um painel da sala de aula. Para compor esse cartaz, é feita a colagem de duas cartolinas e plastificados os dois lados para que se possa escrever com pincel de quadro branco, com a possibilidade de apagar e utilizar novamente o cartaz. A escrita é realizada tanto pelo professor quanto pelos estudantes.

As ideias da turma são registradas no *Diário de ideias* da turma e nele são inseridas informações sobre como as ideias do grupo serão implementadas. Recorremos também à utilização de registros fotográficos do cotidiano escolar, tendo em vista as ideias, necessidades, desejos, dificuldades e outros elementos que surgem quando os estudantes estão vivenciando os espaços da escola. As fotos compõem o diário da turma geral.

O *Diário de ideias* da turma fica disponível para os estudantes durante as aulas e eles o utilizam quando sentem necessidade de registrar alguma ideia e/ou experiência vivida na escola. Observamos que os estudantes gostam de ver suas ideias registradas, efetivadas e valorizadas no grupo. O registro a seguir foi realizado

por um grupo de estudantes, que desenvolveu uma brincadeira de caça ao tesouro durante o recreio na escola.

Figura 19 – Diário de ideias da turma – 2019



Fonte: a autora

Para ilustrar outro registro no *Diário de ideias* da turma:



Momento do recreio: construir uma casa na árvore

Algumas perguntas das crianças: como podemos sobreviver na floresta? E a segurança? O que vamos comer? O que podemos utilizar para construir uma casa na árvore? Como vamos guardar os materiais que vamos utilizar na obra?

Figura 20 –
Diário de ideias da
turma – momento
investigativo no
recreio – 2019



Fonte: a autora

b) Envelope secreto

A proposta do trabalho com o “envelope secreto” tem como objetivo proporcionar um momento de brincadeira com palavras, frases, textos, imagens e muitas outras possibilidades de linguagens que participam do repertório infantil e que podem estar vinculadas aos registros dos aprendizes no *Diário de ideias*.



Semanalmente, cada criança recebe um envelope que contém, na parte externa, seu próprio nome e a palavra “Secreto”. Dentro dele, recebem uma informação secreta que poderá ser por meio de uma palavra, uma frase, um texto, um desenho ou outra linguagem. O desafio é realizar a descoberta do segredo, explorando diferentes possibilidades investigativas: observação do contexto de aprendizagem (cartazes da sala de aula, materiais para leitura e outros), diálogo com o professor e/ou outras estratégias que os estudantes possam utilizar.

Após desvendarem o segredo do conteúdo que há dentro do envelope, propomos brincadeiras que envolvam a utilização do que descobriram, por exemplo, retirando nomes de animais que estão presentes no diário dos aprendizes. Cada envelope contém o nome de um animal diferente, assim cada estudante tem que descobrir o nome do seu animal. Depois da descoberta, na roda de conversa, as crianças imitam o animal. A proposta é sempre diversificar as ações que serão realizadas com as informações do



envelope, trazendo a importância da linguagem como processo discursivo, como meio de comunicação, produção e expressão.

Também utilizamos o “envelope secreto” para trocar mensagens entre os estudantes. Para isso, cada estudante recebe do professor ou mesmo pega um envelope de outro colega e escreve uma palavra, um bilhete, uma carta ou outro tipo de mensagem para que o outro possa ler. O importante é garantir que todos os estudantes recebam uma mensagem que possam ler e compartilhar com todos da turma.

Figura 21 – Envelope secreto – 2018



Fonte: a autora

c) Troca dos diários entre os estudantes para apreciação

Os *Diários de ideias* constituem produções autorais das crianças com registros de suas diversas experiências, ideias, sentimentos

e emoções e podem se organizar como recurso de leitura em sala de aula, em trocas com os colegas e diálogos. Oportunizamos aos estudantes a vivência da leitura e da escrita como processos de comunicação, produção e expressão, por isso é fundamental que compreendam que suas próprias produções podem ser trocadas, lidas, comentadas, apreciadas por outras pessoas.

Organizamos semanalmente um tempo de aproximadamente uma hora, e/ou disponibilizamos os diários em um local da sala de aula para fácil acesso dos estudantes. O essencial desse momento é promover a troca, as conversas sobre os registros realizados, as possibilidades de transcender as informações e ir além, propondo novas ações a serem realizadas no contexto da escola ou mesmo em diferentes contextos.

Figura 22 – Momento de troca dos diários entre os colegas da turma – 2018





Fonte: a autora

Nos momentos de trocar os diários para leitura, os estudantes podem deixar um recadinho para o colega, sobre o que gostou nos registros do colega ou mesmo sobre o que gostaria de descobrir mais sobre o diário, comentar sobre algum tipo de registro, dentre

outras possibilidades. Este registro pode ser feito em um papel separado e depois colado no diário.

Figura 23 – Momento de troca dos diários entre os colegas da turma – 2018



Fonte: a autora

d) Troca de diários entre turmas de diferentes anos de ensino e entre estudantes de diferentes escolas

Os diários trazem a riqueza do compartilhar experiências e de se constituírem como uma produção autoral de seus escritores. Desta forma, realizamos trocas dos diários com outras turmas e promovemos encontros para partilhar nossas ideias e experiências com outros estudantes e professores, bem como para conhecer novas experiências e ideias. Esses encontros ocorrem tanto em diferentes salas de aulas quanto nos próprios corredores da



escola, que se tornam espaços para trocar ideias. Promovemos ainda encontros dos estudantes de forma on-line e/ou presencial, com estudantes de outras escolas dos primeiros anos do ensino fundamental. Nesses encontros, possibilitamos que os estudantes conheçam novas experiências, troquem ideias, vivenciem outras experiências e promovemos uma rede que conecta nossos conhecimentos e saberes para além do espaço-tempo da escola.

e) Composição de histórias

Tendo por base as palavras, as histórias e os registros diversos contidos nos *Diários de ideias*, realizamos brincadeiras e ações diversas para trazer as experiências das crianças para o contexto da sala de aula. A composição de histórias consiste em uma importante ação diante dos registros dos diários e pode ser utilizada da seguinte forma: um dos estudantes começa uma história utilizando algo que registrou em seu diário, em seguida outro colega continua a história recorrendo aos seus registros e a história segue até que todos da turma tenham participado, sendo que o último estudante tem o desafio de finalizar a história.

Experientiamos as possibilidades de imaginar, brincar com as palavras e transcender nossas experiências vividas em diferentes contextos, bem como de criar novas histórias em que fazer de conta potencializa as ações. As crianças criam e/ou dramatizam histórias, brincam com as possibilidades da linguagem e nós registramos essas histórias inventadas para compor mais um livro da turma.

Figura 24 – Momento de produção de história coletiva – 2019



Fonte: a autora

A composição de histórias pode ser gravada em vídeo para ser transcrita e posteriormente constituir um livro de histórias inventadas pela turma com base em linhas de experiências tecidas pelas vivências de cada aprendiz.

f) Painel de palavras da turma

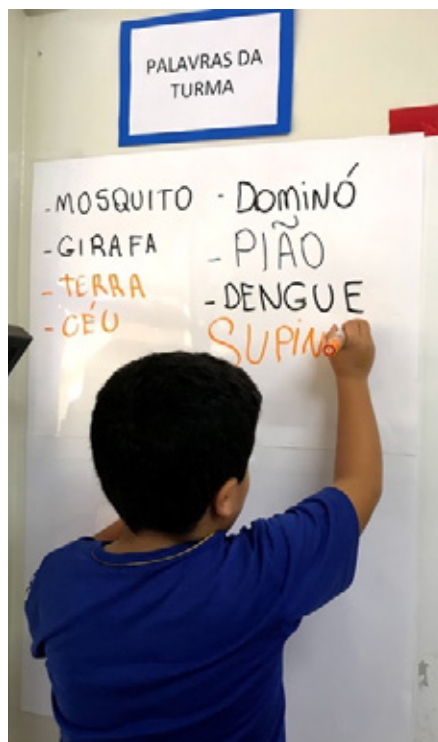
Utilizamos em sala de aula um painel composto por duas cartolinas e que também é plastificado para podermos escrever e depois apagar com facilidade, conforme já dito. Para iniciarmos os trabalhos com o painel, realizamos a leitura da história *O colecionador de palavras*²¹, de Peter H. Reynolds. Conversamos sobre as diferentes palavras que aprendemos diariamente e sobre como nos relacionamos com elas, seja por gostarmos da pronúncia, seja

²¹ REYNOLDS, 2019.



por nossas relações afetivo-emocionais com nossas experiências. Nele inserimos palavras do cotidiano da turma e, principalmente, palavras que formam parte do *Diário de ideias* de cada estudante. A escrita no painel é realizada tanto pelos estudantes quanto pelo professor.

Figura 25 – Painel: Palavras da turma – 2019



Fonte: a autora

Essas palavras fazem parte de brincadeiras da turma, como, por exemplo, a “Forca” e o “Bingo”. Para a “Forca”, utilizamos a pró-

pria lousa da sala de aula, em um processo interativo em que os estudantes escolhem quem iniciará a força e comandam todo o processo de dizer as letras e registrar. O importante é oportunizar a participação de todos nesse processo, tanto para ir à lousa montar a força quanto na escolha das letras que podem fazer parte da palavra escolhida.

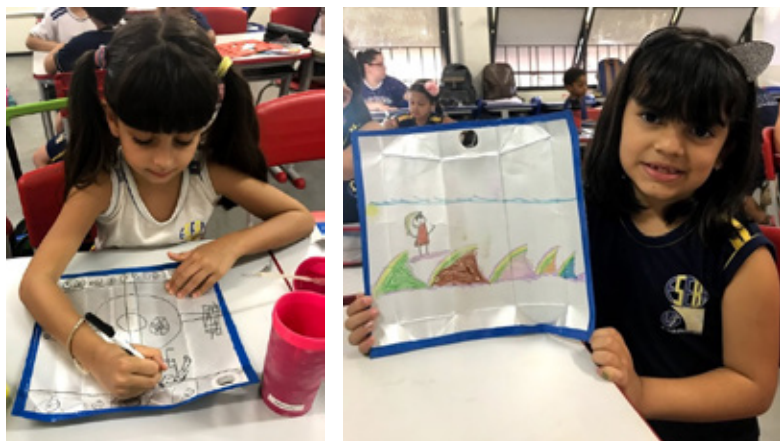
Também utilizamos a lousinha de caixa de leite para reaproveitar material e contribuir com a formação humana de um cidadão que cuida do meio ambiente e que busca ideias para a reutilização de materiais. A ideia de utilizar caixas de leite para atividades diversas na turma, como a “Força” e o “Bingo”, surgiu com nossa exploração e investigação de como é possível reaproveitar materiais que são descartados no lixo e que podem servir para tantas outras coisas. Sendo assim, abrimos uma caixa de leite vazia, lavamos e secamos. Em seguida, fizemos alguns testes com canetinhas para ver como poderíamos apagar. Utilizamos inicialmente um pano macio com água e o resultado foi perfeito! A lousinha estava limpa e pronta para ser usada novamente. Solicitamos aos familiares o envio de caixas de leite vazias, limpas e secas. Construimos as lousinhas com os estudantes para uso diverso e diário em sala de aula.

No “Bingo”, os estudantes escrevem as palavras em pequenos papéis, que são recortados e dobrados para compor o saquinho do sorteio. Cada estudante utiliza sua própria telinha para compor a cartela do bingo e escolhe nove palavras do painel para escrever



na tabela. O sorteio é iniciado e cada estudante retira uma palavra do saquinho e ela é sublinhada no painel de palavras e também nas tabelas dos estudantes que tenham as palavras sorteadas. O bingo segue, até que algum jogador assinale todas as palavras da tabela que foram sorteadas. O professor poderá continuar o bingo até que todos os estudantes preencham suas tabelas, organizando as informações da colocação de cada ganhador.

Figura 26 – Lousinha para registro – 2019



Fonte: a autora

Também poderá construir uma lousa com caixas de leite, para compor a parede da sala de aula, como mais um espaço para o registro autoral dos estudantes. A lousa poderá ser utilizada para diferentes tipos de registros, em momentos da aula, envolvendo palavras dos diários dos estudantes, bem como desenhos, produção de histórias, dentre outras possibilidades.

Figura 27 – Lousa com caixas de leite para a parede – 2019



Fonte: a autora

f) Varal de textos e repertório musical

A partir da roda de conversa, das trocas no cotidiano da sala de aula, dos registros nos diários, vamos compondo o acervo da sala de aula, com textos e o próprio repertório musical. Todo esse trabalho visa valorizar a cultura experienciada pelos estudantes e entrelaçar o trabalho da escola com a vida.

O próprio trabalho com textos em sala de aula é algo que permite a interação entre os aprendizes por meio da troca de ideias e de registros que marcam a presença do estudante como leitor. Para



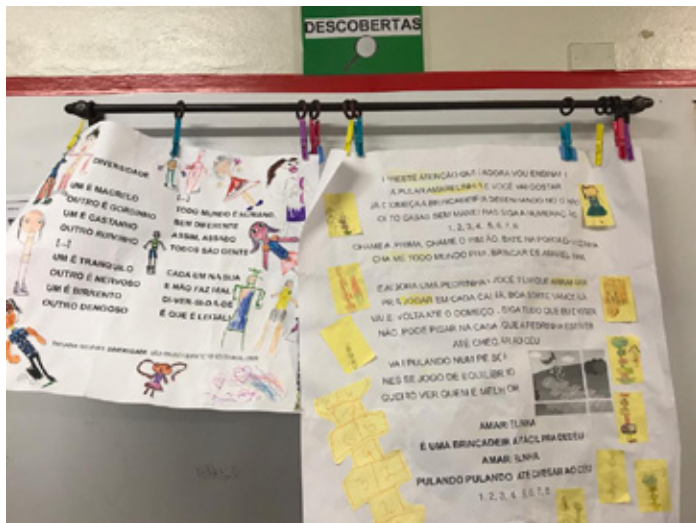
isso, ampliamos os textos e fazemos a leitura dele com a turma, convidando cada estudante a assinalar palavras conhecidas, palavras que descobriram, bem como a deixar um registro ao redor do texto para expormos em sala de aula. Desta forma, o texto se aproxima cada vez mais do leitor e o leitor se sente parte do universo do texto.

A exposição do cartaz com as marcas dos estudantes é feita em um varão com pregadores para trazer a ideia de mobilidade, para podermos retirar o texto quando necessitarmos, ou mesmo pelo interesse de marcar novas palavras, de realizar leituras e outras tantas possibilidades de inscrição no texto. Além desse trabalho, utilizamos as palavras do texto para compor o “envelope secreto” e outras ações que possibilitem reflexões sobre o sistema alfabético de escrita.

As músicas fazem parte do contexto das turmas, cumprindo o papel de aguçar a escuta, o interesse pela leitura, pela musicalidade, a ampliação do repertório musical. Para isso, enviamos para as famílias as letras de músicas vivenciadas em sala de aula e também disponibilizamos no site www.lucianamuniz.com.br. A experiência musical passa pelo gosto dos estudantes, por suas sugestões e experiências vividas em diferentes contextos. Podemos citar o grupo “Crianças²²”, que gravou músicas com as poesias de Manoel de Barros e que passaram a fazer parte do cotidiano da turma.

²² BARROS, 2011.

Figura 28 – Painel de descobertas de textos – 2019



Fonte: a autora

Figura 29 – Produção de uma criança no *Diário de ideias* – 2018



Fonte: a autora



Para isso, criamos momentos para ouvir, cantar e dançar o repertório constituído com a turma. Nossa vivência com as músicas não tem como finalidade didatizar esse processo, mas contribuir com a escuta sensível dos estudantes, com a possibilidade de sentir a música como uma experiência, de compartilhar com outros e de ampliar o repertório conhecido por todos.

g) Gincana de palavras

Os registros nos diários dos estudantes são fontes que nos convidam a muitas possibilidades de ações no contexto escolar que podem potencializar a aprendizagem da leitura e da escrita. A gincana de palavras consiste em uma forma de brincar com as palavras que faz parte dos registros dos aprendizes. Para isso, o professor pode escolher um local da escola que tenha espaço suficiente para que os estudantes possam se movimentar. Realizamos essa atividade no pátio da escola, em uma área verde.

São muitas as possibilidades de brincar com as palavras do universo das crianças, dentre as quais sugerimos a seguinte: o professor solicita que os estudantes retirem duas ou três palavras do seu diário, ou mesmo do próprio painel de palavras da turma. Em seguida, cada estudante registra as palavras em pedaços de papel. No pátio da escola, são formadas duas equipes, que ficam dispostas em grupos, e cada grupo ficará com todas as palavras que foram escritas nos papéis. Duas pessoas da equipe ficarão um pouco distantes do grupo da sua equipe para receber as palavras que serão entregues pelos membros do grupo. O professor fala uma letra ou

uma dica sobre o significado da palavra, e a equipe precisa descobrir qual é a palavra, pegar a palavra escrita no papel e correr até os membros da sua equipe que estão fora da fila, entregando a palavra escolhida para eles e voltando para a fila. Vencerá a equipe que conseguir entregar mais palavras.

Figura 30 – Gincana com palavras do *Diário de ideias* – 2019

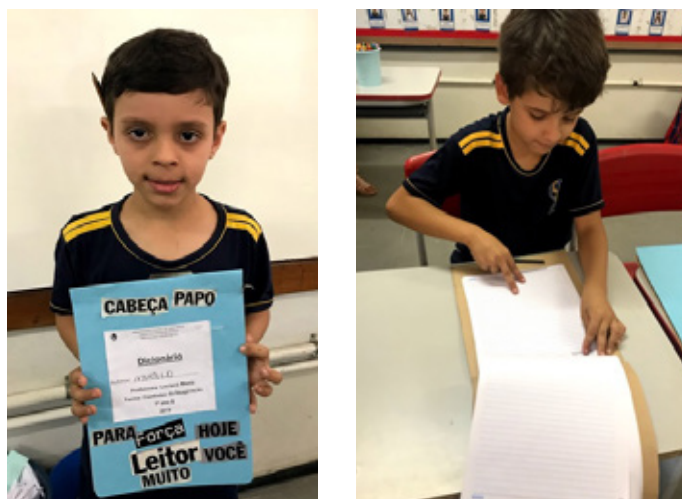


Fonte: a autora

h) Dicionário ilustrado

Para o trabalho com as palavras dos diários ou mesmo com as palavras do “Painel de palavras” da turma, criamos o *Dicionário ilustrado* para que cada criança escrevesse e desenhasse as palavras descobertas. Para a montagem do dicionário, utilizamos folhas em branco de fichário e fizemos a capa com papel cartão. Cada estudante ficou responsável por personalizar sua capa e o dicionário ficou na escola e também em outros espaços sociais que a criança experienciava, para registrar as palavras encontradas. Após o registro, o estudante fazia um desenho para representar a palavra.





Fonte: a autora

2.3.9 *Diário de ideias* e suas inter-relações com os conteúdos curriculares formando parte da vida do estudante

a) *Diário de ideias com conteúdos curriculares*

Na escola são trabalhados conteúdos curriculares que formam o currículo de cada ano de ensino. Partimos de uma concepção de aprendizagem que busca interligar as experiências vividas pelos aprendizes, seus saberes e conhecimentos, entrelaçando com os conteúdos curriculares. Essa concepção faz toda a diferença para o processo de ensinar e aprender e requer a escuta sensível dos professores e entre os estudantes para o que vivenciam em diferentes contextos sociais.

O trabalho com o *Diário de ideias* é um processo que tira o professor e o estudante da “zona de conforto” diante da aprendizagem de conteúdos, pois os convida a serem sujeitos do processo de ensinar e aprender, bem como a trazer ideias, trocar experiências, serem ativos no que será experienciado no contexto escolar, o que abre para a escuta, para o imprevisível. O *Diário de ideias* não constitui um trabalho à parte, um fazer separado dos conteúdos curriculares ou mesmo do cotidiano da sala de aula. É uma proposta que une, entrelaça todos os processos envolvidos no contexto da sala de aula que compõem o trabalho pedagógico. O que o torna essencial é a forma como favorece a escuta dos estudantes diante dos diferentes conteúdos curriculares, as experiências em diferentes contextos sociais, porém não uma escuta de respostas estereotipadas, ou mesmo do que é certo ou errado, mas das experiências reais que vivenciam, que sentem os aprendizes.

Com a roda de conversa, o professor precisa estar aberto para o inesperado, para o que o estudante vive e quer compartilhar. Tudo isso participa do aprender e não constitui um momento à parte, mas algo essencial que move a aprendizagem: a proximidade que envolve as relações com o outro, que são tecidas na dinâmica da escuta. Cabe ao professor o olhar e a escuta sensível para as narrativas, para perceber as potencialidades de temas que podem ser desenvolvidos, aprofundados, e experiências que podem ser vividas. Desta forma, resguarda-se o trabalho com os conteúdos curriculares, porém modificamos a forma de trabalho, que envolverá mais os estudantes no próprio planejamento.



Assim, as rodas de conversa que envolvem as narrativas sobre os registros no *Diário* consistem em um espaço para o professor compreender os diferentes saberes que os estudantes vivenciam no cotidiano, podendo aprofundá-los por meio de pesquisas, investigações e trocas de ideias. Para exemplificarmos, podemos citar a forma como a turma do 1º ano do ensino fundamental navegou por temas como mapa do mundo, culinária, músicas, histórias, supermercados, postos de abastecimento de carros, dentre outros temas que surgiram das experiências que vivenciaram em outros contextos sociais.

b) Projetos colaborativos: espaço “CriATIVA Criança”

Cada diário dos estudantes comporta uma riqueza singular de suas vidas e traz com propriedade os interesses por temas que podem ser aprofundados pelos estudantes na escola. Para efetivar essas ações, organizamos o espaço “CriATIVA Criança” em nossa sala de aula. O objetivo da presente prática é contribuir com o processo de aprendizagem da leitura e da escrita, com o protagonismo da criança nas ações de ler e escrever, na criação de um projeto próprio com base em ideias, experiências e trocas no âmbito do *Diário de ideias*. Para contribuir com a expressão autoral dos estudantes, realizamos a leitura do livro *Nicolau teve uma ideia*, de Ruth Rocha, e organizamos uma roda de conversa para que todos pudessem expressar suas ideias e as possibilidades de colocá-las em prática. Esse é um momento fundamental de efetivação das ideias. A diversidade de temas de interesse dos aprendizes pode ser visualizada no quadro síntese no Anexo 5.

Utilizamos duas histórias para potencializar o momento de criação de caixas personalizadas para cada estudante, nas quais podem eles guardar suas produções, recursos materiais que serão utilizados na produção, dentre outras possibilidades. Para potencializar esse momento, realizamos a leitura de duas histórias. A primeira foi *O homem que amava caixas*²³, de Stephen Michael King, com base no qual promovemos diálogos sobre as possibilidades afetivas e emocionais da história, estabelecendo relações com a vida de cada um dos participantes, bem como com as diferentes ideias que podem ser efetivadas com a utilização de caixas. A outra história foi *Fora da caixa*²⁴, de Ethan Long, com a qual enfatizamos a potencialidade de criações diversas que podemos fazer utilizando diversos materiais, tais como uma caixa.

Após o trabalho em sala de aula com as histórias, solicitamos aos familiares o apoio na confecção de uma caixa personalizada, feita com os estudantes, para que pudessem guardar os itens utilizados para a realização do projeto, tais como: folha com o planejamento, recursos materiais (lantejoulas, *glitter*, cola, tesoura, papel crepom, tintas e outros recursos). As caixas ficam na escola, porém podem ser levadas para casa, quando algum estudante apresentar interesse em continuar o trabalho em outros espaços.

²³ KING, 2011.

²⁴ LONG, 2015.



Figura 32 – Espaço CriATIVA Criança: caixas – 2018



Fonte: a autora

Os estudantes têm contato com diferentes recursos materiais, assim como com livros diversos, bem como com diferentes suportes, como folhas em branco, quadro verde de giz, *tablets* e outros, para que possam pensar e exercer a escrita de forma plena, em uma experiência de leitura e escrita autoral. Um espaço brincante é formado com suas ideias, sua imaginação e curiosidade, em um contexto de músicas, dramatizações, danças, com brincadeiras diversas que envolvam a experiência com a leitura e a escrita.

É constituído então um espaço de ateliê que envolve a necessidade de cada criança de criar algo do seu interesse a partir da escrita e da leitura. Para isso, os aprendizes são convidados a escolher o que será criado, a planejar as ações para a efetivação de sua criação e avaliar todo o processo.

Nessa experiência educativa, podemos oportunizar um contexto em sala de aula de incentivo à curiosidade, ao questionamento, à busca de assumir metas, à necessidade de atuar com suas próprias elaborações de modo reflexivo e crítico, em um clima de segurança, confiança e exigência. Cada estudante poderá utilizar recursos diferenciados e o foco está na sua própria atuação e nas trocas entre colegas e professores. Destinamos horários em sala de aula para a realização dos ateliês, em um movimento de imersão de todos em seus projetos, com trocas e apoio entre todos.

É possível organizar um trabalho singular, em que cada estudante desenvolva um projeto que envolva temas do seu interesse e que conte com a colaboração dos colegas. Nesse tipo de trabalho, os estudantes chegam à escola com o compromisso de dar continuidade ao seu próprio projeto. Há um conhecimento da turma de temas diversos que perpassam os interesses de cada um e de todos. Para isso, realizamos o planejamento de forma conjunta com toda a turma, em um trabalho personalizado de ensino e aprendizagem.



Figura 33 – Espaço CriATIVA Criança: planejamento em ação – 2018



Fonte: a autora

Figura 34 – Espaço CriATIVA Criança: produções – 2018



Fonte: a autora



Fonte: a autora

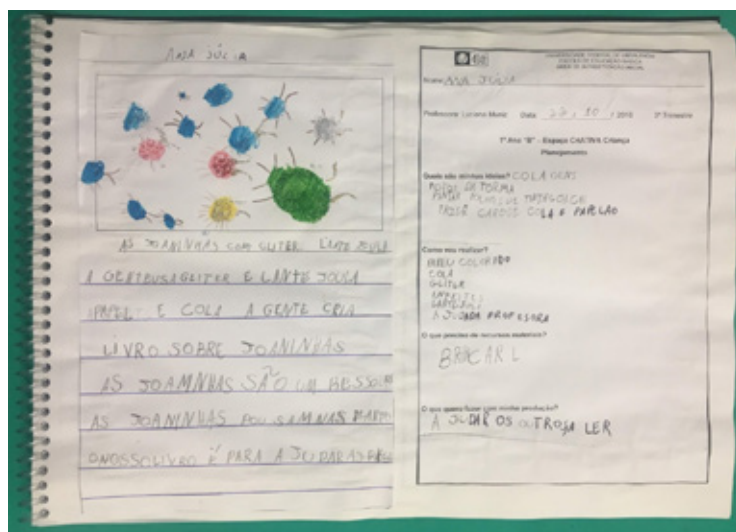
Todos os projetos são socializados com a turma e com a comunidade escolar, em exposições e apresentações orais. Esse espaço-tempo demanda do estudante o compromisso com sua aprendizagem, tendo em vista a criação total do projeto, definindo elementos como: ideia do projeto a ser desenvolvido; recursos materiais necessários; utilidade e/ou o que será feito com a produção realizada. Para exemplificar esse trabalho, podemos citar a criação do estudante Matheus, que sempre apresentou aguçado interesse por robôs. Em sua produção, Matheus escolheu construir um robô e o denominou de robô antiestresse, pois, segundo o estudante, quem segurasse o robô deixaria de ter estresse. Ele fez todo o planejamento da sua obra, elencando os materiais necessários e também o desenho do projeto de como gostaria que



seu robô fosse feito. Todo esse processo contou com o apoio dos familiares, que foram convidados a participar, enviando sugestões para os projetos dos estudantes, bem como contribuindo com o envio de recursos materiais.

Todos os momentos destacados anteriormente no Espaço Criativa Criança fazem parte do planejamento de diferentes ações em prol do *Diário de ideias* para que este cumpra a função de favorecer a expressão do estudante e se organize como espaço de aprendizagem da leitura e da escrita como um processo de comunicação, produção e expressão. Ao final dos trabalhos, a turma compôs um livro (Anexo 6) com relatos sobre a sua criação, em um exercício pleno de ler e escrever.

Figura 36 – Imagem da produção de Ana Júlia para o livro da turma



Fonte: a autora

c) Projeto científico da turma

As rodas de conversa que envolvem o *Diário de ideias* sempre são enriquecedoras e trazem muitas possibilidades de trabalho com a turma. Nos diálogos constantes, é possível observar temas de interesse para estudo que são comuns entre os estudantes. O que é fundamental destacar nesse processo é a importância dos projetos científicos como uma possibilidade de aprofundamento de um tema que seja de interesse do grupo, bem como a forma como envolve pesquisa, leituras de diferentes tipos de fontes de informação, vivências e outras riquezas de ações dos estudantes.

Figura 37 – Plantio da muda da árvore Ipê Mirim – 2018



Fonte: a autora



Um momento fundamental para a organização de um projeto de trabalho com a turma é a escolha do tema; esse momento pode ser realizado a partir de temas sugeridos pelo grupo e definido por meio de votação. Em seguida, todos constroem juntos os motivos pelos quais querem estudar a temática, pensando em para que esse estudo é necessário, o tempo aproximado de duração do projeto, o que já se sabe e o que se quer saber, bem como se delibera como o projeto será realizado, momento que envolve a definição das fontes que serão consultadas e as possíveis experiências que poderão ser realizadas.

2.3.10 Comunidade escolar aprendente com cidadão global

A essência do *Diário de ideias* é inserir o estudante no mundo como protagonista e autor de suas próprias ideias, de forma que a leitura e a escrita formem parte da sua vida, para que ele possa atuar qualitativamente com esses processos na interação com o outro de forma autônoma. Como exemplo, podemos citar a forma como os estudantes passam a observar de forma diferente os espaços sociais que vivenciam e como realizam perguntas aos familiares sobre o que está escrito nos lugares, passando a fazer parte desses espaços de modo atuante e intencional. Eles tomam decisões, contribuem com opiniões, questionamentos, reflexões e ideias que os tornam cidadãos sujeitos no mundo, responsáveis pelas experiências vividas e em busca de resolução de desafios globais. Nesse pertencimento ao mundo, os estudantes vivenciam processos de aprender com o outro e de respeito mútuo à diversidade.

A aprendizagem da leitura e da escrita, da forma como propomos por meio do *Diário de ideias*, coloca o aprendiz como atuante em relação à aprendizagem na vida, de forma que esta é algo que faz parte do seu cotidiano e que não é desvinculada das suas experiências. Além disso, todo o processo de diálogo, de respeito às ideias do outro, bem como de colocar as ideias em prática, torna o estudante um cidadão atuante diante dos problemas enfrentados no mundo, um ser autoral e protagonista na proposição de resoluções de situações-problema que fazem parte da vida dos estudantes e do mundo de forma geral.

Para exemplificarmos a ênfase no cidadão global no âmbito do *Diário de ideias*, podemos citar a forma como os estudantes se envolvem com as questões de sustentabilidade. Nos dois anos em que atuamos com turmas de 1º ano do ensino fundamental, os estudantes trouxeram para os diários e para as rodas de conversa questões que envolviam um maior aprofundamento sobre conhecimentos da natureza, como as folhas, bem como sobre transformar lixo em brinquedos, com o objetivo de ajudar crianças sem condições de adquiri-los.

Outro ponto fundamental do cidadão global no trabalho com o *Diário de ideias* é a forma como esse trabalho é capaz de tecer uma rede de saberes que abarca familiares e comunidade de forma geral. Nos diálogos com os familiares participantes do projeto, percebemos que as ações com o *Diário* promoviam mais encontros entre os familiares e estudantes, um conhecimento profundo da



forma como estes vivenciam o mundo e o representam. Esse saber faz toda a diferença nas relações com os familiares, compondo uma rede de trocas de saberes, uma verdadeira comunidade educativa. Registramos outras ações que efetivam o trabalho de uma escola aprendente com cidadão global.

Destacamos a seguir algumas possibilidades de trabalho que ampliam o processo de ensino e aprendizagem para além do espaço da sala de aula, com ações que envolvem outros professores, estudantes e comunidade de forma geral, em um trabalho que conecta todos em prol de buscar soluções para problemas que são comuns e que podem ser pensados conjuntamente.

a) Ações compartilhadas com outras turmas: quando ensino, aprendo; e quando aprendo, ensino

Observamos que os estudantes questionam a importância de painéis no contexto da escola, que possam ter informações sobre livros, notícias e outras mensagens para eles. Para isso, criamos o mural dos estudantes, no qual colocamos nossas ideias, notícias, sugestões de músicas e muito mais. Ele consiste em um painel que fica na parede do corredor da escola, composto por perguntas, textos, ideias, dentre outras informações que perpassam o repertório infantil, as rodas de conversas, e que são estudadas pelos aprendizes e divulgadas para toda a comunidade da escola.

Para isso, observamos nas rodas com o *Diário de ideias* quais são as inquietações, curiosidades e necessidades dos estudantes. Re-

alizamos momentos de diálogos com o grupo para saber o que cada criança pensa a respeito da pergunta, tendo em vista suas hipóteses, e em seguida, propomos pesquisas em diferentes fontes: livros, revista, internet, na biblioteca e/ou entrevistas com outras pessoas que dominam a temática. Temos observado que os estudantes necessitam descobrir coisas novas e que não é sempre que todas as perguntas precisam compor projetos de trabalho extensos ou mesmo que as respostas precisem ser aprofundadas. Um ponto essencial nesse trabalho é a forma como os estudantes começam a buscar novas perguntas sobre o mundo para participar e percebem que são valorizados em seus questionamentos.

O ato de perguntar precisa estar presente no cotidiano da sala de aula e contar com o apoio dos estudantes para a pesquisa, o diálogo e o registro no painel. Desta forma, a resolução de problemas que fazem parte do dia a dia e dos interesses dos aprendizes se apresenta no trabalho com o *Diário de ideias* pelo encontro com os problemas e as diferentes formas de solução deles. Os estudantes demonstram satisfação e interesse ao perceber que sua pergunta foi valorizada e compõem um painel de notícias que será apreciado pela escola como um todo, em um exercício pleno de ler e escrever, de compartilhar, de saber que temos algo que pode contribuir com tantas pessoas. Todos esses aspectos são essenciais para um trabalho que efetive a autoria e o protagonismo dos estudantes.

Para exemplificar a utilização do painel, citaremos a experiência que ocorreu em uma roda de conversa em que as crianças co-



mentaram a história ouvida pela turma, intitulada *A verdadeira história da Chapeuzinho Vermelho*²⁵, e em que começaram a perguntar uns para os outros: existe lobo de verdade? A partir dessa pergunta, os estudantes participaram ativamente, expondo suas respostas em um processo intenso de troca, de trazer suas próprias experiências e hipóteses. Um dos estudantes falou que existia apenas o lobo-guará. Após todos participarem, procedemos à pesquisa em fontes diversas (internet, livros, perguntas aos familiares, dentre outras fontes). Após as descobertas, escrevemos as informações encontradas, fizemos desenhos, assistimos a vídeos sobre a temática e imprimimos algumas imagens e informações selecionadas pela turma, para todo esse processo compor o painel “Pesquisadores de Plantão”.

Implementamos ações de partilha que demonstram que aprendemos quando ensinamos uns aos outros. Para isso, realizamos trabalhos de parceria com outras turmas da escola, assim como com estudantes de outras escolas, seja por meio de visitação ou mesmo utilizando recursos digitais. Na própria escola, fizemos o convite por escrito para outras turmas que tinham interesse na leitura de histórias que a nossa turma conhecesse, nos temas que estávamos estudando, no repertório musical que estávamos construindo ao longo do ano, bem como para que eles vivessem experiências culinárias e outras possibilidades que emergissem das rodas de conversa com o *Diário de ideias*.

²⁵ BARUZZI; SANDRO, 2011.

Figura 38 – Painel Pesquisadores de Plantão – 2019



Fonte: a autora

Para isso, colocamos em nosso painel dos “Pesquisadores de Plantão” os dizeres: “Você tem interesse em aprender com a nossa turma? Vamos trocar ideias! Deixe aqui o nome da sua turma e o tema que vocês querem dialogar conosco!”. Tendo por base as respostas do painel, realizamos o processo de diálogo com os professores que atuavam com a turma, bem como com os estudantes. Planejamos as ações de forma conjunta, tendo em vista o que seria partilhado, o local em que a ação iria ocorrer, os grupos envolvidos, o material necessário, dentre outras possibilidades.



Além desse fazer no cotidiano da escola, realizamos contatos com outros estudantes de escolas diferentes para trocar ideias, conhecer outras realidades, e juntos pesquisamos temas que eram comuns para todos, bem como trocamos nossas experiências singulares. Realizamos uma grande roda pelo mundo, rompendo paredes, ampliando os espaços de diálogo e resolvendo problemas de forma conjunta.

b) Varal de produções interativo

Ao longo do ano letivo, realizamos exposições dos trabalhos dos estudantes em varais, para que toda a comunidade escolar possa apreciar as produções autorais da turma e deixar um recadinho para ela. O fundamental de toda exposição de trabalhos é garantir a apreciação pelo outro do que foi realizado, e, para isso, deixamos um espaço também de participação para aquele que passa pela exposição, para as suas impressões sobre o que mais marcou, algo mais geral para a turma como um todo. Os estudantes vivenciam a leitura e a escrita de forma atuante e na ação.

O trabalho a seguir é um exemplo de um registro feito a partir da troca de ideias entre os estudantes, de temáticas dos diários de ideias que envolviam o gosto de cada um por animais. Utilizamos pequenos pedaços de papéis para serem rasgados e para cada estudante compor sua produção. Após o trabalho em sala de aula, fizemos uma exposição no varal que fica localizado no corredor da escola.



Figura 39 – Varal de produções autorais dos estudantes – 2019



Fonte: a autora

c) Produções e publicações midiáticas dos diários

O trabalho com as tecnologias da informação compõe o projeto *Diário de ideias* e está presente nas publicações on-line das produções autorais dos estudantes, conectando ideias com outros estudantes, professores e familiares. Destacamos também o trabalho com filmagens das rodas de conversa e vídeos individuais dos estudantes com suas narrativas sobre ideias, experiências vividas narradas e/ou registradas nos diários. Os vídeos são compartilhados no contexto escolar, com familiares, colegas e demais interessados por meio do site.

Disponibilizamos momentos para composição do diário virtual da turma, composto por fotos, escritas diversas e vídeos nos quais tecemos juntos, professores, estudantes e familiares, uma organização coletiva do que será registrado, marcando a história singular



da turma. Esse diário fica disponibilizado no site citado anteriormente e pode ser visualizado por outras pessoas, formando uma ampla rede de divulgação e troca de ideias. Destinamos espaços para recebermos mensagens, para que possamos pensar juntos com tantas outras pessoas temas de estudo e para ampliar nossas possibilidades de experiências.

Realizamos ainda um trabalho que envolve fotos para o registro das experiências vividas na escola pela turma. As fotos²⁶ são tiradas tanto pelos professores quanto pelos estudantes, pela importância que conferimos àquilo que é essencial para ser registrado por todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Essas fotos compõem um acervo digital da turma, de fácil acesso para que os estudantes relembrem os momentos vividos, para que possam fazer inferências, em um processo de demanda de reflexão sobre as experiências, para a proposição de novas ações a serem desenvolvidas na escola, para dialogar com o outro sobre o vivido, dentre outras possibilidades.

d) Mostra de produções²⁷

No final do ano letivo, realizamos um evento para compartilhar as

²⁶ Como já mencionamos anteriormente, todo o trabalho com imagem que envolva os estudantes, fotos e/ou vídeos é realizado mediante autorização prévia dos familiares responsáveis pelos estudantes, bem como com o próprio consentimento dos alunos.

²⁷ Este é um evento específico da Área de Alfabetização Inicial da Escola de Educação Básica da UFU, denominado pelo grupo como “Escritores Mirins”. A organização e a dinâmica do evento é sempre planejada conjuntamente pela equipe de professores que atuam do 1º ao 3º ano do ensino fundamental.

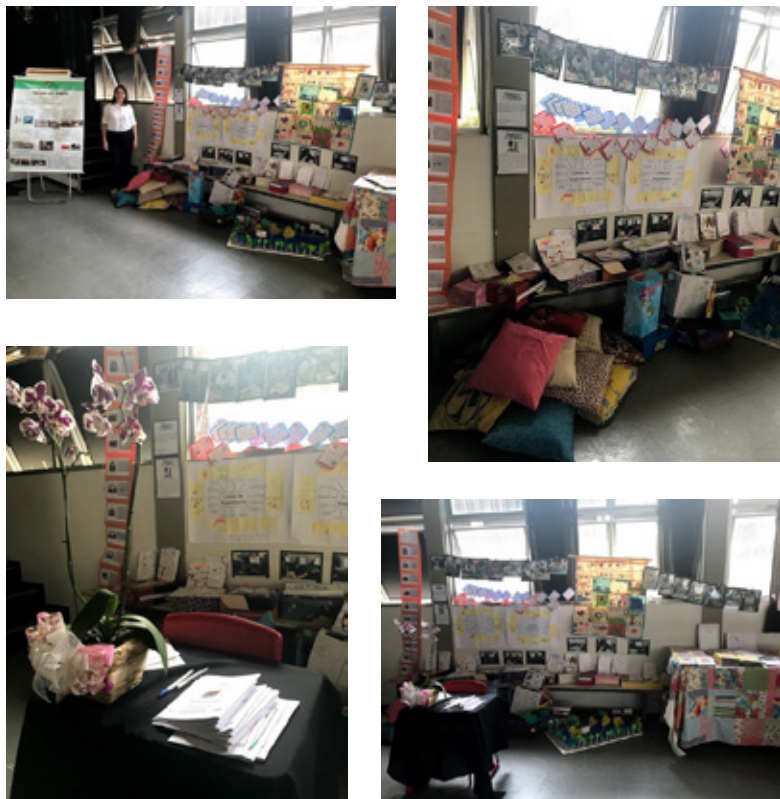
produções autorais dos estudantes com toda a comunidade escolar. É um momento organizado com os estudantes e que traz os elementos, os materiais, os objetos, os livros e as diferentes produções dos estudantes realizadas ao longo do ano letivo. Nossa exposição não tem como objetivo realizar atividades específicas com os estudantes para que ela seja composta, pelo contrário, nossa finalidade é expor os trabalhos realizados em nosso cotidiano escolar. São eles que formam parte da exposição e conferem a ela a sua legitimidade.

Além da exposição dos trabalhos, organizamos tarde de autógrafos dos livros das turmas, escuta de músicas que fizeram parte do repertório da turma, e destinamos espaços para a livre circulação dos participantes. O próprio diário constitui um livro de autoria de cada estudante que faz parte da exposição e dos autógrafos. Para o momento dos autógrafos, organizamos um local específico, com uma mesa da sala de aula forrada e composta com uma decoração.

A mostra é mais um momento de ensino e aprendizagem em que os estudantes relatam suas experiências na escola para a comunidade, observam seus trabalhos sendo apreciados e contribuindo com o saber do outro, em uma forma de trabalho dinâmica, que envolve diálogo, registros fotográficos e filmagens pessoais dos participantes.



Figura 40 – Mostra das produções dos estudantes – 2018



Fonte: a autora

2.3.11 Expressão da criatividade

A criatividade constitui uma expressão singular de cada estudante e pode estar presente na forma de narrar as experiências, nos tipos de registros, nas soluções dos problemas que emergem das conversas, dentre outras possibilidades. O que caracteriza a emergência da criatividade no processo de aprender a ler e a escrever

está relacionado ao próprio funcionamento do estudante, considerando-se as quatro características que elencamos no capítulo anterior e que são: confrontação com o dado, personalização da informação, geração de ideias próprias e novas que transcendem o dado, bem como a relação lúdica com o aprendizado.

Observamos que a criatividade emerge nos tipos de registros criados pelos estudantes, no engajamento com suas produções e na forma como se sentiram pertencentes e corresponsáveis pelo processo de ensino e aprendizagem. Em todos os aprendizes, a condição de sujeito da aprendizagem é fundamental para a expressão da criatividade em sua aprendizagem. A forma autoral que assume suas produções e suas experiências, o protagonismo no próprio planejamento das ações da sala de aula, a percepção de si como um agente de transformação e cidadão atuante em diferentes contextos sociais, tudo isso são experiências que envolvem a criatividade no processo de ler e escrever.

Estamos diante de uma aprendizagem complexa, que implica a atuação do estudante na sociedade para que ele não se apresente mais como alguém que *responde* perguntas, mas que também *faz* perguntas, que tem ideias sobre as situações experienciadas. Compreendemos que não são todos os estudantes que aprendem criativamente, porém, na dinâmica de trabalho desenvolvida no presente livro, cada um é tocado, vive, sente o processo de ensinar e aprender como seu e tem nas mãos o diário como um instrumento que implica ação no mundo, que está em constante



escuta do outro e que depende sempre do seu próprio autor para compor cada página.

A criatividade também emerge na sua dimensão funcional, ou seja, em alguns aprendizes, percebemos que a criatividade está na forma de atuação com a leitura e a escrita, no seu desenvolvimento subjetivo, tendo em vista recursos subjetivos que passaram a formar parte do processo de aprender, dentre os quais destacamos: a audácia, a autonomia, a busca ativa para solucionar problemas, os processos de comunicação com o outro, dentre outros recursos desenvolvidos mediante as produções subjetivas de cada estudante diante do que vivenciaram com a composição de um diário.

Portanto, são múltiplas e variadas as formas como a criatividade pode emergir no processo de aprendizagem da leitura e da escrita. Ela pode se constituir como processo de expressão dos estudantes nas narrativas, nos registros, ou mesmo na busca por soluções de problemas sobre os quais se dialoga nas dinâmicas de sala de aula. A composição de histórias, o processo de imaginação, de transgressão do que é posto na realidade, constituindo novas realidades, pode se constituir como uma forma de expressão da criatividade. São processos que demandam entrega plena à obra que se cria, tanto uma obra narrada como em registros diversos, em uma relação lúdica com o que se propõe a realizar.

No organograma a seguir, destacamos elementos fundamentais do percurso metodológico no trabalho com o *Diário de ideias*. No

próximo capítulo, realizamos um relato pessoal para destacar alguns momentos vividos com o *Diário* no contexto da turma “Cientistas das Letras” do 1º ano do ensino fundamental.



Minhas ideias



Pista número 3

Diário de Ideias: relatos de seu desenvolvimento no contexto da sala de aula

3.1 TURMA CIENTISTAS DAS LETRAS – 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

A experiência que será aqui relatada foi realizada por mim no ano de 2018, em uma turma de 1º ano do ensino fundamental na Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia – Eseba. A escola fica localizada em um bairro central da cidade de Uberlândia/MG e o ingresso nela ocorre mediante sorteio público, o que garante a entrada de aprendizes que residem em diferentes setores da cidade. Como Colégio de Aplicação, oferece Educação Básica e Educação de Jovens e Adultos, totalizando aproximadamente 800 estudantes.

3.1.1 Observação, escuta e diálogo

No contexto da sala de aula, observei que quando os aprendizes escrevem sobre algo que participa do seu próprio cotidiano ou mesmo quando essa escrita está relacionada a um tema de in-

teresse, a expressão, o envolvimento e as estratégias utilizadas para exercê-la são mais elaboradas. Identifiquei a preferência da turma pelo registro pictórico e por outras formas de linguagem, sendo a escrita um recurso ainda não marcante na vida das crianças. Elas exerciam a escrita e a leitura em tempos de ociosidade, utilizando papéis picados, cantinhos dos cadernos, o que é uma preciosidade, pois se trata de um processo autônomo de escrita. Todas as observações que realizei com a turma foram registradas em meu diário, assim como por meio de fotografias e filmagens de momentos considerados potenciais para compreender a criança em suas potencialidades, necessidades, dificuldades e/ou outros aspectos.

Os pontos de dificuldade que constatei na turma consistem na falta de diálogo entre os colegas, no saber ouvir as ideias dos outros e no respeito apenas ao saber do professor, desvalorizando o saber dos colegas. Realizei reuniões com os familiares das crianças para conhecer o contexto de vida delas, bem como criei um instrumento para que os familiares registrassem a forma como a leitura e a escrita estavam presentes no cotidiano. Diante das respostas, organizei as informações em uma tabela síntese (Anexo 1). Esse momento foi essencial para compreender o contexto de utilização social da leitura e da escrita pelas crianças. De forma geral, a escrita e a leitura estão presentes no cotidiano dos familiares, mas com pouca possibilidade para o registro de ideias, de sentimentos e também como uma maneira de marcar as experiências vividas. Percebi a disponibilidade dos familiares em contribuir com o pro-



cesso de aprendizagem das crianças e em serem parceiros da escola nas ações empreendidas.

Encaminhei para a casa de cada aprendiz uma tarefa que consistia na observação dos gostos e das preferências das crianças pelos familiares responsáveis, tendo em vista músicas, filmes, brincadeiras, jogos, o que gostavam de fazer no tempo livre e outros aspectos. Organizei um consolidado com as informações (Anexo 2). O retorno dessa tarefa pode ser exemplificado pela fala da mãe do estudante João Vitor no momento da reunião com as famílias: “Eu gostei muito desta atividade. Foi uma forma de estar mais atenta ao que meu filho faz. Eu não sabia de muita coisa que ele estava assistindo e fiquei muito preocupada. Eu não tinha feito essa observação antes e percebi que isso nos aproxima dos nossos filhos”. A observação detalhada das crianças nem sempre compõe a experiência das famílias. Identifiquei que muitas gostavam de realizar brincadeiras que envolviam a escrita espontânea em diferentes suportes e leituras diversas.

3.1.2 Investigadores da leitura e da escrita

Ao realizar o diálogo com a turma sobre o que era um diário, percebi o quanto as crianças já exerciam esse tipo de registro em diferentes suportes. Para exemplificar, registrei as falas de alguns aprendizes – Manuela: “Eu tenho um diário, mas nem tô usando muito. Posso trazer meu diário?” / Luiz Henrique: “Eu queria fazer um diário, mas não tenho caderno!” / Ana Júlia: “Que legal se a

gente escrever toda palavra que tem no supermercado” / Enzo: “Sou um Heitor também, mas não tenho onde escrever tanta palavra que eu vejo” / “Um lugar de escrever as coisas que a gente vive e gosta, de guardar nossas ideias e também de guardar segredos”. As crianças começaram a levar para a sala de aula, de forma espontânea, seus diários pessoais para mostrarem para a turma. Organizei um momento de roda de conversa para trocarmos ideias sobre as produções dos colegas e conhecer como organizavam um diário. Foi um encontro produtivo em que compreendi que a escrita é algo presente na vida da criança para registrar suas ideias, seus sentimentos, os acontecimentos marcantes e outros temas de interesse.

3.1.3 Rodas de conversa: colcha de retalhos — linhas de experiências

As rodas ocorreram a cada segunda-feira, propositalmente por ser o primeiro dia da semana com aula, no qual as crianças gostam de relatar suas experiências com os familiares e/ou com os colegas na escola. A disposição das carteiras era em formato de semicírculo e fazíamos a roda no chão, ocupando o centro da sala de aula, entre as carteiras, sobre uma colcha de retalhos. A duração de cada roda de conversa era de uma hora e/ou uma hora e meia de trabalho. Em cada momento realizei registros em meu diário, filmagens e também fotografei cada encontro para compor o portfólio da turma.

Levei uma colcha de retalhos para a sala de aula e convidei as



crianças para sentarem sobre ela, compondo uma roda. Cada aprendiz tirou seu calçado e sentou sobre a colcha. Também organizei uma cartolina com os nomes das crianças e entreguei para cada estudante um pedaço de papel sulfite colorido. Percebi que as crianças gostavam de relatar suas experiências pessoais para a turma e pedi que escolhessem uma das vivências para narrar. Cada criança contou sua vivência e registrou em forma de desenho e/ou escrita no pedaço de papel. Em seguida, coleí a produção de cada criança no seu nome que estava compondo o cartaz. Esse evento foi definido com a turma como “Colcha de retalhos: linhas de experiências”.

Chamou minha atenção o fato de uma das crianças da turma levar o caderno em branco, sem nenhum registro. Kamilly assim se expressou: “Não sei o que era para escrever. Não consegui fazer nada”. Levantei a hipótese de que a relação dessa aprendiz com a escrita estava marcada pela padronização de escrever apenas quando solicitada e/ou responder a algum comando de atividade. Nesse momento, aproveitei para conversar com o grupo, de forma geral, sobre como podemos nos expressar pela escrita, trazendo nossas próprias ideias para compartilhar com o outro. Em toda ação pedagógica temos que lidar com a diversidade e utilizar estratégias para garantir o interesse e a participação de todos no processo. Para isso, o diálogo, a troca de ideias e o conhecimento de outras experiências é fundamental. No momento da troca de ideias, Enzo inferiu: “Eu não sabia que eu podia escrever o que eu quisesse e do meu jeito. Este caderno é meu e vou escrever um

tanto de coisa”. Kamilly ouviu os colegas e ao final da dinâmica da roda disse: “Já sei o que vou escrever! Vai faltar folha pra tanta coisa que quero fazer!”.

Dessa forma, percebi a importância do diálogo com as crianças e entre elas para a concretização de canais como fontes para a aprendizagem. Observei que os familiares tinham muitas dúvidas e alguns começaram a escrever para a criança no *Diário de ideias*. Aqui, identifiquei um momento de dificuldade do trabalho no que se refere às diferentes concepções do registro escrito e algumas reflexões foram relevantes: para quem a criança escreve? Para que escreve? Quando escreve? Com quem escreve? De que forma escreve? Essas questões foram importantes para o trabalho com as famílias na direção de alinhar a necessidade da escrita espontânea da criança, dos seus registros próprios como processo de aprendizagem, das marcas nos registros que são próprias do seu desenvolvimento e de outros temas que fizeram parte de outro momento formativo com as famílias.

Outro ponto de dificuldade que vejo sempre como potencialidade para empreender novas ações foi a não definição prévia com as crianças da quantidade mínima e/ou máxima de folhas a serem utilizadas no caderno durante os sete dias. Muitas crianças escreviam em várias folhas do caderno, deixando muitas folhas em branco e/ou não registravam quase nada em cada folha. Conversamos sobre as formas de registro, observamos os diferentes exemplos dos diários dos colegas e definimos duas folhas para



serem utilizadas a cada semana. As crianças solicitaram a personalização das páginas com colagens de papéis diversos e a cada sete dias ocorria a escolha de imagens para compor o caderno. Para isso, cada criança fazia a escolha de suas imagens e/ou papéis coloridos para compor as folhas do diário. Constatei que as crianças traziam seus registros não apenas com o objetivo de socializar com os colegas, mas também para serem utilizados no próprio decorrer das ações da sala de aula.

O estudante Luiz Henrique trouxe uma história em seu diário para ser lida no momento do relaxamento. Ele disse: “Professora, fiz uma história para a hora do relaxamento. Você pode ler pra turma?”. Quando realizei a leitura da história para a turma, Luiz Henrique ficou muito feliz e disse: “Vou fazer outra história”. No início do ano, esse aprendiz demonstrava certo distanciamento das ações que envolviam leitura e escrita. Com a possibilidade de uma escrita espontânea e de coisas do seu interesse, proposta do *Diário de ideias*, ele foi se aproximando e se encantando pelas suas potencialidades diante da leitura e da escrita. Além do interesse de mostrar o diário para a turma, percebi que as crianças queriam socializá-lo com outras pessoas e mostrar as produções dos colegas, o que pode ser exemplificado pela fala de Matheus: “Queria mostrar pra minha mãe o seu diário, João Vitor”. Para contribuir com a possibilidade de compartilhar as produções criei um site próprio, onde as produções mirins eram escolhidas pelas próprias crianças e, como é um site público, contou com autorização prévia das famílias para expor os trabalhos das crianças e para poder ser

visualizado por outros usuários interessados, como os familiares delas, por exemplo.

Em outra roda, as crianças demonstravam muita intimidade com seus diários. Havia interesse da maioria delas pelo processo de escrita espontânea e pelo exercício pleno da leitura de suas produções e do mundo ao seu entorno. Também identifiquei que já dialogavam mais com os colegas do lado sobre os seus registros e traziam mais palavras e desenhos neles. No momento das narrativas das crianças sobre as ideias registradas, muitas trouxeram palavras que participavam do cotidiano de suas famílias, tais como: marcas de produtos de beleza, produtos de higiene, produtos de supermercado e também expressões que descobriram nos aparelhos celulares de seus familiares como “kkkk”. Foi uma ótima oportunidade para potencializar a aprendizagem de linguagens diversas. No momento da roda, Ana Júlia relatou sobre seu registro da expressão “kkkk” e disse: “Eu descobri uma nova palavra, kkkk. Vi no celular da minha mãe.” Perguntei se ela sabia o que significava e ela disse que indicava que alguém estava rindo. É importante marcar aqui que as narrativas das experiências enriquecem o registro das crianças e permitem ao professor ter elementos para compreender o processo de aprendizagem e desenvolvimento, rompendo com a escrita como um fim em si mesma.

Aproveitei o momento para explorar a composição de uma palavra e os tipos de expressões que não formam palavras, mas que constituem símbolos que indicam processos para comunicar algo



e produzir algo próprio. Em seguida, o aprendiz Luis Henrique relatou sua experiência de descobrir palavras que iniciavam com a letra “D” e apresentou seu registro das palavras: diamante, dourado e dinheiro. Na mesma roda, a estudante Isis disse que havia aprendido a escrever a palavra UVA. Ela soletrou a palavra e disse UAV. Em seguida os colegas contribuíram explicando que primeiro usava a letra U, depois o V, e só depois a letra A. A estudante que trouxe a palavra disse: “Acho que foi minha avó que queria me enganar para saber se eu ia descobrir esse erro. Ela falou as letras pra mim e eu escrevi desse jeito. Agora eu já sei e vou mostrar pra ela”. Fiquei emocionada com a riqueza de possibilidades de interação com o outro que as crianças estavam experienciando com o trabalho com o *Diário de ideias*.

Em uma das atividades, um estudante se comunicou com o outro por meio de um gesto e recorreu pouco à linguagem oral. Ele participava ativamente da roda, observando os colegas, segurando e folheando seu diário. No momento de sua narrativa, ele colocou a mão sobre um de seus olhos e mostrou a palavra que colou em seu caderno: PIRATA. Após a apresentação do Miguel, os colegas também colocaram a mão em um dos olhos e brincaram de ser piratas. Nesse momento, aproveitei para potencializar as diferentes formas de expressão e de linguagem nos processos de comunicação. Nesse dia, ao realizar a saída das crianças na escola, ouvi o relato da mãe de um dos estudantes da turma: “Como meu filho está interessado por aprender a ler e a escrever. Depois do *Diário de ideias* ele quer ler tudo que tem nos lugares que vamos. Teve

um dia que parei para abastecer o carro e ele ficou procurando palavras para colocar no seu diário e escreveu cinco palavras só naquele momento”.

O trabalho com o diário era reconhecido pelos familiares como um processo fundamental para a aprendizagem da leitura e da escrita e contribuía para o fortalecimento da parceria da família com a aprendizagem das crianças, bem como com as ações empreendidas pela escola.

No “envelope secreto” são selecionadas palavras que fazem parte de textos, letras de músicas ou temas estudados em sala de aula. Nesse momento é inserida uma palavra nos envelopes e secretamente cada criança faz a leitura da palavra para depois executar alguma ação, que pode ser definida conjuntamente no grupo. Num determinado dia de roda, selecionei algumas palavras dos diários das crianças relacionadas a nomes de animais e coloquei no envelope. O objetivo era imitar o animal na roda. Considerei muito interessante a forma como as crianças significavam a leitura e a escrita como possibilidade de expressão, de criação mental de imagens, em um processo em que a imaginação participa e favorece o aprendizado. As crianças imitavam os animais e os colegas tentavam adivinhar. Muitos aprendizes diziam que as palavras do envelope estavam nos diários de colegas da turma, como na expressão de Matheus: “Eu já vi a palavra Gato no diário da Manuela”.



Na outra roda “Colcha de retalhos: linhas de experiências”, as crianças levaram outras formas de registro e fontes de leitura. Identifiquei que começaram a se aprofundar mais nos registros e o foco deixou de ser no registro de palavras para se organizar pelo seu significado e na escrita de acontecimentos marcantes. Algumas crianças começaram a registrar em seus diários palavras que compunham os cartazes da sala de aula. Um exemplo é o relato de Tainá: “Eu escrevi sozinha ‘olha a bolha’ por causa do poema que tem na nossa sala. Eu desenhei no cartaz da sala e fiz uma bolha gigante”. No momento dos relatos, as crianças expressavam palavras que não conheciam, mas cuja forma de escrita e significado haviam investigado, o que é possível perceber pela fala de Nina: “Eu vi que minha mãe tinha um negócio diferente com areia e aí eu perguntei pra ela o que era. Ela me falou que era uma ampulheta e eu nem sabia o que era isso. Serve pra medir o tempo”. Esse e outros relatos compõem a forma como as crianças são curiosas em diferentes contextos sociais e demonstram a riqueza desse conhecimento para o trabalho do professor em sala de aula.

Considere cada registro para potencializar a aprendizagem e fazer conexão do mundo da criança com a escola. Identifiquei a necessidade da criança em registrar acontecimentos que haviam tido algum significado para ela, como no relato de Manuela: “Ontem foi aniversário do meu avô e foi tão especial.” No momento da roda, percebi que as crianças folheavam seus diários, como se procurassem lembrar dos seus registros. Observei que sorriam e que também queriam contar para o colega ao lado suas lembranças,



como na fala de Isis: “Olha aqui tanta coisa que eu já vivi! Naquele dia aí, eu fui passear com a minha mãe”. O relato do estudante João Vitor foi algo que marcou nossos diálogos: “Eu fui no médico. Agora eu vou sarar”. Após o relato, ele mostrou seu diário para a turma com a imagem de um médico e a sua escrita. Muitos estudantes ficaram preocupados com o colega e interagiram com ele na busca de obter mais informações sobre seu estado de saúde. Identifiquei que João Vitor, que pouco se expressava oralmente, sorriu e sentiu segurança em contar para o grupo detalhes da sua consulta com o médico. A escuta sensível é um recurso importante para o contexto da sala de aula, de acolhimento das experiências, dos anseios e das necessidades das crianças.

Observei que as crianças mostravam os seus diários para os colegas e identifiquei que eles constituíam um livro para a leitura de experiências da turma. Desta forma, incentivei a troca dos diários entre os colegas da turma, para a leitura das experiências e diálogo sobre o que descobriam. A partir desse dia, criamos um cantinho da sala de aula para expor os diários e cada aprendiz buscava um diário diferente para folhear, fazer a leitura e dialogar com o colega sobre os registros. Foi muito interessante observar o interesse das crianças pelas produções dos colegas e também a forma como realizavam perguntas para conhecer mais sobre o que foi registrado. Em um momento de ler o diário de um colega, o estudante Rafael disse: “Professora, eu olhei o desenho do Luiz Henrique do Pikachu e perguntei pra ele se ele tinha gostado do desenho. Ele respondeu que mais ou menos (risos). Mas eu gostei



muito”. Em um momento de diálogo com uma família de uma estudante da turma, a mãe relatou que o diário era só para escrever e que sentia falta de algo para ler. Quando relatei para ela que a própria escrita da criança era um recurso para leitura e que poderiam visitar os registros para ler as experiências, a mãe demonstrou encantamento pela proposta e disse: “É verdade! Tem tanta coisa escrita. É só ler com a Sarah”.

Em outra roda, percebi mais uma mudança nos registros de algumas crianças. Agora, estavam voltadas para temas de interesse de pesquisa. Muitas crianças levaram imagens e/ou fizeram colagens com folhas e pedras para compor um animal. Em seus relatos destacavam a curiosidade por temas da natureza como pedras, fogo, água e terra. Muitos relataram que foram para o computador pesquisar sobre animais. Apenas quatro estudantes da turma permaneciam na escrita de palavras cujo significado e/ou escrita haviam aprendido. Dessa roda de conversa surgiu o interesse da turma por aprofundar os estudos nas temáticas: água, pedra, fogo e água.

Nesse momento, percebi que precisava me atentar aos interesses conjuntos da turma por novas possibilidades de trabalho. Era um momento significativo de reconhecer a importância da escrita das crianças como potencialidades para novas ações em sala de aula. Juntamente com eles, definimos que faríamos momentos para organização do nosso projeto e para isso precisávamos pensar sobre o que queríamos estudar dos temas, os motivos

que nos haviam levado à escolha deles, quais eram nossas perguntas e hipóteses, nosso caminho da pesquisa, sua avaliação e culminância. Observei que a turma estava envolvida com a temática e seus registros ganhavam novos contornos nas nossas ações na escola. A escrita era exercida como canal de comunicação de ideias, sentimentos e, por isso mesmo, como processo de desenvolvimento humano.

Em outra roda, percebi que as crianças comentavam com os colegas sobre as pessoas que os ajudavam nos registros dos diários e sobre os lugares em que realizavam os registros. Iniciamos os relatos com a estudante Sarah, que leu em seu diário: “Eu amo minha vida!”. Ela explicou que estava muito feliz por estar usando óculos. Nesse momento, o estudante Enzo disse: “Nem tudo na vida é só alegria. Tem momentos tristes também, quando a gente perde um amigo ou um parente. Isso não é feliz, mas a gente aprende”. Cada estudante expressava opiniões sobre as experiências e as falas dos colegas. Tainá disse: “Minha mãe colou essa capa da bolacha que está escrito ‘Rosquinha de coco’, é uma delícia esta bolacha com leite”. Graças ao seu relato, muitas crianças disseram que até ficaram com vontade de comer a bolacha, pela forma como a colega narrou a experiência. É importante destacar a necessidade da atenção e do interesse do próprio professor pelas experiências narradas pelas crianças.

Sendo assim, a cada apresentação lançava perguntas tais como:



- a. Quem estava com você?
- b. O que você aprendeu com o que viveu?
- c. O que você gostaria de mudar na sua experiência?
- d. Conte mais detalhes para entendermos melhor o que você viveu.
- e. Em que lugar você estava e onde leu a palavra que escreveu?

Foi no momento do relato de Enzo que reconheci uma outra possibilidade de trabalho com as ideias contidas no diário: “Sabe o que a gente podia fazer com tanta palavra que já descobrimos? Pensei em fazer um lugar na sala para colocar cada uma”. A aprendiz Valentina disse: “Vou colocar a palavra bailarina. Eu quero ser uma bailarina e escrevi no meu diário”. Aproveitei a ideia para dialogar com a turma e definirmos juntos o que poderíamos fazer com as palavras descobertas. As crianças demonstraram interesse em ver algumas palavras de seus registros expostas em um painel alfabético da sala de aula, no qual cada letra do alfabeto conteria um bolsão de plástico, de forma que poderíamos colocar as fichas das palavras.

Iniciamos então o processo de escolha das palavras, e cada criança realizou a digitação e/ou escrita delas em fichas e a organização em ordem alfabética para compor o painel. Esse trabalho foi realizado em duplas e cada uma era convidada a utilizar o computa-

dor na sala de aula para a digitação das palavras. Algumas duplas preferiram a escrita das palavras utilizando canetinhas e/ou lápis de escrever. Depois que registraram suas palavras, coloquei todas as fichas no centro da roda e realizamos a leitura, momento em que trabalhei com as hipóteses de leitura das crianças e, em seguida, iniciamos a organização delas em ordem alfabética. A troca de saberes foi essencial para o trabalho, por exemplo, no momento em que estávamos lendo a palavra “bolha” e Luiz Henrique disse: “Coloca na letra ‘O’”. Em seguida Matheus inferiu: “Não é ‘O’”, tem uma letra antes, ‘bolha’, olha o som, tá diferente.”

A culminância do trabalho ocorreu com a publicação das produções no site educativo e com a produção autoral de cada aprendiz em seu próprio diário, em uma ação participativa das crianças como protagonistas de sua aprendizagem. Como destaca o autor Leon Tolstói (1988), na narrativa das crianças encontramos os efeitos poéticos e um talento para a criação estética. No próximo capítulo, apresentamos uma avaliação do percurso desenvolvido com o *Diário de ideias* para contribuir ainda mais com a compreensão deste trabalho e com seus impactos no processo de aprendizagem e desenvolvimento dos estudantes e professores. Nele realizamos uma avaliação das potencialidades do trabalho com o *Diário de ideias* para favorecer a aprendizagem da leitura e da escrita e o desenvolvimento da subjetividade dos estudantes.



Minhas ideias



Pista número 4

Aprendizagem e desenvolvimento:
possibilidades de contribuições do trabalho
com o diário de ideias

“Se olho demoradamente para uma palavra descubro, dentro dela, outras tantas palavras.

Assim, cada palavra contém muitas leituras e sentidos.

O meu texto surge, algumas vezes, a partir de uma palavra que, ao me encantar, também me dirige.

E vou descobrindo, desdobrando, criando relações entre as novas palavras que dela vão surgindo.

Por isso digo sempre:

é a palavra que me escreve.”

(Bartolomeu Campos de Queirós, 1997)

O objetivo principal do trabalho com o *Diário de ideias* é contribuir com a aprendizagem da leitura e da escrita por meio do exercício autoral de registros e investigações de experiências da vida do aprendiz, bem como das narrativas do vivido pela criança. Reconheço a importância do trabalho com a leitura e a escrita no

cotidiano escolar e a forma significativa com que esse aprender precisa ocorrer para a criança. Desta forma, cada acontecimento da roda “Colcha de retalhos: linhas de experiências” é utilizado como potencializador para compreender o momento de desenvolvimento e aprendizagem das crianças, bem como para propor intervenções para atuar nas dificuldades e potencialidades de cada uma.

A avaliação ocorre de forma processual durante todo o decorrer da experiência. No âmbito da avaliação, observei o processo de aprendizagem dos estudantes tendo em vista os objetivos do trabalho, assim como incluí a apreciação dos familiares, sua participação no processo, bem como minha própria análise do percurso experienciado com o *Diário de ideias*. Em consonância com os objetivos específicos que permearam a proposta com o *Diário*, posso explicitar que as crianças compreenderam a escrita como recurso de expressão, produção e comunicação com o outro, pois os registros nos diários contam com suas ideias, vivências, sentimentos diversos como algo muito particular da singularidade de cada aprendiz. Observei que as palavras registradas, as frases e mesmo os textos eram produções próprias das crianças e não cópias descontextualizadas, assim como cada registro continha marcas da história de vida contada por elas.

A proposta com o *Diário de ideias* se efetiva pelo caráter investigador e questionador que os participantes assumem diante do seu processo de viver o mundo. A avaliação e a autoavaliação fazem



parte de todo o percurso de realização do trabalho com o *Diário*, uma vez que é acompanhado pelo próprio aprendiz.

O diário em si já é um recurso que mune o professor de elementos para contribuir com a avaliação do desenvolvimento da escrita. Recorri à observação dos registros e também ao diálogo com a criança sobre suas produções. Nesse processo, algumas perguntas permearam as conversas: o que você registrou? Alguém te ajudou? Em que momentos você mais gostou de escrever? Você gostaria de ler algum dos seus registros para mim? Na sua escrita, você observa que faltou alguma letra para formar alguma palavra? Você mudaria alguma letra para escrever alguma palavra do seu registro? Essas e outras perguntas contribuem para a criança observar com mais detalhes seus registros e revisar suas produções.

O desenvolvimento da escrita foi observado pela expressão das crianças nos registros do diário e nos registros de cada aprendiz nos cartazes produzidos durante as rodas. Destaco que todo o trabalho de avaliação ocorreu com base nas elaborações do autor Cipriano Luckesi (1997), para quem a verdadeira avaliação é aquela em que há uma tomada de decisão, um caráter empreendedor do professor na direção da aprendizagem da criança e não apenas uma verificação do nível de aprendizagem e/ou desenvolvimento dela. Por isso, procurei que a cada registro escrito das crianças fosse feito um momento de análise conjunta, o que envolvia reflexões e levantamento de hipóteses sobre a escrita, por exemplo, na



intervenção que realizei com a escrita da palavra UVA pela estudante Isis, em que os colegas contribuíram para a elaboração, pela aprendiz, da escrita convencional da palavra.

Também é importante marcar a qualidade das narrativas das crianças diante do registro, que em alguns momentos era apenas de uma única palavra. A riqueza das informações, das expressões das crianças dinamizava o trabalho realizado e recheava as conversas nas rodas. A escrita não tinha um fim em si mesma, mas favorecia que a criança seguisse pensando sobre as experiências que potencializaram o registro. Todo esse processo ocorria nos diálogos com os colegas, no diálogo com elas mesmas, com familiares e com outras pessoas. O diário constituía uma escrita viva da vida do aprendiz, em que fui descobrindo mudanças nos gostos, nas preferências, nos interesses e nas necessidades das crianças (Anexo 8).

O interessante é que as crianças escreviam, dialogavam e mudavam o que fosse necessário, sem o sentimento de exposição no grupo. Foi possível criar um clima de cooperação e de aprendizagem colaborativa pelas trocas de ideias constantes e pelo respeito ao saber dos colegas vivenciando fóruns de avaliação (Muniz; Carleto, 2017). Outras abordagens que envolviam o trabalho com a escrita foram realizadas no momento de apresentação e também posteriores ao processo da roda, como nos momentos em que as crianças me convidavam para ver seus diários e/ou chamavam outras crianças. As próprias crianças faziam apreciações



que envolviam, dentre outros aspectos, correções da escrita e/ou sugestões de registro, como a fala da estudante Kamilly para Valentina: “Bailarina escreve com ‘i’ depois do ‘a’. Você esqueceu de colocar”. A avaliação colaborativa participa do contexto da sala de aula e está presente nos diálogos entre as crianças, passando a ser uma responsabilidade geral do grupo, formando parte de uma aprendizagem colaborativa.

Nessa direção, contei com uma proposta de trabalho que envolvia as crianças em proposições de ações para o contexto da sala de aula, em uma postura de protagonismo do seu próprio percurso de aprender. Sendo assim, as crianças participavam ativamente, desenvolvendo recursos subjetivos como: autonomia, audácia, comprometimento, flexibilidade e outros aspectos.

No início do trabalho, muitos estudantes apresentavam certo receio de expressar suas ideias e de participar oralmente da roda. No entanto, com o decorrer do trabalho e com as minhas intervenções, incentivando, valorizando e avaliando a importância de cada um narrar suas experiências, observei que estudantes da turma participavam de forma ativa e interessada, bem como expressavam criatividade nas diferentes formas de registro, nas proposições de ações para a sala de aula e na maneira autêntica com que narravam suas experiências. Como exemplo, posso citar o registro da estudante Nina utilizando pedras e folhas para formar uma libélula, a forma como Enzo contribuiu para organizarmos um painel alfabético com as palavras do diário, dentre outras

ações que caracterizam a expressão da criatividade no âmbito do *Diário de ideias*. Destaco que o desenvolvimento da subjetividade da criança precisa fazer parte da compreensão do estudante pelo professor, e estar presente no contexto escolar em unidade à aprendizagem dos conteúdos curriculares, para que estes possam formar parte da vida do aprendiz na atuação no mundo.

Enfatizamos o papel da autoria, da investigação e do caráter empreendedor que as crianças assumiram para que a aprendizagem se organizasse de forma subjetiva, fazendo parte da sua vida e com impactos na forma de viver o mundo. A forma como as crianças estavam mais atentas aos registros escritos dispostos nos murais, nas redes sociais, nos lugares públicos e em outros que participavam, os questionamentos que promoviam com essas leituras, me instiga a valorizar a prática da escrita nos diários como uma maneira de provocar e aguçar a leitura e a escrita como uma experiência subjetiva. Observei que elas estavam mais interessadas por informações nos murais da escola, pela escrita do cardápio da escola e por outras informações do contexto escolar. Paravam para ler e dialogar com os colegas sobre qual seria o lanche do dia ou mesmo para saber sobre algum evento da escola. Como exemplo, temos a fala da estudante Manuela: “Hoje tem sopa na escola. Olha aí no cartaz. Vou escrever no meu diário, eu adoro sopa!”

Avalio o *Diário de ideias* como um recurso potencializador da escrita e da leitura como processos que participam da vida da criança, assim como uma forma de conexão entre suas necessidades,



desejos, curiosidades, aprendizagens diversas e o contexto da escola. Para exemplificar, apresento a fala da mãe da estudante Kamilly: “Fiquei emocionada ao ver minha filha, que era tão tímida, me perguntar como é que ficava o M mais o I. Eu falei que fica MI e ela me perguntou como ficaria com o X no final. Eu respondi que ficava MIX e ela disse que era o nome da loja que a gente estava. Depois ela escreveu o nome da loja no seu diário.”

Como processo de avaliação, elaborei uma atividade para que cada estudante folheasse seu diário e falasse e/ou escrevesse sobre os tipos de registros mais utilizados e qual mais gostavam de realizar; o que gostavam de escrever; quais relatos mais interessaram na roda; e o que mudariam no diário. Organizei as informações em uma tabela síntese (Anexo 6). As crianças se organizavam em grupos de quatro participantes para realizarem a atividade proposta. De forma geral, elas avaliaram que gostavam muito do seu diário, que preferiam o registro escrito, pictórico e as colagens, e que gostavam de escrever sobre suas experiências com seus amigos e familiares.

Outro elemento que observei durante a atividade foi relacionado à escolha de pelo menos uma das experiências narradas por um colega que chamou atenção. Percebi que as crianças dialogavam entre si e procuravam lembrar, junto com os colegas, detalhes da experiência. Por exemplo, quando a Nina foi até a carteira da Kamilly e disse: “Eu gostei daquele dia que você mostrou umas figurinhas de bichinhos. Você deixa eu ver? Quero saber quantas você

colou.” Nesse momento, Kamilly sorriu, demonstrando se sentir contemplada por ter seu registro valorizado. Como sugestão da turma, as crianças solicitaram mais folhas para escreverem e não apenas duas páginas; queriam inserir páginas com brilhos e utilizar a última capa para um desenho próprio do autor do diário. Algumas relataram que não queriam mudar nada no diário, pois gostavam da forma como estava organizado. Analiso a importância de manter o recurso do diário durante todo o ano letivo, tendo em vista o alto nível de interesse das crianças e os impactos em sua aprendizagem e desenvolvimento.

Realizei filmagens das crianças falando sobre a experiência com o *Diário de ideias* e identificamos o envolvimento, o cuidado e a relação afetiva que estabeleciam com seus registros. Como na fala da estudante Ana Júlia ao ver o estudante Enzo recortar uma folha do seu diário: “Minha nossa! O diário é muito precioso e não é para cortar as folhas. Você tem que cuidar do seu diário, nele está sua história”. Enzo respondeu: “Eu também cuido do diário. Eu tirei um pedaço de papel para escrever para meu amigo Luiz Henrique que está triste hoje e eu não quero ver ele assim.” Percebi mudanças nas crianças na preferência pelo registro escrito, no elevado interesse pelo campo da aprendizagem da leitura e da escrita, na curiosidade referente a temas científicos, bem como na utilização da leitura e da escrita na vida, tendo em vista a qualidade de partir das necessidades dos autores de expressarem seus sentimentos, ideias, curiosidades e outros aspectos.



Também fez parte do processo de avaliação uma tarefa que encaminhei para casa, na qual as crianças convidariam seus familiares para dialogarem sobre a experiência com o diário. A partir das informações, organizei uma tabela síntese com as informações (Anexo 7) e pude constatar o envolvimento dos familiares com a proposta de trabalho e o reconhecimento de importantes mudanças na vida das crianças no processo de registro das experiências. Algumas respostas dos familiares podem ilustrar minha análise: “A criança tenta ler todas palavras que vê, pois é muito curiosa, e quando consegue quer logo escrever”; “A criança quer ler tudo e tem iniciativa com isso”.

Toda a avaliação destacada anteriormente demonstra a forma como os outros objetivos foram alcançados no decorrer da proposta com o *Diário de ideias*, dentre os quais: utilizar diferentes linguagens e formas de expressão – verbal, escrita, corporal, visual, pictórica e digital – para compartilhar experiências, informações, ideias e sentimentos, assim como favorecer o diálogo e a troca de ideias; analisar as diferentes práticas de linguagem presentes na sociedade, além de atuar de forma intencional como partícipes da construção desta. Enfatizo ainda que houve a aprendizagem das crianças dos conteúdos aqui propostos, com o reconhecimento da função social da escrita, dos diferentes tipos de letras e a valorização da escrita como meio de comunicação. Elas reconheciam a utilização de diferentes tipos de letras ao realizarem suas leituras de palavras em diferentes contextos sociais e buscavam o desenho dessas letras nos seus registros.

As dificuldades apresentadas pela turma no início do trabalho, como escutar o outro e respeitar o saber dos colegas, foram superadas com o recurso da valorização das experiências do outro, da escuta sensível e do atuar com as produções dos diários no contexto escolar. O trabalho com o *Diário de ideias* contribuiu com a aprendizagem da leitura e da escrita conectando as experiências da criança com o contexto escolar, em um processo de leitura de mundo e de conhecimento de si, potencializando a qualidade de atuação com a leitura e a escrita no exercício protagonista da criança na sociedade. Esse trabalho favoreceu o envolvimento dos familiares dos aprendizes com o processo de aprendizagem das crianças e oportunizou a observação e o acompanhamento conjunto dos interesses, dos gostos, das preferências, das potencialidades, das dificuldades e das necessidades das crianças.

Nos relatos dos familiares, observei que os estudantes eram atuantes no mundo por intermédio dos diferentes canais de escrita e leitura, como mensagens escritas via celular, leitura de bilhetes, e até mesmo no recebimento e entendimento de uma conta de luz e/ou água. Foi possível contar com a participação dos estudantes em processos ativos em que demonstraram estar presentes no mundo ao seu redor na forma como buscavam entender de forma consciente o que estavam comprando no supermercado, por meio da leitura de rótulos e embalagens, um verdadeiro despertar para novas possibilidades de relações com o outro.



Como parte do processo de avaliação, realizei uma reunião coletiva e atendimentos individuais com as famílias para tratar da aprendizagem e do desenvolvimento da criança durante o ano letivo. Nesses encontros, foram abordadas questões relativas ao trabalho com o diário e os relatos das famílias podem ser exemplificados por uma fala da mãe da estudante Sarah: “Antes a Sarah não ligava para as marcas dos produtos. Agora ela entra no banheiro e fica lendo o que está escrito nos potes de cremes. Ela fala que vai escrever tudo que aprende no diário dela. Teve um dia que o pai dela falou que amava ela e ela disse que ia escrever no diário, de tanto que gostou de ouvir o pai.” A mãe do estudante Rafael relatou: “Rafael fica muito tempo fazendo seu diário. Ele disse que não sabia fazer um cavalo e eu desenhei para ele. Fiquei preocupada dele só copiar meu desenho, mas ele fez do jeito dele.” Já a mãe do estudante João Vitor afirmou: “O *Diário de ideias* foi algo que mudou a vida do meu filho. Ele quer escrever histórias e palavras que vê na rua e até na nossa casa. Antes ele não queria escrever nada.”

No trabalho desenvolvido, percebi o quanto o diário mobilizou a interação entre os familiares e as crianças, bem como oportunizou novas descobertas e interesses pelo mundo. Os resultados do trabalho com a leitura e a escrita favoreceram o exercício pleno da leitura e da escrita pelas crianças, em um processo em que se tornaram protagonistas de sua aprendizagem. O sentimento de pertencimento ao contexto social da escola, como algo conectado à vida social da criança de forma geral, foi outro ponto que percebi

como importante para a avaliação, tendo em vista o objetivo do trabalho. Os estudantes tiveram a oportunidade de ampliar o conhecimento sobre a utilização da leitura e da escrita no cotidiano, enfatizando a qualidade de atuação com elas, rompendo com o caráter utilitário desses processos.

Destaco também a forma como o trabalho favoreceu um planejamento pedagógico dialogado, em que todos foram protagonistas das experiências em sala de aula. Várias atividades emergiram dos diálogos, tais como a confecção de um painel alfabético com as palavras do diário, o envelope secreto, a escolha de um tema para o projeto de sala, a leitura de histórias em momentos da sala de aula, dentre outras possibilidades. As palavras do universo infantil e a história de vida, em meio às experiências vividas em diferentes contextos sociais, estavam presentes na sala de aula e compunham ações significativas de ler e escrever.

Portanto, avalio que o trabalho com o *Diário de ideias* é um recurso fundamental para ser implementado anualmente no trabalho com qualquer faixa etária, observando-se as especificidades de cada ano de ensino. Para a realização e/ou continuidade do trabalho, penso ser importante promover estudos e pesquisas em cada escola e/ou turma, observando os gostos, as preferências e as necessidades das crianças que farão parte do trabalho. Enfatizo a importância da escuta sensível do professor e seu papel como provocador do diálogo. A escrita de um diário é uma escrita pessoal, que mobiliza a reflexão sobre nossas ações e pode contribuir



para que nossas ideias possam ser registradas, dialogadas e colocadas em prática em diferentes contextos.

No próximo capítulo, apresentamos relatos de estudantes, familiares, professoras e estagiárias que participaram do trabalho com o *Diário de ideias* na Escola de Educação Básica da UFU sobre como foi viver essa experiência, assim como possibilidades de implementação da proposta com o *Diário* na Educação Infantil.

Minhas ideias

Pista de número 5

Com a palavra, participantes
do *Diário de ideias*

No presente capítulo, inserimos os relatos de estudantes, familiares, professoras e estagiárias que participaram do trabalho com o *Diário de ideias* na Escola de Educação Básica da UFU sobre como foi viver essa experiência, assim como possibilidades de implementação da proposta com o *Diário* na Educação Infantil. Para garantir a participação de todos os envolvidos no processo, optamos por transcrever falas de gravações de vídeos e/ou de voz, de momentos experienciados com o *Diário*, assim como inserimos relatos escritos pelas participantes.

5.1 COM A PALAVRA, AUTORES MIRINS

Neste espaço encontramos as transcrições de vídeos e/ou “O diário para mim é...”

Figura 41 – Painel de Linhas de experiências – 2018



Fonte: Acervo da autora.

Isis

“Ele é bom e me ajuda um pouco. Me ajuda a anotar coisas e não esquecer. Eu peguei um pote de shampoo que minha mãe me deu, eu tirei e coleí no meu diário. Aprendi a ler, a escrever.”





Ana Júlia

“Na minha vida? Ele é o diário que eu registro tudo que eu fico aprendendo, descobrindo... E nele é às coisas que eu faço, às coisas que eu aprendo, que eu demonstro. Meu diário é legal e eu escrevo muito com ele, ele faz eu sentir que estou conseguindo ler e escrever, e essa coisa que eu tô sentindo é verdade! Eu aprendi a ler, escrever, desenhar.”



Luis Henrique

“O diário é fera, animal. Aprendiz sobre futebol. No meu diário eu gosto dos jogadores que chamam Messi, Neymar, Cristiano Rafael e Luis Soares.”



Enzo

“Eu acho que o meu diário ele é muito bom porque eu registro às coisas da minha vida, e aí eu posso desenhar, colar imagens, recortar jornais para colar, escrever e totalmente desenhar e pôr fotos. Eu acho que no meu diário eu posso registrar várias coisas, que ele é meu, para eu fazer as coisas da minha vida. E eu gosto muito do meu diário porque eu faço desenhos legais e porque às vezes eu aprendo e posso pôr as coisas que eu já sei escrever aqui. Descobri mais a escrever e ler. Porque o diário, apesar de ter outros tipos de diários, esse é um diário muito bom, aí eu pensei que às outras escolas podiam ter para também acontecer isso, algumas crianças podem saber ler, mas tem gente que não sabe ler. E o diário vai ajudar, a maioria ajudou aqui na sala pelo que eu vi.”



Luiz Henrique

“É muita diversão e também eu aprendo muito a escrever, eu aprendi a ler e desenhar. O que eu aprendi com o diário foi a escrever, ler, aprender as letras, aprender a ler também. Aprender a saber o que tem nos livros, o que tem nas folhas, nas plantas, qualquer coisa que a gente fez, a gente continua lendo. Eu já fiz ideias da minha cabeça, eu já pensei o que eu for escrever, fazer, eu já fiz livros, já fiz livros da escrita dos livros, já escrevi muitas coisas que eu já fiz, eu já estou aprendendo a ler com a diário, a escrever, a ajudar outras pessoas, ajudar meu pai a escrever algumas coisas, ajudar minha irmã a aprender. Também o diário é feito para me ajudar a escrever, a me ajudar mais a escrever, ajudar mais a escrever de diferentes formas, fazer desenhos mais bonitos. Eu fiz uma história pro relaxamento na sala. Cheguei na sala alegre. Pedi para a professora ler para a gente. Foi legal ver minha ideia e a turma gostou muito.”



Manuela

“O diário são várias coisas, várias coisas da minha vida. Eu faço muitas coisas da minha vida, de onde eu vou, do que eu vejo, do que eu faço. Muitas coisas eu aprendi, tipo aprendi a ler, a escrever, a fazer livros.”



Matheus

“Eu faço as coisas que eu faço, e eu faço também às coisas que eu vejo. Porque eu olhei esse menino na rua, mas estava escura então eu não consegui ver direito, mas ele estava sozinho. Eu aprendi a escrever, e a ler, e também a desenhar. Toda criança do mundo tinha que ter um diário, porque aí as pessoas vão ter mais criatividade.”





Nina

“O *Diário de ideias* para mim na minha vida é para registrar o momento, o dia, onde você foi, lugares diferentes, quando você está viajando, quando você vai estar de férias, e também para registrar como que é a vida. Desde quando a professora deu o diário para mim, eu estava aprendendo também nas tarefas, eu desenhava ruim no começo e aí eu fui aprendendo.”



Sarah

“É formar palavras e também descobrir as coisas das ruas. Eu já inventei a música da borboleta. Eu escrevo muitas coisas no meu diário porque ele é só meu, para eu desenhar, colocar letras, fazer histórias. Descobri que as palavras que rimam.”

Tainá

“Legal, divertido, eu posso desenhar, escrever, fazer outras coisas. Eu comi uma bolacha que era muito gostosa com a minha mãe no café e depois eu quis registrar no diário. Eu coleí o pacote no meu diário para mostrar para os meus coleguinhas. Aprendi a escrever, a ler, aprendi um monte de coisas.”

Miguel

“Desenho. Colagem.”

Valentina

“Legal, divertido, para escrever, desenhar. É legal, vou fazer, colocar pedra, colocar folha. Aprendi a ler e desenhar, escrever.”





Kamilyly

“Eu gosto de por desenhos e escrever. Escrevo sobre as coisas que eu encontro. E na casa da minha vó, do meu avô.



Rafael

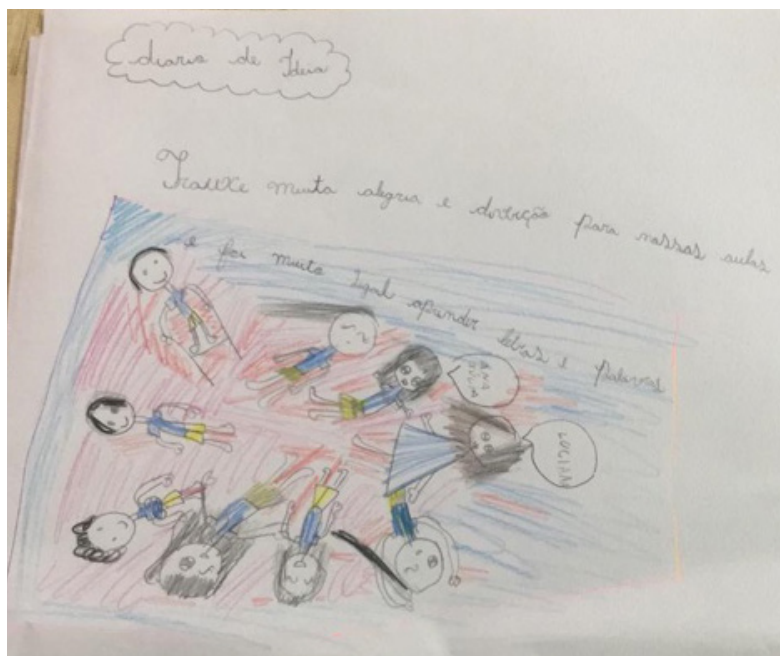
“Um livro de ideias, umas ideias assim para falar e fazer com os colegas. As minhas ideias que eu conto para os colegas.



João Vitor

“É colagens, foto, e também desenhar. Aprendi a colorir, escrever.

Figura 42 – Produção da estudante Ana Júlia sobre o Diário de ideias – 2019



Fonte: a autora

5.2 COM A PALAVRA, OS FAMILIARES

Mãe do Rafael

“É um trabalho inovador, desconheço alguém que trabalhe com isso. Acho que tinha que perpetuar para outras escolas. Foi muito legal o movimento dele com a escrita, com o som das palavras.”



Pai do Luiz Henrique

“Todo trabalho, toda atividade que ele fazia fora de sala, em casa, com a família, ele tinha interesse de registrar no diário. Ele queria anotar, desenhar. Notei bastante interesse e evolução na aprendizagem dele. Tá ajudando muito com o incentivo na escola, com o relacionamento com a escola, e fora de sala, fora do cotidiano escolar, então em casa ajudou bastante o desenvolvimento deste trabalho.

Mãe da Nina

“A experiência do *Diário de ideias* com a Nina foi muito interessante esse ano. Mas eu achei muito interessante que ela foi percebendo a forma, a escrita dela, como foi mudando ao longo do tempo. Isso é muito bacana porque foi desenvolvendo a criatividade, a questão da escrita e os desenhos dela, acho que isso foi muito bacana e ela tem produzido outras coisas em casa também que eu acho que vou ter que encadernar para complementar o *Diário de ideias*.”

Mãe da Ana Júlia

“O *Diário de ideias* é um livrinho, é um desenvolvimento pedagógico da criança. É muito importante a criança ter uma produção própria, acho que tanto nós pais, quanto nós como educadores, às vezes tudo o que a gente faz, a gente faz às coisas tudo muito prontas para às crianças, e assim, eu vejo que nesse *Diário de ideias* a criança tem uma grande possibilidade de mostrar o que ela gosta, o que ela quer, o que faz sentido para ela, para que ela não fique só reproduzindo aquilo que o professor quer, às vezes aquilo que a família quer. Então assim, é um material riquíssimo, acho que tanto para a família, para que a gente possa observar um pouquinho às crianças, que às vezes a gente deixa passar muita coisa, deixa passar um olhar mais específico no que realmente aquela criança quer, o que realmente aquela criança acredita. E assim, da forma que a gente vê, que a Luciana nos fala como é conduzido dentro da sala de aula, e assim, eu também observo nitidamente da Ana Júlia, muitas coisas que ela começa a conhecer, que ela começa a pensar, que ela começa a querer investigar sobre aquilo, às vezes são ideias que



ela viu que o coleguinha tem, que ela achou interessante. Então assim, além dela começar a conhecer os gostinhos dela, ela começa a ver o que a turma, o que o colega pensa e querer conhecer aquele assunto. E às vezes assunto que a gente vê que não está ali no planejamento daquele ano escolar. Então assim, o *Diário de ideias* acho que ele dá uma amplitude muito grande no planejamento do professor.”

Mãe do João Vitor

“Para mim percebi que o *Diário de ideias* favoreceu a parte do comportamento, do desenvolvimento dele, na expressão dele, na fala, então foi um momento muito importante que a gente teve entre ele e a família. E também nas rodas de conversa, foi muito interessante porque possibilitou ele a falar o que ele tava sentindo, porque ele é uma criança muito tímida, e foi muito interessante. Então só tenho a agradecer a professora, pelo carinho, pela atenção, por ter desenvolvido esse projeto tão importante e tão gratificante, então foi muito importante mesmo.”

Mãe da Tainá

“É um projeto que a gente está se encontrando com nossos filhos, e conhecendo até um pouquinho mais, porque está saindo coisas engraçadas, coisas legais. Ela arrancou um dente, esses dias o pai arrancou o dente, e ela estava muito ansiosa para arrancar esse dente, e eu peguei ela amarrando um fio dental no dente e na porta porque ela queria arrancar o dente de qualquer maneira, então a gente teve que arrancar esse dente dessa menina. Meu esposo foi lá, viu que estava molinho, então arrancou, na hora ela deu uma assustada, chorou só um pouquinho, mas assim, foi um alívio para ela. ‘Que legal, estou de banguelinha. Então é uma novidade para contar na minha sala.’. Ela queria arrancar o dente para ter essa novidade para contar na roda de conversa. Então isso é muito positivo essas rodas de conversa serem feitas na sala. E no diário ela registrou isso, ela quis registrar o dente, e ela registrou lágrimas e eu até falei para ela ‘Mas você nem chorou tanto assim!’, mas foi o sentimento que ela colocou ali no diário, que para ela, não foi somente a dor, foi um perda também, em-



bora ela queria tanto arrancar esse dente, perder esse dente, mas perdeu, o dentinho saiu dali, e a gente sabe que tem todo um processo né, quando perde um dente também, é algo que está saindo ali da vida da criança né. Então assim, é do pouco que a gente vê o muito. Então foi muito positivo, a professora está de parabéns.”

Mãe da Tainá

“O que eu observei no início, no início a minha filha trabalhava mais com desenhos aí depois ela foi substituindo desenhos por palavras, ela colocava palavras de um lado, às vezes ela copiava trechos de histórias. Então eu achei que foi muito importante, porque eu observei que depois do diário, ela começou a ler, ela começou a pegar livros e a ler no tempo dela, mas ela consegue ler um livro inteiro e ler para mim já, então isso foi muito importante para o processo dela.”

Mãe do Matheus

“O Matheus coloca tudo que ele gosta no diário dele. O menino que estava na rua, ele olhou no carro e perguntou para mim, como pode uma criança sozinha na rua (a mãe se emocionou). Expliquei para ele o quanto é importante ajudarmos uns aos outros e ele colocou no diário dele uma pessoa sozinha na rua.”

Mãe da Isis

“No diário ele começou muito com desenho, quando começou o diário o interesse pela escrita, começou com a alfabetização, foi assim... ontem ele não estava lendo no outro dia ele já estava lendo a rua inteira, ele começa a ler tudo a falar de tudo e o interesse no diário foi muito importante para ele.”



Pai do Luis Henrique

“Meu filho começou a gostar de futebol, ele fala muito de futebol e queria todo dia colocar no diário, mas o que eu achei interessante é que ele agora quer pesquisar não só o futebol, ele quer saber os países daquele futebol, ele quer saber a história, qual língua que fala ... ele começou a colocar futebol, time, tudo e foi puxando para os países.”

Com a palavra, Cristiane

mãe da estudante Nina

Figura 43 – Foto no momento do Projeto Parceiros na Escola – 2018



Fonte: Acervo da autora.

A oportunidade de registrar suas descobertas e expressar seus pensamentos através do *Diário de ideias* foi uma experiência muito interessante para a Nina. Algumas vezes, os registros foram realizados através de desenhos, outras através de colagens (desde recortes de revistas, lantejoulas, botões, até elementos naturais, como folhas, gravetos, seixos e sementes). Independente dos re-



cursos utilizados, a imaginação estava sempre em exercício e a criatividade manifesta.

A experiência da Nina com o *Diário de ideias* acabou nos envolvendo (mãe e pai) também nesse processo criativo. Conversávamos sobre as diferentes possibilidades de registros no *Diário*. Além disso, o envolvimento gradativo e crescente com a proposta nos instigava cada vez mais a buscarmos novas oportunidades e também recursos para trabalhar no *Diário*. Certo dia, um passeio pelo Parque do Sabiá atçou nossa imaginação à procura de materiais para um registro inusitado. O resultado foi uma colagem com folhas secas, gravetos, sementes e seixos colhidos no parque, que formou uma figura que nos lembra um inseto. Nina a chamou de “a monstra do Parque do Sabiá”.

Estávamos sempre incentivando a Nina a buscar novas ideias e oportunidades para o *Diário*. Em uma certa ocasião, ela ganhou de presente um livro em espanhol, escrito especialmente para crianças, sobre o arquiteto catalão Antoni Gaudí. Como a Nina tem um profundo encantamento pela Espanha (e tudo relacionado ao país, como idioma, lugares e personalidades), mesmo sem nunca termos ido àquele país, incentivamos o registro no *Diário de ideias* daquele livro tão significativo para ela.

Desta forma, observo que a experiência com o *Diário de ideias* envolveu a participação de toda a família. Conversávamos sobre os temas que poderiam ser interessantes, ou não, para serem re-



gistrados. E também sobre as diversas formas de a Nina realizar os registros. Para incentivar a leitura, criei um “cantinho da leitura” em seu quarto e buscamos algumas frases inspiradoras sobre a leitura para fazermos um painel. A partir dessa vivência, Nina escolheu uma frase interessante para registrar em seu *Diário*: “Livros não mudam o mundo. Quem muda o mundo são as pessoas. Os livros só mudam as pessoas.”

Outra vivência significativa que estimulou o registro espontâneo da Nina foi a viagem que fizemos para Ouro Preto em 2018. A experiência do passeio de trem entre Ouro Preto e Mariana foi diferente e marcante, tanto que de todas as situações e lugares inusitados, interessantes e encantadores que visitamos, Nina escolheu registrar esse momento envolvente que foi o passeio de “Maria Fumaça” pelas belas paisagens mineiras.

Em síntese, Nina estava acostumada a desenhar e escrever pequenas frases em folhas avulsas, e o *Diário de ideias* possibilitou a realização dos registros em um só lugar. A proposta para que as crianças anotassem palavras novas no *Diário* aumentou seu interesse e sua atenção para as palavras que encontramos no dia a dia: anúncios em outdoor ou pintados em muros, placas indicativas de lugares (ruas, bairros, pontos turísticos), entre tantas outras.

Ao longo do processo, tornou-se frequente a elaboração de listas... Ora a Nina escrevia uma lista de itens para levar ao parque, ora a lista era de itens para comprar no supermercado. A experi-



ência despertou-lhe o interesse em elaborar “diários” paralelos. Os textos passaram a ficar mais longos. As histórias começaram a surgir. E as ideias despontavam, constante e espontaneamente.

Por fim, posso afirmar sem dúvida que o *Diário de ideias* foi enriquecedor para o desenvolvimento cognitivo da Nina. Um estímulo criativo que veio a incrementar o processo de aprendizagem da leitura e da escrita, além de proporcionar as trocas de experiências entre os colegas através das rodas de conversa realizadas ao longo de todo o processo. A título de ilustração, elaborei uma montagem com alguns registros produzidos pela Nina ao longo dessa rica experiência impulsionada pelo *Diário de ideias*. Além disso, gostaria de ressaltar que a experiência foi muito significativa para toda a família, proporcionando mais uma prática interativa e participativa no processo de aprendizagem da Nina.



Com a palavra, Adenilce

mãe da estudante Ana Júlia

Figura 44 – Foto do momento da conversação sobre o Diário de ideias – 2018



Fonte: Acervo da autora.

O projeto *Diário de ideias*, vivenciado por minha filha no primeiro ano do ensino fundamental, foi uma experiência muito enriquecedora, tanto para o desenvolvimento dela na sala como para o desenvolvimento dela em casa! Ela sempre tinha uma novidade sobre as rodas de conversa para relatar, e também assuntos que eram tratados na roda aguçavam a curiosidade dela, fazendo que



nós, pais, fizéssemos até pesquisas juntamente com ela sobre alguns assuntos tratados. O que percebi com este trabalho foi a riqueza de temas e de conversas que os estudantes traziam para a roda. Minha filha com certeza teve contato com um currículo que vai além do que é proposto para este ano de ensino. E o que é melhor, estudavam o que era de interesse dela e dos colegas, aprendendo também a respeitar e a compartilhar ideias e curiosidades.

Com certeza muitos aspectos foram trabalhados e melhorados, a oralidade, a busca por conhecer mais profundamente assuntos e temas que ela percebia que colegas gostavam, a necessidade de registrar o que via, o que aprendia, o que observava e até sentimentos bons e ruins que ela vivenciava para levar para a roda de conversa. Fiquei muito grata e feliz pela possibilidade de participar deste trabalho, no qual, pelos registros e pela vivência experimentada ficava nítido o desenvolvimento de minha filha. E quando percebemos o crescimento de nossos filhos, com trabalhos tão envolventes e que vão além da sala de aula, trazendo a escola até nossos lares, isso é muito encantador, fascinante!



Com a palavra, Stephani

mãe do estudante Enzo

Figura 45 – Foto do momento da conversação sobre o Diário de ideias – 2018



Fonte: Acervo da autora

Relato 1

“Então assim, eu vejo que o *Diário* não foi só importante para o desenvolvimento da escrita, ou da leitura ou do próprio desenho, foi muito importante até para eu mesma conhecer meu filho. E teve uma questão muito interessante que aconteceu, que a família toda fica envolvida, os pais, os avós, os tios, então às ve-



zes um fim de semana que a gente encontrou a madrinha, o padrinho e ele ganhou um negócio de fazer hambúrguer e a gente fez várias outras coisas, e na hora de escrever no *Diário de ideias*, ele desenhou uma vasilha de fazer hambúrguer, então a gente ligou para a madrinha e disse: ‘Ó, o seu presente foi o presente que foi para o *Diário de ideias*’. Então de todas as atividades do fim de semana, o que marcou mais foi ganhar um potinho de fazer hambúrguer. Então assim, porque aquele potinho significou muito para ele, porque é o que ele vai fazer junto com os primos, é o momento que ele vai ter de construir alguma coisa que ele não conhecia ainda, é diferente de um passeio no shopping, ou no clube ou no parque, que às vezes é uma coisa que ele está mais acostumado. Então assim, quando aparece alguma coisa no *Diário* que é compartilhada com outras pessoas que não são só eu e ele ou ele com o pai, a família toda ficou feliz que apareceu no *Diário de ideias*, então é bem bacana assim, todo mundo fica feliz de aparecer aqui. Eu vejo que os desenhos evoluíram, hoje ele quer fazer desenhos 3D, ele pesquisa a respeito, e aí ele sabe que tem que combinar cores e espaços para que dê certo, e ele treina em outros papéis para depois colocar no caderno, no *Diário*. Então assim, é esse interesse em pesquisar, em saber a forma certa de fazer, saber que a gente vai ter uma ideia que não necessariamente a gente vai começar e ela vai simplesmente brotar no diário, a gente vai ter que pesquisar, a gente vai ter que entender, a gente vai ter que procurar pessoas que conhecem daquele assunto para a gente poder aprender. E eu acho que isso ele vai levar para a vida, hoje é um desenho 3D, amanhã são outros



assuntos. Então eu acho riquíssimo, acho que parece pequeno, parece singelo, parece muito simples, mas o ganho que a gente tem aqui é imensurável, não dá para a gente ter noção do quanto a gente ganha aqui. Para mim foi tudo isso.”

Relato 2

“No início do *Diário* eu achei que meu filho queria muito, ele me surpreendeu muito no sentido do interesse, ele queria escrever tudo, palavras às vezes em inglês. Então no começo ele tinha um interesse gigantesco por todas as palavras, ele queria escrever todas, no caminho de casa se tivesse mil palavras ele queria pôr todas, então ele falava para eu tirar fotos das palavras porque não dava tempo no carro, para ele poder lembrar e escrever. E depois isso foi se desenvolvendo de outras formas né, então às vezes ele já não queria todas, ele já tinha interesse por algumas específicas. Uma coisa que mexeu muito comigo, foi que às vezes um dia cheio de atividades, um dia cheio de coisas, e às vezes coisas que para mim ele amou e na hora de escrever no diário, ele escolhia coisas que fizeram mais sentido para ele, e que às vezes eram bem menores e diferentes do que as coisas que eu tinha pensado. Então assim, essa liberdade de ele escrever o que ele quer, tipo assim ‘Vamos falar sobre o teatro.’ Às vezes não foi o teatro que foi o mais importante, às vezes foi porque no teatro, na saída, ele encontrou um coleguinha que estudou na escola anterior e



ele lembrou alguma coisa, e aquilo foi mais importante para ele. ‘Então, o que você quer escrever?’. ‘Ah, eu quero escrever sobre a Gina, que é uma coleguinha que eu encontrei’. Então assim, algumas coisas me surpreenderam muito nesse sentido, porque às vezes eu achava que ele ia escrever sobre a peça de teatro, e ele na verdade gostou muito mais de ter reencontrado o coleguinha. E uma coisa muito clara para mim foi o respeito pelo tempo dele, pela vontade dele, porque essa questão de exigir, ‘Tem que escrever.’ ‘Mas a gente fez tanta coisa, você não vai escrever nada?’, isso perde um pouco do sentido, se a gente força, porque aí começa a ser por ser, e aí ele já não pensa mais para fazer. O que fica para mim de principal é que eu acho que eu conheci mais o Enzo depois do Diário, de saber assim, o que é mais importante para ele às vezes não é aquilo que eu achei que fosse mais importante.”



5.3 RELATOS DAS PROFESSORAS PARCEIRAS NA ESEBA/UFU QUE EFETIVARAM A PROPOSTA DO **DIÁRIO DE IDEIAS**

No presente tópico, trazemos os relatos das professoras que efetivaram a proposta do Diário de ideias com minha parceria em turmas de Educação Infantil e nos 1^{os} anos na Escola de Educação Básica da UFU.

Com a palavra,

Profa. Ma. Pâmela Faria de Oliveira,

em seu relato de experiência sobre a implementação das sacolinhas de importâncias na Educação Infantil



Este relato de experiência tem como objetivo descrever a implementação do projeto “Sacolinhas das Importâncias” no ano de 2019, no 1^o período da Educação Infantil da Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia, composto por 15 estudantes.

Essa ação foi inspirada no prêmio de melhor professora do Brasil do ano de 2018, pelo projeto intitulado *Diário de ideias: linhas de experiências*, da Prof. Dra. Luciana Soares Muniz, desenvolvido por ela no 1^o ano do ensino fundamental nesta mesma instituição de ensino. Inicialmente, realizamos uma formação junto com a referida professora, para compreendermos melhor os processos de desenvolvimento



e os objetivos do projeto. Foram dois encontros: no primeiro, foi apresentado todo o projeto e suas etapas de execução; no segundo, pensamos, junto com as professoras que atuam nas quatro turmas de 1º período desta instituição, possibilidades de implementação do projeto na Educação Infantil, visto que o projeto original tem como foco o 1º ano do ensino fundamental, buscando assim respeitar as especificidades de cada faixa etária.

Ainda estamos em processo de desenvolvimento e construção do projeto, juntamente com os estudantes, pais e professores, mas gostaríamos de compartilhar os caminhos que estamos trilhando, para que possamos incentivar em outros espaços escolares a escuta atenta e generosa do universo infantil através das suas próprias vozes, possibilitando às crianças a utilização de diversas linguagens expressivas.

O trabalho com o *Diário de ideias: linhas de experiências* tem, dentre seus objetivos, impulsionar os estudantes a serem autores e protagonistas no universo da aprendizagem da leitura e da escrita, mediante a leitura investigativa do mundo, as diferentes linguagens infantis e as narrativas das experiências vividas. Como professora do 1º período da Educação Infantil inspirada por esse projeto, e diante das minhas percepções em relação às crianças, observo que elas também sentem necessidade de registrar, por meio de desenhos, colagens, fotos, imagens, tentativas de escritas, ou mesmo guardando objetos tridimensionais, o que para elas é significativo, por exemplo, gravetos, pedrinhas

e plantinhas, o que mostra o quanto é importante desenvolver com elas espaços legítimos onde possam se expressar, valorizando os seus registros como forma de construção de uma aprendizagem potente.

Precisamos marcar a singularidade e a especificidade que perpassa o trabalho na Educação Infantil e resguardar nesse trabalho com as “Sacolinhas de importâncias” a essência da proposta do *Diário de ideias*, tendo em vista a escuta sensível, atenta e interessada para as narrativas, para as diferentes linguagens que perpassam o universo infantil, bem como trazendo a autoria e o protagonismo das crianças para o planejamento das ações a serem empreendidas no contexto escolar, potencializando o desenvolvimento integral delas a partir de um olhar e de uma escuta atentos por parte do professor para as falas das crianças, para os seus registros, suas produções, seu olhar sobre o mundo, sua cultura infantil, seus interesses por determinados elementos tridimensionais. Essa é uma forma de possibilitar a organização de experiências pedagógicas significativas de acordo com os interesses delas, ou mesmo de ações que auxiliem no seu processo de desenvolvimento afetivo-emocional, que se apresenta para além das relações entre pares, mas também através dos registros citados, possibilitando a elas produzir, transformar e se apropriar de saberes conhecidos da natureza e da cultura.

Ou seja, devemos, como professoras da Educação Infantil, sempre estar atentas a não antecipação de conteúdos do ensino funda-



mental, principalmente no que diz respeito à exigência social de aceleração do processo de alfabetização na Educação Infantil, pois esse aceleração traz para nós discussões como, por exemplo, sobre dificuldades de aprendizagem, questão que devemos recusar por acreditarmos que a etapa escolar da Educação Infantil tem a função não somente do aprendizado da linguagem oral e escrita e do raciocínio lógico matemático, mas sim, como destaca Ayres (2012)¹, de propiciar “[...] construir recursos cognitivos, linguísticos, afetivos, emocionais, sociais e físicos” (p.29), e a própria interação social das crianças, das famílias e da própria comunidade, contribuindo assim para o desenvolvimento global da criança e respeitando o processo da infância. Acredito que para que a escola cumpra de fato sua função de acolher a todos, as características individuais não devem ser vistas como impossibilidade ou dificuldade para a aprendizagem, elas precisam ser consideradas como relevantes para a adequação do ensino aos estudantes. Assim, se a escola organizar e desenvolver adaptações curriculares adequadas às necessidades educacionais dos estudantes, todos poderão obter sucesso escolar.

Nesse aspecto, a própria proposta do *Diário de ideias* rompe com um processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita estereotipado e desvinculado da vida do estudante, enfatizando a importância do aprender como processo da subjetividade, o que envolve o caráter afetivo-emocional.

¹ AYRES, 2012.

Nesse sentido, realizei, junto com as crianças, professores e famílias, a “Sacolinha das Importâncias”, e para isso construí uma organização para auxiliar e enriquecer ainda mais esse trabalho:

- Apresentação aos pais do projeto, detalhando o objetivo da proposta, como citado anteriormente. A reunião foi um momento formativo, em que foi possível conversar sobre as percepções de construção do conhecimento no espaço escolar pelas crianças, em que apresentamos como seria organizado e pensado o uso da sacolinha e como os pais poderiam auxiliar nesse processo. O primeiro momento foi somente com os pais; num segundo momento, as crianças sugeriram que gostariam de estar com os pais e cantar uma música com eles em roda, pois, de acordo com elas, fazemos isso todos os dias. Sendo assim, no final, já como forma de demonstrar o quanto as crianças podem ser autoras do processo de organização e construção dos tempos e espaços escolares, fizemos a grande roda com as famílias.
- Conversei com as crianças sobre os espaços que podemos ter na escola para registrar sentimentos, desejos, memórias, pertences e objetos. Utilizei a literatura infantil² para impulsionar essa reflexão.
- Confeccionei sacolinhas de tecido (americano cru) e enviei para casa, nas férias de julho, juntamente com retalhos, botões, fitilhos etc., para que as famílias, junto com as crianças, decorassem a sua “sacolinha das importâncias”. Junto com essa proposta, já conversei com as crianças que trouxessem dentro da sacolinha alguma memória de suas férias.

² TAVANO, 2011. SO, 2010. ANDRADE, 2006. HAVES, 2007.



Figura 46 – Produção de sacolinhas pela Profa. Ma. Pâmela e kit de materiais da “Sacolinha de Importâncias” – 2019



Fonte: A autora.

Orientações enviadas às famílias junto com o material citado anteriormente:

Projeto “Sacolinhas das Importâncias”

Iremos iniciar o nosso projeto “sacolinhas das importâncias”. Para isso, enviamos para casa a sacolinha e alguns materiais para que juntos, família e crianças, possam usar a criatividade e personalizar a sua sacola.

Algumas orientações:

- 1) Deixe sua criança criar, não faça isso por ela, somente auxilie na colagem e na costura dos materiais.
- 2) Pesquise junto com a criança ideias na internet.

3) Caso queiram colocar outros materiais, fiquem à vontade, pois a criação não tem limites.

4) Peça para a criança registrar seu nome na sacolinha. Para isso, pode ser utilizada uma caneta permanente ou outro material que já tenha em casa.

Em sala conversamos com as crianças sobre os espaços que podemos ter na escola para registrar sentimentos, desejos, memórias, pertences e objetos que para elas são importantes e significativos. Utilizamos literatura infantil para impulsionar essa reflexão. Elas ouviram a história Tião carga pesada, de Telma Guimarães, e As gavetas da avó de Clara, de Angela Chaves, como uma estratégia para discutir sobre o porquê guardamos coisas importantes. Após a confecção da sacolinha, e aproveitando esse período de férias, que é cheio de momentos deliciosos, que tal já iniciar com sua criança o uso dela?

Sugerimos que:

1) selecione com sua criança momentos que foram importantes nas férias e traga como forma de escrita, objetos, fotos etc. dentro da sacola para compartilhar com a turma e contar um pouquinho de como foram as férias;

2) lembre-se de que sua criança deve escolher e não o adulto, visto que um guardanapo da sorveteria é algo importante para ela, diferente das coisas importantes para nós, adultos. A sua criança é a autora e protagonista da construção da sua sacolinha; permita que ela o faça com autonomia, seja somente um auxiliar.

Desejamos ótimas férias, com bastante tempo para vivenciar o mundo da sua criança.



- Ao retornar para a escola, as crianças encontraram um cabideiro, onde podiam pendurar suas sacolas, assim como receberam um caderno de desenho personalizado com sua foto na capa para poderem realizar seus registros. Para a construção dos combinados para a utilização do caderno e da sacolinha, também utilizei literatura infantil³, para que as crianças compreendessem qual seria a função de realizar registros nesse formato.
- Por último, promovi junto com as crianças, professores e pais espaços de diálogos para buscar entrelaçar as propostas pedagógicas com os desejos e as experiências de vida das crianças, valorizando a leitura de mundo que elas possuem.

O objetivo principal do projeto é valorizar as diversas formas de expressão e linguagem humana, tão presentes na vida das crianças, ampliando e garantindo assim a participação de todos e também dos estudantes público-alvo da Educação Especial. Como escola inclusiva, temos em nossa turma uma criança com paralisia cerebral e restrições motoras, e um cardiopata com baixa audição; sendo assim, temos como foco do trabalho com esses estudantes o seu acesso e permanência no ambiente escolar, e para isso temos realimentado nossa estrutura física; nossa intenção, organização e escolhas curriculares; o projeto político pedagógico da escola; os recursos didáticos; as metodologias e estratégias de ensino, bem como nossas práticas avaliativas, como forma de oferecer um ensino que favoreça o desenvolvimento e a inclusão social.

³ DERDYK, 2009. BRAGA, 2017. RUEDA, 2007.

E como forma de responder às necessidades apresentadas pelos nossos estudantes em conjunto e de cada um deles em particular, propomos através desse projeto um ensino de aspectos de vida prática que possibilite a eles uma maior autonomia no seu cotidiano, proporcionando assim uma escuta generosa do que elaboram e percebem no ambiente escolar e familiar, no sentido de valorizar a criança como produtora do seu conhecimento e de incentivar a riqueza das narrativas sobre suas experiências.

Como podemos perceber, a prática pedagógica através desse projeto está alicerçada em uma teoria inclusiva, libertária e humanizadora, que contempla o lúdico, a cultura, a formação humana e a construção de conhecimentos pelas crianças, o que nos leva a desejar a construção de um currículo inclusivo com toda a comunidade escolar. As crianças são oportunizadas a escolher, experimentar e construir conhecimento junto com o adulto. As propostas pedagógicas proporcionam situações que promovem e fortalecem interrelações considerando aspectos biopsicossociais das crianças nos processos de produção e socialização de conhecimentos.



Com a palavra, Profa. Ma. Vaneide Corrêa Dornellas



O conhecimento se constrói a partir de constantes desafios, de atividades significativas, que excitam a curiosidade, a imaginação e a criatividade.

José Manuel Moran (2007)

Conhecer e participar do projeto *Diário de ideias: linhas de experiências* foi a melhor experiência pedagógica que vivenciei no ano de 2018. Tive a oportunidade de vivenciar o envolvimento diretamente com as crianças. E foi emocionante, motivador e inspirador sentir nelas a curiosidade e a confiança para escrever, desenhar, contar sobre seus desejos e experiências. Pude ver a felicidade delas nos seus olhos, ao compartilhar com seus colegas suas descobertas e a importância delas. Observei em suas narrativas vontade de contar e mostrar autoria, ao mesmo tempo em que acontecia um grande avanço na escrita, pela simples vontade de escrever e expressar sentimentos. Isso me fez perceber que os estudantes do 1º ano estavam realmente envolvidos e comprometidos com esse trabalho.

Além do desenvolvimento da criatividade das crianças, percebi

também, durante esse trabalho, o progresso da responsabilidade em fazer os registros semanalmente como uma tarefa a ser realizada, principalmente em casa, mas também na escola, em momentos oportunos. Muitas vezes, as crianças iam terminando suas atividades e já tomavam seus diários para terminar, principalmente algum desenho ou colorido, enquanto seus colegas terminavam a tarefa. Isso facilitou, muitas vezes, o apoio a estudantes que ainda se sentiam inseguros na escrita. Observei que, nesses momentos, alguns solicitavam a minha ajuda, bem como dos monitores e colegas em estágios mais avançados de escrita, para escreverem palavras cuja grafia tivessem dúvidas.

Os estudantes foram, cada vez mais, sendo integrados ao trabalho e notei o envolvimento dos familiares, o que facilitou o trabalho em sala. Essa participação dos pais e de outras pessoas em casa influenciou de forma positiva a aprendizagem dos estudantes, uma vez que a escola sempre almeja essa parceria.

Outro ponto importante observado nesse trabalho foi a quantidade de assuntos e temas que apareceram nos diários, que demonstraram diferentes experiências vividas pelos colegas. Muitos desses temas fazem parte dos parâmetros curriculares do ano, o que facilitou a introdução de vários conteúdos, graças à vivência dos próprios estudantes e à possibilidade de interdisciplinaridade entre os conteúdos.

Constatados os resultados alcançados e as possibilidades infinitas



de tentativas de escrita e representações, me senti colaboradora e mediadora na formação de crianças protagonistas, o que foi muito gratificante. Fruto de um trabalho realizado com paixão, seriedade e comprometimento, fui positivamente impressionada pela concretização desse trabalho desafiador.

*Com a palavra,
Profa. Ma. Beloni Cacique Braga*



A importância de uma coisa há de ser medida pelo encantamento que a coisa produz em nós.⁴

Diários de ideias e a importância das coisas

A inserção do *Diário de ideias* nas turmas dos 1os anos foi uma estratégia importante para o registro do cotidiano das crianças e das vivências, seja em casa ou na escola. E à medida que “as coisas” aconteciam e eram registradas é que fomos percebendo quanta

⁴ BARROS, 2006.

importância as crianças davam às situações cotidianas e ao encantamento para realizar os registros. Ter um espaço para a escrita livre ou espontânea trouxe uma oportunidade de registro e de resgate de suas memórias. Trabalhei com duas turmas de 1º ano em 2018 e em 2019, tendo a oportunidade de experienciar como as crianças atribuíram valor aos diários com realidades diferentes, porém com a mesma proposta.

O primeiro encontro com o bloco especial que recebeu o nome de *Diário de ideias* trouxe um momento lúdico, em que os alunos se sentiram desafiados para a conquista da escrita; parecia que havia muito a ser dito. Foram imagens fotográficas, desenhos, pequenas etiquetas, folders de passeios legais, folhas secas de árvores e colagens agregadas ao espaço da escrita convencional. Os nomes dos lugares visitados foram registrados para que, segundo as crianças, pudessem visitá-los novamente ou indicá-los para alguém. Era visível o encantamento.

As brincadeiras na escola ganharam desenhos especiais e algumas receberam a escrita de um passo a passo para se lembrarem de como fazer; foi o caso da brincadeira de bolhas de sabão. Construímos nosso fazedor de bolinhas, que mereceu ser anotado pela forma inusitada como o criamos e pelos materiais diferenciados utilizados. Inspirados na literatura infantil, pensamos em um sanduíche com os ingredientes que cada um mais gostava e a receita foi parar no Diário em formato de desenho e palavras-chave.



Após a criação de algumas imagens em sala e discussões, toda a turma desejava ver de pertinho o que cada um fez, e assim criamos um espaço para exposição nas mesas da sala de aula. E como num museu, cada um caminhava lentamente para ler as imagens. Fruição, tempo para observar e ler as imagens foi uma oportunidade de aprendizagem para todos.

Nem sempre o encantamento inicial perdura com a mesma intensidade após algum tempo. É necessário alimentar o processo construído com as crianças. Na turma de 2019, foi importante ajudar na rotina para a escrita do diário, e decidimos ter algo para ajudar a lembrar o dia da semana escolhido para apresentar na roda. Afinal, toda semana nos sentamos em roda para compartilhar os registros. Confeccionamos uma pulseira de pedrinhas coloridas para ser uma ajuda memória. O passo a passo da pulseira foi feito no *Diário* com a escrita coletiva.

Ao longo do tempo, muitas palavras surgiram e o foco das crianças passou para o registro das vivências nos fins de semana com a família; o sentido da memória e o desejo da partilha na roda foram perceptíveis. Como membro do grupo, senti que poderia incentivar as crianças a investirem de forma criativa na escrita das palavras e dos desenhos. Então, desde o início, considerei importante ter o meu próprio diário e compartilhar com a turma um pouco de mim e das minhas ideias. Muitas vezes, o encantamento surge primeiro em nós, e aí a gente vê a “importância da coisa”, como alerta o poeta Manoel de Barros.

Com a palavra, Profa. Dra. Joice Ribeiro



Em 2018, ao atuar numa turma de 1º ano, fui convidada pela professora Luciana para utilizar um material por ela desenvolvido e denominado de *Diário de ideias*, cujo objetivo era dar espaço e voz às crianças, de modo que seus desejos fossem trazidos e considerados na escola. Desse modo, optamos por realizar esse trabalho, e fiquei feliz com os resultados na minha turma.

Sendo o *Diário de ideias* um pequeno caderno para as crianças escreverem suas impressões do cotidiano, seja em forma de desenho e/ou de escrita, a proposta foi bem motivadora para as que optaram por participar da construção do caderno em si. Assim, uma foto tirada por elas numa selfie marcou o início de todo o trabalho ao longo do ano letivo.

Na sequência do trabalho, as crianças começaram a trazer ideias para a sala de aula. Tais escritos revelavam os desejos infantis e eu, como professora da turma, percebi que precisava acolhê-los e, além disso, torná-los realizados. Surgiu, então, a partir do *Diário de ideias*, um cartaz intitulado: “Mural de ideias”. Nele eram registradas a cada semana as novas ideias que porventura eram



escritas no diário. A partir daí, foi necessário avaliar junto com as crianças o que era possível ou não realizar na escola. À medida que eles perceberam que os desejos infantis eram considerados, a escrita no diário também foi tomando amplitude.

Na responsabilidade de dar voz às ideias, passamos para a ação, vinculando-as com os projetos desenvolvidos em sala com as crianças. Do diário para o mural de ideias, do mural para a vida: festa do pijama, aniversário da professora com bolo de coração, piquenique, dia da fantasia, dia dos pés descalços, escultura de madeira, festival de frutas, banho de ducha, escrever um livro, sorvete no shopping (não foi possível, mas teve picolé na escola), atividade com tinta, tirar uma foto daquilo que mais gosta, dia das bobearas (doces na escola) e andar de ônibus.

Certamente ficaram muitas ideias que não puderam ser realizadas, até mesmo pela falta de tempo durante o ano letivo. E de toda essa experiência, o que marca minha trajetória como professora alfabetizadora é a possibilidade de permitir que a criança seja inserida na sistematização da escrita de um modo tão singular e sensível, o que o *Diário de ideias* permitiu realizar.

*Com a palavra,
Profa. Ma. Mariane Ellen da Silva*



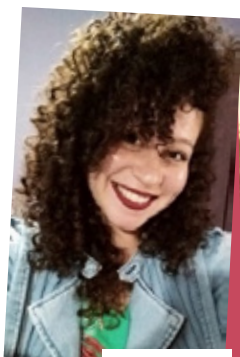
O trabalho com o *Diário de ideias* me proporcionou garantir tempo e espaço, no planejamento e na rotina, para mais um momento riquíssimo de escuta sensível para/com as crianças. Mais do que uma opção de registro, com viés lúdico, para o aprendizado da leitura e da escrita, o *Diário de ideias* traz o pensamento da criança, a sua subjetividade, podemos falar, sua própria vida. Por isso, é imprescindível parar para ouvir o que elas têm a dizer: suas ideias, experiências, emoções, vivências, seus aprendizados e suas descobertas. Parar para ver a criatividade, a imaginação, a expressão. Parar para vivenciar o inesperado, o imprevisível, o extraordinário e o que ainda não sabemos, pois elas são assim, surpreendentes, e sempre trazem algo novo que nos faz pensar e refletir. Digo que trabalhar com as crianças é algo diferente de tudo, pois é tanta vivacidade que sempre tem algo inédito. É isso que a educação com as crianças tem de tão especial e o que me move como educadora. O *Diário de ideias* me possibilitou mais um encontro com as crianças.



5.4 RELATOS DAS ESTAGIÁRIAS PARCEIRAS NA ESEBA/UFU QUE EXPERIENCIARAM A PROPOSTA DO DIÁRIO DE IDEIAS

No desenvolvimento do trabalho com o *Diário de ideias* na sala de aula do 1º ano do ensino fundamental, contamos com a colaboração especial de duas estagiárias da Prograd/UFU que participaram das ações da sala de aula. Além da participação nesse contexto, elas experienciaram a própria escrita em seus *Diários de ideias*, as quais formavam parte de nossos diálogos, estudos, reflexões e envolviam temas que contribuía para a formação inicial que realizavam.

Com a palavra, Giovana e Maria Eduarda



Giovana



Maria Eduarda

Os momentos que passamos com as crianças de 1º ano foram de fundamental importância para nós, estagiárias, investigadoras da área do saber e da vida. Ao longo do processo de conhecermos a rotina das crianças e suas formas de aprender,

tivemos também a oportunidade de estarmos inseridas nas experiências do Diário de ideias. Como estudantes de Psicologia

desvendando as potencialidades na área escolar, com certeza encontramos nesse projeto inspiração para sempre promover nas escolas atitudes engajadas, que realmente abarquem as vivências subjetivas de cada criança, tornando assim o processo de aprendizagem muito mais significativo.

As rodas referentes ao *Diário de ideias* aconteciam uma vez por semana; todas as crianças se sentavam com seus diários sobre a colcha de retalho, ansiosas para o ato de compartilhar umas com as outras seus desenhos, colagens, escritas, fotos e momentos registrados. Nesses momentos, nós, estagiárias, e a Prof. Dra. Luciana Muniz nos aproximávamos das crianças com um ouvido afinado e um olhar atento para tudo e qualquer coisa que poderia aparecer ali. As crianças falavam uma por vez; após a fala do colega, podiam comentar algo, descrever ideias que surgiam a partir da fala do outro, compartilhar vivências e experiências parecidas e até mesmo acolher o outro, o que acontecia bastante! Além de as crianças saírem do 1º ano alfabetizadas, a partir dessa experiência as crianças vão para o 2º ano com um desenvolvimento emocional/afetivo subjetivo, o que é perceptível através de seus comportamentos em sala, com os outros no recreio e até mesmo dentro de casa com suas famílias.

Além do contato com as falas das crianças nos momentos de roda, também tínhamos contato direto com o diário de cada uma a fim de registrar os processos. Perceber o desenvolvimento da escrita em cada caso, conhecer seus interesses e o que consideram



importante foi um processo muito elucidativo novamente da importância de proporcionar que a criança se implique no seu processo de aprendizado e do quanto isso é efetivo e motivacional para elas, e para nós também! Víamos emergir naqueles diários tão queridos a construção de uma subjetividade que se enriquecia ainda mais com o partilhar.

Vale ressaltar que durante o projeto também tivemos o privilégio de termos nosso próprio *Diário de ideias*, que foi uma porta para explorarmos nossa criatividade, registros e insights que surgiam do cotidiano de nossas vidas, tanto na escola quanto fora dela. Através dos nossos diários, pudemos entrar em contato com o exercício da escrita, auxiliando-nos na construção de reflexões, no diálogo com os outros e no desenvolvimento pessoal. É no diário que deixamos registrado, do nosso jeito e ao nosso gosto, aquilo que vivenciamos mundo afora.

Ter a experiência da escrita no diário a partir de um ângulo pessoal, mesmo adultas, já alfabetizadas, mostrou-nos o quanto é importante o ato de registrar, da forma que for, seja com desenhos, colagens, pequenas frases, palavras ou descrições detalhadas, para concretizar aquela experiência colaborando para o processo de significação e subjetivação do conhecimento. É fascinante perceber o quanto durante o registro nossos pensamentos se debruçavam sobre aquele momento, permitindo novas reflexões e a elaboração das emoções.

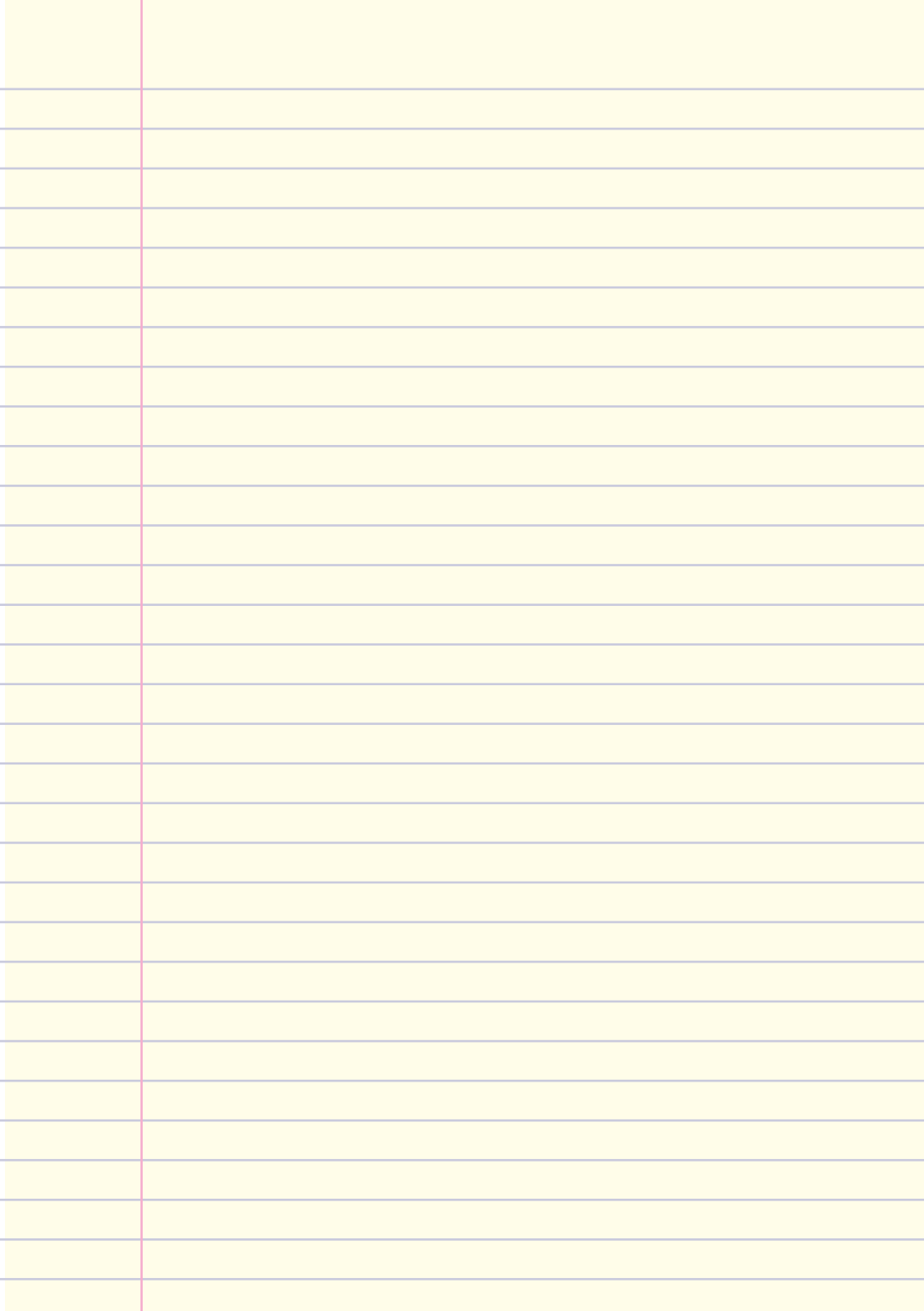



Dessa forma, percebendo o ato de registrar no nosso dia a dia e no das crianças, acreditamos que o *Diário de ideias* auxilia fortemente no processo de aproximação maior dos profissionais da educação para com a forma que a criança vê, vive e entende o mundo dela. Tivemos a oportunidade de conhecer as crianças tanto no âmbito escolar quanto no âmbito vivencial, emocional e social. Muitas das experiências vividas em casa, no parque de diversões, no cinema, na casa da avó e em outros lugares apareciam nas rodas e eram compreendidas também como um ato de saber/aprender. O projeto da Prof. Dra. Luciana Muniz abre portas para se mergulhar mais em cada pequeno sujeito que está dentro da sala de aula, para conhecer seus gostos, sua visão de mundo, suas experiências de vida, e isso é essencial para uma relação e educação mais humanizada com os estudantes, vinculada ao seu contexto social e que colabore ainda mais com o processo de identificação e significação da aprendizagem.

Por fim, agradecemos imensamente à Profa. Dra. Luciana Soares Muniz por ter nos concedido a oportunidade única de trabalharmos juntas nesse projeto, que é encantador, por todo o conhecimento compartilhado e vivenciado em conjunto, pelo carinho, pela escuta e pelo acolhimento de sempre.



Minhas ideias





Encontro com o tesouro

Enquanto escrevi esta obra, fui sentindo cada palavra na experiência vivida, o sabor, os cheiros, a energia que perpassa os dias de aulas com os estudantes, escutei as vozes e a presença marcante de cada aprendiz, familiar e professores em todo o processo vivido. A escrita marca um encontro com nós mesmos, com a possibilidade de se ramificar para tantos outros. É possível viver a experiência subjetiva de ler e escrever, em uma metamorfose do sujeito leitor e escritor, pela possibilidade de registrar ideias que são colocadas em prática e que tornam possível uma educação transformadora, autoral e com o protagonismo de todos os envolvidos no processo de ensinar e aprender.

Ao viver a sala de aula como espaço dialógico, foi possível sentir as múltiplas vozes, os desejos, as necessidades, as potencialidades que perpassam esse espaço-tempo. A participação em diferentes contextos sociais, como no âmbito familiar, nos faz refletir tam-

bém como família, sobre a riqueza das perguntas dos filhos, sobre suas inquietações sobre o mundo, sobre a necessidade de viverem a aprendizagem como atuantes, sobre a importância dos processos autorais e protagonistas na escolha e nas decisões do que e de como experienciar situações do cotidiano. Tudo isso me inquieta e me leva a transgredir a própria prática, a gerar ideias próprias e novas que vão além do que já é feito e vivido em nossas escolas.

Efetivar um trabalho que viabiliza a efetiva aprendizagem da leitura e da escrita, em um processo que garanta a autoria e o protagonismo dos estudantes é possível diante da proposta de trabalho com o Diário de ideias. Uma aprendizagem conectada com a vida do aprendiz, que favorece a sua participação na sociedade, amplia as possibilidades de atuação no mundo e garante um aprender como processo de comunicação, expressão e criação.

Não poderia de deixar de mencionar no presente livro o quanto experienciamos que mudanças reais são possíveis, necessárias e fundamentais para o campo da educação. O tesouro que nos habita é o constante grito de que é preciso agir, estudar, acreditar em nós e tornar nossas ideias exequíveis. Viver a vida é seguir pensante e inquieto como as crianças, é instigar nosso olhar para ver o que deixamos de ver com a naturalização do olhar, da escuta, das sensações. Com o exercício do diário com os estudantes e com nós mesmos, nos permitimos sentir o mundo “com olhos de criança”.

Toda a presente obra foi composta por um percurso de pistas que



culminam em um tesouro. Quero marcar o encontro com as ideias do(a) próprio(a) autor(a)/leitor(a), com os sentimentos e as experiências diante do vivido nesta obra. O convite para o(a) leitor/autor(a) feito na introdução do nosso livro apresenta a forma como podemos construir nosso percurso singular para colocar ideias em ação.

O tesouro está em cada um de nós, na riqueza de nossos diálogos, nas nossas narrativas, na forma como pacientemente nos entregamos para a escuta sensível, atenta e interessada, na disponibilidade para viver a diversidade, dentre outros tantos aspectos que perpassaram a presente obra. Para mais reflexão, deixo a sugestão de leitura do livro *A flor do lado de lá*, de Roger Mello (2004). Muitas vezes, procuramos longe o que desenvolver no processo de ensino e aprendizagem, sendo que, o que mais precisamos pode estar tão perto de nós e aguarda nossa escuta: a criação de uma escola com espaço-tempo para ouvir o outro, para que todos possam se sentir pertencentes, atuantes, sujeitos do processo de ensinar e aprender.

Como professora pesquisadora, inquieta e desbravadora, como não terminar este livro com uma nova pergunta para todos nós? O que nos inquieta no âmbito da educação, o que nos faz nos confrontarmos com o que está posto nos invita a elaborações, transformações, personalização das informações, e nos move a gerar ideias próprias e novas que vão além do que está posto, em uma relação lúdica com esse processo?

Portanto, retomamos o convite para o leitor/autor feito na introdução do nosso livro, para se inserir como leitor/autor na presente obra, e destinamos suas últimas páginas para serem escritas por você, para que siga pensando sobre as possibilidades da experiência com o *Diário de ideias* para a sua prática pedagógica e para outras possibilidades.



Minhas ideias



REFERÊNCIAS

AMARAL, Ana Luiza S. N. **O sentido subjetivo da aprendizagem para alunos universitários criativos**. 2006. 194 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2006.

ANDRADE, Telma Guimarães Castro. **Tiã carga pesada**. Belo Horizonte: Scipione, 1994.

BARROS, Manoel. Direção: Márcio de Camillo. São Paulo: Crianças, 2011. CD sonoro.

BARROS, Manoel. **Memórias inventadas**: Segunda infância. Editorial Planeta, 2006.

BARUZZI, Agnese; SANDRO, Natalini. **A verdadeira história da chapeuzinho vermelho**. São Paulo: Brinque-Book, 2011.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. obras escolhidas. Volume I. 5. ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BENJAMIN, Walter. **Sobre arte, técnica, linguagem e política**. Tradução de Maria Amélia Cruz *et al.* Lisboa: Relógio D'Água, 1992.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: 34, 2002.

BRAGA, Jussara. **Pirata de palavras**. São Paulo: Editora do Brasil, 2017

BRASIL. **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Lei de diretrizes e bases da Educação (LDB). 1996.

BRASIL. **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Lei de diretrizes e bases da Educação (LDB). 1996.



BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2017c. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/base-nacional-comum-curricular-bncc>>. Acesso em: jul. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2017c. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/base-nacional-comum-curricular-bncc>>. Acesso em: jul. 2018.

BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. **Revista da faculdade de educação**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 103-116, 1998.

CANTÚ, Gustavo. A experiência de ler: teoria, clínica, pesquisa. *In*: MIT-JÁNS MARTÍNEZ, A.; ÁLVAREZ, P. (org.). **O sujeito que aprende**. Brasília: Liber Livro, 2014. cap. 5, p. 123-150.

CANTÚ, Gustavo. **Lectura y subjetividad en el diagnóstico psicopedagógico**. Buenos Aires: Noveduc, 2011.

CARNAVAS, Peter. **Coisas importantes**. São Paulo: FTD, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**, 1. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

CHAMBERLAIN, Liz. Creativity and literacy. *In*: WILSON, A. (org.). **Creativity in primary education**. Exeter: Learning Matters, 2005. cap. 6, p. 68-76.

COSTA, Marina Teixeira Mendes de Souza; SILVA, Daniele Nunes Henrique; SOUZA, Flavia Faissal de. **Corpo, atividades criadoras e letramento**. São Paulo: Summus, 2013.

CRONIN, Doreen. **Diário de uma aranha**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a.



CRONIN, Doreen. **Diário de uma minhoca**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2004b.

DE onde vem o livro? Produção da TV Escola. Rio de Janeiro, 2002a. (4:06 min).

DE onde vem o papel? Produção da TV Escola. Rio de Janeiro, 2002b. (4:50 min).

DERDYK, Edith. **O colecionador de palavras**. Texto e ilustrações de Edith Derdyk. São Paulo: 34, 2009.

EDWARDS, C; GANDINI, L; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Tradução de Dayse Batista. Porto Alegre: Artmed, 1999.

EGAN, Kieran. Por que a imaginação é importante na educação? *In*: FRITZEN, C.; CABRAL, G. da S. (org.). **Infância**: imaginação e educação em debate. São Paulo: Papyrus, 2009. cap. 1, p. 11-38.

ESCATATÓRIA. Intérprete: Escutatória. Música: A roda. Uberlândia, 2012.

FERREIRA, Juliene Madureira; KIRSTI, Karla; MUNIZ, Luciana; FARIA, Paula Amaral; KUPIAINEN, Reijo. Children's perspectives on their learning in school spaces: what can we learn from children in Brazil and Finland? **International journal of early childhood**, v. 50, p. 259-277, 2018.

FREINET, Celestin. **O método natural III**: a aprendizagem da escrita. Lisboa: Estampa, 1977.

FREINET, Celestin. **As técnicas freinet da escola moderna**. Lisboa: Estampa, 1975.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011b.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. A configuração subjetiva dos processos psíquicos: avançando na compreensão da aprendizagem como produção subjetiva. *In*: MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; SCOZ, B. J. L.; CASTANHO, M. I. S. (org.). **Ensino e aprendizagem**: a subjetividade em foco. Brasília: Liber Livros, 2012.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. A saúde nas tramas complexas da cultura, das instituições e da subjetividade. *In*: GONZÁLEZ REY, F.; BIZERRIL, J. (org.). **Saúde, cultura e subjetividade**: uma referência interdisciplinar. Brasília: UniCEUB, p. 9-33, 2015.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. Advancing the topics of social reality, culture, and subjectivity from a cultural-historical standpoint: Moments, paths, and contradictions. **Journal of theoretical and philosophical psychology**, v. 36, p. 175-189, 2016.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. El aprendizaje en el enfoque histórico-cultural: sentido y aprendizaje. *In*: ARANTES, Eliana F.; CHAVES, M. S. (org.). **Concepções e práticas em formação de professores**: diferentes olhares. Rio de Janeiro: DP&A, 2003b.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **El pensamiento de Vigotsky**: contradicciones, desdoblamientos y desarrollo. México: Trilhas, 2011b.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Epistemología cualitativa y subjetividad**. São Paulo: Educ, 1997.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. Ideias e modelos teóricos na pesquisa construtivo-interpretativa. *In*: MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; NEUBERN, M.; MORI, V. D. **Subjetividade contemporânea**: discussões epistemológicas e metodológicas. Campinas: Alínea, 2014.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. La categoría sentido y su significación en



la construcción del pensamiento psicológico. **Contrapontos**, ano I, n. 2, 2000.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **La investigación cualitativa en psicología: rumos e desafios**. São Paulo: Educ, 1999.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. O sujeito que aprende: desafios do desenvolvimento do tema da aprendizagem na Psicologia e na prática pedagógica. *In*: TACCA, M. C. V. R. (org.). **Aprendizagem e trabalho pedagógico**. 2. ed. Campinas: Alínea, 2008.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. O sujeito, a subjetividade e o outro na dialética complexa do desenvolvimento humano. *In*: SIMÃO, L. M.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. (org.). **O outro no desenvolvimento humano: diálogos para a pesquisa e a prática profissional em Psicologia**. São Paulo: Thomson, 2004.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. O valor heurístico da subjetividade na investigação psicológica. *In*: GONZÁLEZ REY, F. (org.). **Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia**. São Paulo: Thomson, 2005b.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. Os aspectos subjetivos no desenvolvimento de crianças com necessidades especiais: além dos limites concretos do defeito. *In*: MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; TACCA, M. C. V. R. (org.). **Possibilidades de aprendizagem: ações pedagógicas para alunos com dificuldade e deficiência**. Campinas: Alínea, 2011a.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**. São Paulo: Thomson, 2005a.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios**. 2. reimp. 1. ed. de 2005, São Paulo: Cengage Learning, 2011e.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. Psicologia social: fronteiras e conexões. *In*: TOMANIK, E. A.; CANIATO, A. M. P. (org.). **Psicologia social: desafios e ações**. Maringá: ABRAPSO, 2011d.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. Questões teóricas e metodológicas nas pesquisas sobre a aprendizagem: a aprendizagem no nível superior. *In*: MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; TACCA, M. C. V. R. (org.). **A complexidade da aprendizagem**: destaque ao ensino superior. Campinas: Alínea, 2009.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Subjetividade e saúde**: superando a clínica da patologia. São Paulo: Cortez, 2011c.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Sujeito e subjetividade**: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Thomson, 2003a.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. The topic of subjectivity in psychology: Contradictions, paths and new alternatives. **Journal for the theory of social behaviour**. 2017.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. La personalidad y su importância en la educación. **Educación y ciencia**, v. 1, n. 3, enero/junio, p. 25-29, 1991.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. **La personalidad su educación y desarrollo**. Ciudad de La Habana, Cuba: Editorial Pueblo y Educación, 1989.

GONZÁLEZ REY, Fernando; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. **Subjetividade**: Teoria, epistemologia e método. Campinas: Alínea, 2017.

HAVES, Angela. **As gavetas da avó de Clara**. Ibec Nacional, 2007.

HOYER, Alice Rodrigues. **A expressão da criatividade infantil em atividades lúdicas**. Brasília, DF, 2010. 206 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2010.

HUIZINGA, J. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

KING, Stephen Michael. **O homem que amava caixas**. São Paulo: FTD, 2011.



KISHIMOTO, T. M. *et al.* Jogo e letramento: crianças de 6 anos no ensino fundamental. **Educação Pesquisa**. 2011, v. 37, n.1, p. 191-210. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v37n1/v37n1a12.pdf>. Acesso em: 7 jan. 2014. São Paulo.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

LARROSA, Jorge. **La experiencia de la lectura**: estúdios sobre literatura y formación. México: FCE, 2003.

LONG, Ethan. **Fora da caixa**. São Paulo: Brinque Book, 2015.

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

MANGUEL, Alberto. **À mesa com o chapeleiro maluco**: ensaios sobre corvos e escrivainhas. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MELLO, Roger. **A flor do lado de lá**. São Paulo: Global, 2004.

MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. **Criatividade, personalidade e educação**. 3. ed. Campinas: Papirus, 1997.

MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. Aprendizagem criativa: uma aprendizagem diferente. *In*: MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; SCOZ, B. J. L.; CASTANHO, M. I. S. (org.). **Ensino e aprendizagem**: a subjetividade em foco. Brasília: Liber Livros, 2012a.

MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. Aprendizagem criativa: desafios para a prática pedagógica. *In*: NUNES, C. **Didática e formação de professores**. Ijuí: Unijuí, 2012b, p. 93-124.

MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. O lugar da imaginação na aprendizagem escolar: suas implicações para o trabalho pedagógico. *In*: MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; ÁLVAREZ, P. (org.). **O sujeito que aprende**. Brasília: Liber Livro, 2014.

MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. A criatividade como princípio funcional da aula: limites e possibilidades. *In*: VEIGA, I. P. A. (org.). **Aula: gênese, dimensões, princípios e práticas**. Campinas: Papyrus, 2008.

MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. O subjetivo e o operacional na aprendizagem escolar: pesquisas e reflexões. *In*: MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; SCOZ, B. J. L.; CASTANHO, M. I. S. (org.). **Ensino e aprendizagem: a subjetividade em foco**. Brasília: Liber Livros, 2012.

MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Psicologia, educação e aprendizagem escolar: avançando na contribuição da leitura cultural-histórica**. São Paulo: Cortez, 2017.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá**. Campinas: Papyrus, 2007, p.167-169.

MOZZER, Geisa Nunes de Souza. **A criatividade infantil na atividade de contar histórias: uma perspectiva histórico-cultural da subjetividade**. 2008. 213 f. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2008.

MUNIZ, Luciana Soares. **Aprendizagem criativa da leitura e da escrita e suas inter-relações com o desenvolvimento da subjetividade da criança**. Brasília, DF, 2015. 314 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2015.

MUNIZ, Luciana Soares. **Diário de ideias: linhas de experiências**. 11º Prêmio Professores do Brasil/Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <http://premioprofessoresdobrasil.mec.gov.br/images/pdf/relatos_2018/alfabetizacao_123_anos/SE_Ciclo_Luciana_Soares_Muniz_Diario_de_ideias.pdf>. Acesso em 08 de maio de 2019.

MUNIZ, Luciana Soares. Diário de ideias: linhas de experiências. **Revista Presença Pedagógica**, ed. 153, ano 23, jun. 2019.

MUNIZ, Luciana Soares. Educar na vida: entrelaçando parcerias no pro-



cesso de aprendizagem. **Linha Mestra/Edição Especial 18º Cole**, v. 1, p. 3-103, 2012.

MUNIZ, Luciana Soares. MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; LIMA, Lucianna Ribeiro. **Avaliação de uma experiência didática com foco na emergência da criatividade na aprendizagem da leitura e da escrita e no desenvolvimento da subjetividade**. Disponível em: <http://www.lucianamuniz.com.br/site/wp-content/uploads/Projeto-de-pesquisa-interinstitucional.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2019.

MUNIZ, Luciana Soares. Parceiros na escola: família e escola juntos no processo de ensinar e aprender das crianças. **Revista Olhares & Trilhas**, v. 24, p. 76-150, 2016.

MUNIZ, Luciana Soares; ALMEIDA, Pilar. Diálogos entre as obras de Paulo Freire e Fernando González Rey. *In*: Célio da Cunha; Maria Abádia da Silva. (Org.). **Pensamento pedagógico e políticas de educação**. Brasília: Liber Livro, 2013, v. 1, p. 3-378.

MUNIZ, Luciana Soares; CARLETO, Eliana Aparecida. Fóruns de avaliação qualitativa na escola de educação básica da universidade de Uberlândia. **Olhares & Trilhas**, v. 19, p. 11-23, 2017.

MUNIZ, Luciana Soares; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. A expressão da criatividade na aprendizagem da leitura e da escrita: um estudo de caso. **Educação e Pesquisa** (USP. Impresso), v. 10, p. 1-16, 2015.

MUNIZ, Luciana Soares; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. Aprendizagem da leitura e suas inter-relações com o desenvolvimento da subjetividade. **Leitura. Teoria & Prática**, v. 1, p. 3-103, 2012.

MUNIZ, Luciana Soares; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. Aprendizagem da leitura e da escrita: análise da produção científica. **Atos de Pesquisa em Educação**, v. 8, n. 2, p. 951-981, 2013.

MUNIZ, Luciana Soares; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. Aprendizagem criativa da leitura e da escrita como processo de desenvolvimento da

subjetividade. In: VIRGOLIM, Ângela (org.). **Altas habilidades/superdotação**: processos criativos, afetivos e desenvolvimento de potenciais. Juruá: Porto, 2018.

MUNIZ, Luciana Soares; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. **Aprendizagem criativa da leitura e da escrita e desenvolvimento**: princípios e estratégias do trabalho pedagógico. Curitiba: Appris, 2019.

QUEIRÓZ, Bartolomeu Campos. **Diário de classe**. São Paulo: Moderna, 1997.

REYNOLDS, Peter H. **O colecionador de palavras**. São Paulo: Globinho, 2019.

ROCHA, Ruth. **O menino que aprendeu a ver**. São Paulo: Sieduc, 2018.

ROCHA, Ruth; ROTH, Otávio. **Livro da história da escrita**. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

ROSSATO, Maristela; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. A subjetividade da criança. In: SANTIAGO, A. L.; CAMPOS, R. H. de F. (org.). **Educação de crianças e jovens na contemporaneidade/pesquisas sobre sintomas na escola e subjetividade**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2011, p. 323-335.

RUEDA, Claudia. **A vida selvagem**: diário de uma aventura. Goiânia: Pensarte, 2007.

SILVA, Conceil Corrêa da. **A colcha de retalhos**. São Paulo: Editora do Brasil, 2010.

SILVA, Daniele Nunes Henrique. **Imaginação, criança e escola**. São Paulo: Summus, 2012.

SO, Yoo Young. **O que cabe na mochila?** Ilustrações de Na Ae Kyung. Tradução de Thais Rimkus. 2. ed. São Paulo: Callis, 2010.



TACCA, Maria Carmen Villela Rosa. Relação pedagógica e desenvolvimento da subjetividade. *In*: GONZÁLEZ REY, F. (org.). **Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia**. São Paulo: Thomson, 2005.

TACCA, Maria Carmen Villela Rosa; GONZÁLEZ REY, Fernando. Produção de sentido subjetivo: as singularidades dos alunos no processo de aprender. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, DF, v. 28, n. 1, p. 138-161, 2008.

TAVANO, Silvana. **O lugar das coisas**. Ilustrações de Biry Sarkis. São Paulo: Callis, 2011.

TOLSTÓI, Leon. **Obras pedagógicas**. Moscou: Progresso, 1988.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Ática, 2009.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Obras escogidas: fundamentos de defectologia**. Madrid: Visor Distribuciones, 1997. Tomo 5.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Obras escogidas: problemas del desarrollo de la psique**. Madrid: Visor Distribuciones, 1995. Tomo 3.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Obras escogidas: psicología infantil**. Madrid: Visor Distribuciones, 1984. Tomo 4.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Pensamiento y habla**. Buenos Aires: Colihue Clásica, 2007.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1999 [1922].

VIGOTSKI, Lev Semenovich. Sobre a análise pedológica do processo pedagógico. *In*: VIGOTSKI, L. S. **Psirrologuia razvitia rebionka**. Moskva: Eksmo, 1933/2004.

ANEXO 1

Tabela síntese das respostas dos familiares das crianças da turma

Tema: como a leitura e a escrita estão presentes no dia a dia das famílias?

Onde?	Quando?	Como?	Por quê?	Com quem?
<ul style="list-style-type: none">- em casa- na rua- no shopping- no trabalho em mercados/no supermercado- nos livros de história- nas viagens- nas brincadeiras pedagógicas- na casa da vovó- no computador- nos parques- no trânsito- no cinema- nas embalagens	<ul style="list-style-type: none">- à noite, nas leituras de livros- frequentemente, durante as brincadeiras- em viagens- em passeios- em diferentes horários- diariamente- sempre que possível- finais de semana- todos os dias	<ul style="list-style-type: none">- leitura de livro físico/on-line- escrita de bilhetes- caça ao tesouro- leitura de placas- identificação de lojas- preços e nomes de produtos- convites- controles de TV- jogos e desenhos- rotina do dia- conversas com o outro- escrita de documentos- site da internet	<ul style="list-style-type: none">- pelo interesse da criança- para atualização no trabalho- para incentivar as crianças a terem o hábito de ler- pois a leitura e a escrita estão presentes o tempo todo- para encontrar os produtos e saber os preços- para descobrir onde estão e como jogar- para familiarização com as letras e sílabas- para incentivar o gosto pela leitura- pela necessidade- para formar hábitos- pelo interesse dos filhos- para estudo- para contar histórias antes de dormir- para responder às perguntas das crianças- por curiosidade- para compreender uma atividade	<ul style="list-style-type: none">- com os familiares- com outras crianças- com os avós- com os irmãos- sozinhos



ANEXO 2

Observações pelos familiares das crianças por um período de sete dias — Gostos e preferências (1º Ano, 2018)

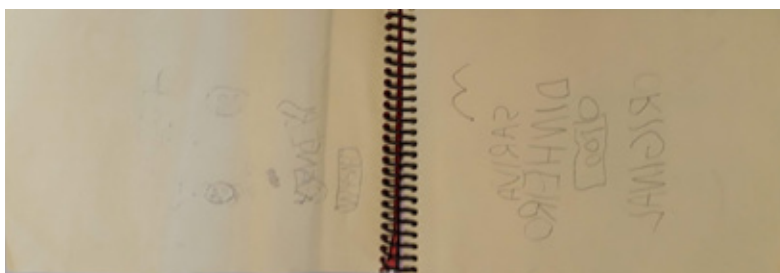
Filmes	Desenhos	Músicas	Brincadeiras	TEMPO LIVRE	BRINQUEDOS	JOGOS
<p>Malévola</p> <p>A Bela Adormecida</p> <p>Frozen</p> <p>Filmes de princesa</p> <p>Filmes de aventura</p> <p>Minions</p> <p>Meu Malvado Favorito</p> <p>Moana</p> <p>O Bom Dinossauro</p> <p>Trolls</p> <p>A creche do papai</p> <p>Monstros SA</p> <p>A Bailarina</p> <p>Fuga das Galinhas</p> <p>Winter, o Golfinho</p> <p>Bibi e Una</p> <p>Zoe e Haven</p> <p>Meu Amigo Vampiro</p> <p>Escola de Brinquedos</p> <p>As princesas</p> <p>Romance</p> <p>A Bela e a Fera</p> <p>Ariel</p> <p>Legô Batman</p> <p>Missão Cegonha</p> <p>Pokemon</p>	<p>Ursinhos Cariñosos</p> <p>Spirit</p> <p>Princesinha Sofia</p> <p>Marsha e o Urso</p> <p>Charlie e Lola</p> <p>Turma da Mônica</p> <p>Barbie</p> <p>Wondel Balls</p> <p>Patrulha Canina</p> <p>Dr. Brinquedos</p> <p>Mikey e Minnie</p> <p>Mouse</p> <p>Vampirina</p> <p>Esquadrão Dino</p> <p>Ben 10</p> <p>Dragon Ball</p> <p>Beyblade</p> <p>Detetives da Natureza</p> <p>Escola de super heroínas</p> <p>Mini beat power</p> <p>Rockers</p> <p>Show da Luna</p> <p>Monchhichi</p> <p>Ninja Go</p> <p>Doki</p> <p>Elena</p> <p>Guarda do Leão</p> <p>Bela bagunça</p> <p>Mundo da menina</p> <p>Mister Bem</p> <p>Tom e Jerry</p> <p>Pokemon</p> <p>Mario</p> <p>Naruto</p> <p>Sonic</p> <p>Robin Titãs</p> <p>Bob Esponja</p>	<p>Trévo de quatro folhas</p> <p>Músicas sertanejas</p> <p>Era uma vez</p> <p>Músicas da novela</p> <p>Aventuras de Polyana</p> <p>Padre Zezinho</p> <p>Músicas de filmes infantis, como Frozen e Moana</p> <p>Cantigas de roda</p> <p>Músicas Wondel Balls</p> <p>Mãezinha do céu</p> <p>Galinha Pintadinha</p> <p>Meu Pintinho Amarelo</p> <p>Cola seu desenho no meu</p> <p>Do ET verde</p> <p>Patuscada, O pato e Leãozinho (gravados pelo grupo Banda de Boca)</p> <p>AEIÓU, Viro virou (Grupo Triii)</p> <p>Espanha, A Mala, Verde Vermelho (Duo Ba-dialque)</p> <p>Cocoricóco</p> <p>Vou pintar um arco-íris</p> <p>O galo quebrou o bico</p> <p>O sapo não lava o pé</p> <p>Cinco macaquinhos</p> <p>Louvor</p> <p>Parangolé (EmCartar)</p> <p>Despacito</p> <p>Dance (com passos de dança)</p>	<p>Pique-esconde</p> <p>Boneca</p> <p>Fazer comidinha</p> <p>Fazer rimas</p> <p>Brincadeiras com bola</p> <p>Correr</p> <p>Andar de bicicleta</p> <p>Pega-pega</p> <p>Amarelinha</p> <p>Cabra-cega</p> <p>Balança-caixão</p> <p>Pega-vareta</p> <p>Domino</p> <p>Patinete</p> <p>Boia de sabão</p> <p>Parquinho</p> <p>Faz de conta</p> <p>Escolinha</p> <p>Pular corda</p> <p>Gato mia</p> <p>Video game</p> <p>Corrida de carrinhos</p>	<p>Ver desenhos</p> <p>Brincar sozinho ou com coleguinhas</p> <p>Ver vídeos no celular</p> <p>Internet</p> <p>Ouvir música</p> <p>Brincar com animais</p> <p>Brincar com o irmão</p> <p>Brincar de boneca</p> <p>Desenhar e colorir</p> <p>Nadar</p> <p>Comer churrasco</p> <p>Trocar figurinhas</p> <p>Assistir TV</p> <p>Ler</p> <p>Fazer revistinha</p> <p>Passatempo</p> <p>Dançar</p> <p>Passar com cachorros na praia</p> <p>Subir em árvores</p> <p>Fazer yoga</p> <p>Ficar e passear com os pais</p> <p>Escrever</p> <p>Fazer caça-palavras</p> <p>Ouvir histórias</p> <p>Ir ao shopping</p> <p>Ir ao parque</p> <p>Passar na casa da avó</p>	<p>LOL</p> <p>Boneca</p> <p>Bonecos</p> <p>Shopkins brinquedos</p> <p>Carrinho</p> <p>Cubos</p> <p>Legô</p> <p>Pino mágico</p> <p>Jogo de mobília em miniatura</p> <p>Jogo de chá</p> <p>Cozinha em miniatura</p> <p>Helicóptero</p> <p>Dinossauro</p> <p>Máquina registradora</p> <p>Massinha</p> <p>Bolche</p> <p>Bolinha no pote</p> <p>Pista de corrida</p>	<p>Quebra-cabeça</p> <p>Pedra, papel, tesoura</p> <p>Jogo da memória</p> <p>Macaquinho</p> <p>Pescaria</p> <p>Video game = crush</p> <p>Domino</p> <p>Dama</p> <p>Jogo de percurso</p> <p>Palavra secreta</p> <p>Caro a cara</p> <p>Jogos de montar</p> <p>Jogos de colorir</p> <p>Ping Pong</p> <p>Bolche</p> <p>Vôlei</p>

ANEXO 3

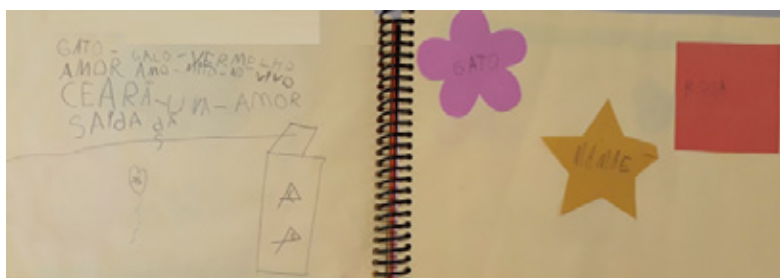
Diários de ideias e as produções das crianças (1º ano “B”)



Ana Júlia

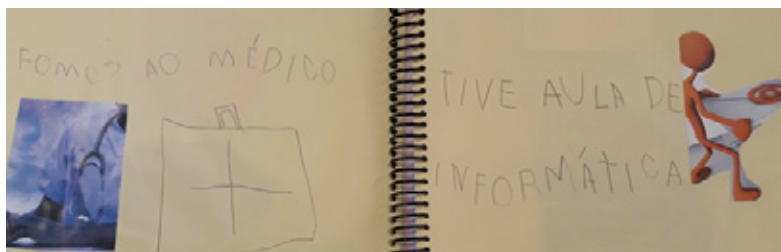


Enzo



Isis





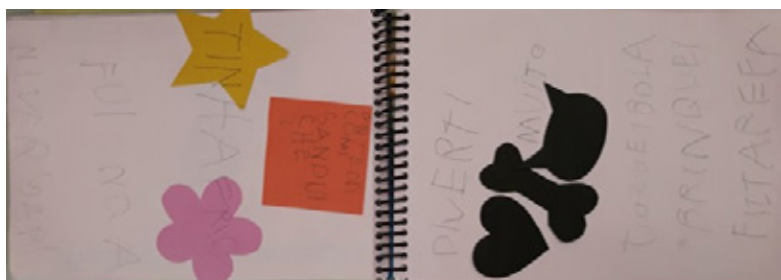
João Vitor



Kamilly



Luis Henrique



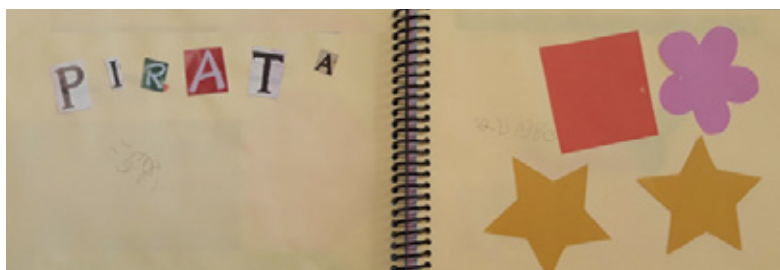
Luiz Henrique



Manuela



Matheus

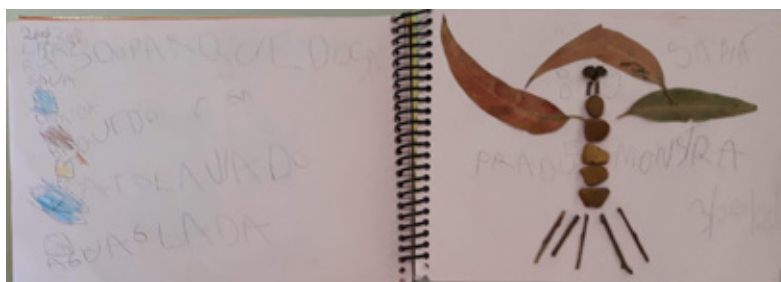


Miguel

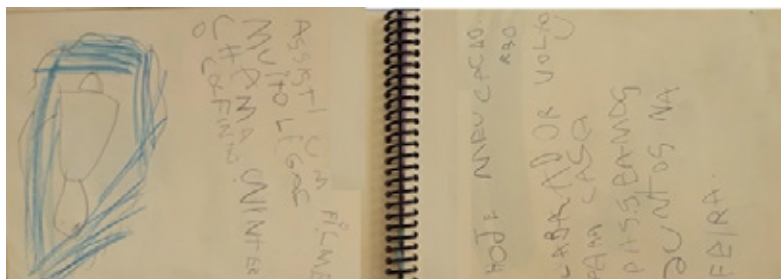


Nina





Nina



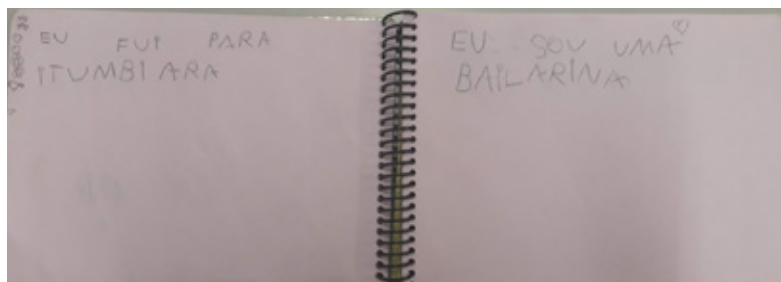
Rafael



Sarah



Tainá



Valentina



ANEXO 4

Gostos, preferências, potencialidades e dificuldades

Gostos e preferências	Temas de interesse	Tipos de registros preferidos	Potencialidades	Dificuldades
Programas de TV	Esmalte	Desenho	Propor ideias novas para o contexto da sala	Abertura para novas amizades
Videogame	Fogo	Desenho	Liderar trabalhos em grupo e elaborar perguntas	Escuta e diálogo com o outro
Brincar de escrever	Água	Desenho	Engajamento e foco na realização das atividades	Expressão oral de suas ideias
Programas de TV	Folhas das plantas	Desenho	Cuidado com o outro e busca por novas amizades	Organização do pensamento e expressão oral
Brincar de escrever	Folhas	Escrita	Cuidado com o outro e busca por novas aprendizagens	Expressão oral de suas ideias
Desenhar	Fogo	Escrita	Cuidado com o outro e busca por novas aprendizagens	Concentração nas atividades
Brincar com o irmão	Folhas das plantas	Desenho	Propor ideias novas para o contexto da sala	Realizar escritas espontâneas
Brincar de escrever	Tintas	Escrita	Cuidado com o outro e busca por novas aprendizagens	Trocar ideias com o outro
Nadar	Folhas	Desenho	Aprofundar-se em temas científicos	Concentração na atividade
Passear com a família	Água	Desenho	Afetividade como canal de comunicação	Concentração na atividade
Brincar de escrever	Folhas das plantas	Escrita	Aprofundar-se em temas científicos	Aceitação do seu próprio erro
Andar a cavalo	Pedras	Desenho	Cuidado com o outro	Flexibilidade de ideias
Brincar de escrever	Esmalte	Desenho	Propor ideias novas para o contexto da sala	Concentração nas atividades
Brincar de escrever	Esmalte	Desenho	Organização e foco com suas tarefas	Flexibilidade de pensamento
Passear com a família	Água	Desenho	Cuidado com o outro e busca por novas amizades	Concentração e diálogo com o outro

ANEXO 5

Tabela — Espaço CriATIVA criança

Aprendizes	Qual a ideia do projeto?	Como e quais recursos materiais?	O que faremos com a produção?
Ana Júlia	Livro sobre joaninha	Como – colagem e escrita Recursos – papel colorido, cola, glitter, enfeites, lantejola, ajuda da professora	Ajudar os outros a ler
Enzo	Jogos	Como – pesquisar no Google sobre jogos, colagem e escrita Recursos – cola, imprimir imagens dos jogos da Internet	Para mostrar e compartilhar com a sala
Isis	Livro sobre borboletas	Como – usar lápis e papel e procurar imagens nas revistas Recursos – papel, cola, glitter e lantejola	Ajudar os outros a ler
João Vitor	Álbum de fotos de árvores	Como – tirar fotos de árvores Recursos – cola, máquina e papel	Presente para a mãe
Kamilly	Lago com patos	Como – fazer pintura e colagem no papelão Recursos – canetinha, tinta, glitter, cola e papelão	Mostrar para as pessoas
Luis Henrique	Mapa-múndi e globo terrestre	Como – globo terrestre / mapa-múndi Recursos – globo terrestre / mapa-múndi	Usar para ver os países
Luiz Henrique	Pesquisa sobre folhas	Como – pesquisar em livros e Internet usando computador e livros Recursos – computador, livros e revistas	Mostrar para outras pessoas
Manuela	Livro sobre as frutas	Como – pesquisa de frutas Recursos – folhas e revistas	Ensinar para as pessoas sobre as frutas
Matheus	Robô antiestresse	Como – colagem no papelão Recursos – papelão, tampa e canetinha	Ficar feliz Boneco antiestresse para as ajudar pessoas
Miguel	Carro	Como – colagem em papelão Recursos – papelão e cola	Para brincar
Nina	Livro sobre folhas	Como – pesquisa de folhas Recursos – folhas das plantas e revistas	Presentear alguém e aprender sobre folhas
Rafael	Lago e pista de carros	Como - colagens e pinturas no papelão Recursos - tinta, glitter e cola	Mostrar para as pessoas
Sarah	Livro de colagens, escrita e desenho	Como - procurar palavras e imagens Recursos – cola, tesoura e revistas	Presentear meus pais e pessoas que não sabem ler
Tainá	Livro sobre princesas	Como – papel, cola, glitter e lantejoulas Recursos – brincar	Ajudar os outros a ler
Valentina	Livro sobre beija-flor	Como – pesquisa de imagens Recursos – glitter, cola e tesoura	Ler



ANEXO 6

Tabela de avaliação da experiência com o *Diário de ideias* (1º ano “B”, 2018)

Aprendizes	Tipos de registro	Registros que mais gostam	Sugestões para mudança no caderno
Ana Júlia	Desenho/escrita	Desenho	Inserir mais páginas para escrita semanal
Enzo	Desenho/escrita/imagem/colagem	Desenho/escrita/imagem/colagem	Colocar páginas com brilho
Isis	Desenho/escrita	Desenho/escrita	Gosto de tudo do meu diário
João Vitor	Desenho/escrita	Colagem	Gosto de tudo do meu diário
Kamily	Escrita	Escrita	Inserir mais páginas para escrita semanal
Luis Henrique	Desenho/escrita/imagem	Desenho/escrita/imagem/colagem	Inserir mais páginas para escrita semanal
Luiz Henrique	Desenho/escrita	Desenho/escrita/colagem	Inserir mais páginas para escrita semanal
Manuela	Desenho/escrita	Desenho/escrita	Inserir mais páginas para escrita semanal
Matheus	Desenho/escrita/imagem/colagem	Desenho/escrita/imagem/colagem	Inserir capa com desenho que fica atrás do diário
Miguel	Colagem	Colagem	Gosta de relatar suas experiências
Nina	Desenho/escrita	Desenho/escrita	Inserir mais páginas para escrita semanal
Rafael	Desenho/escrita	Desenho/escrita	Nenhuma mudança sugerida
Sarah	Escrita	Escrita	Gosto de tudo do meu diário
Tainá	Desenho/escrita/imagem/colagem	Desenho/escrita/imagem/colagem	Inserir mais páginas para escrita semanal
Valentina	Escrita	Escrita	Gosto de tudo do meu diário

ANEXO 7

Tabela síntese com as informações da avaliação da experiência com o *Diário de ideias* — parceria com a família

O que mais gosto no meu diário?	Quem me ajuda?	O que eu gostaria de mudar?	Reflexões dos familiares
<ul style="list-style-type: none"> - Gosto de escrever. - Gosto de desenhar. - Da escrita livre, pois assim posso escrever palavras que vejo em qualquer lugar. - Gosto de colar as figuras e escrever as palavras que consigo ler. - Das páginas coloridas. - Da minha foto. - Eu gosto de escrever. - Desenhar e escrever palavras. - Escrever e desenhar. 	<ul style="list-style-type: none"> - Mamãe. - Mamãe e vovó. - Mamãe e papai. 	<ul style="list-style-type: none"> - Não mudaria nada. - Nada, eu gosto dele assim. - Não mudaria nada. - Aumentaria o número de páginas. - Folha à prova d'água. - Não mudaria nada. - O diário poderia ter chave. - Ter espaço para escrever muito. - Mais páginas. 	<ul style="list-style-type: none"> - A criança desenvolve mais e desperta interesse na escrita e na confecção dos desenhos. - No início tive dificuldades, comecei a exigir muito e percebi a criança desmotivada. Agora dei mais autonomia e ela sente mais prazer. Vejo o desenvolvimento dela diariamente. - A forma como é abordado o que escreve e como escreve é muito interessante, pois faz com que a criança use a sua criatividade e autonomia. Além de ajudar na escrita, também lhe ensina a ter responsabilidade com suas obrigações. - A criança tenta ler todas palavras que vê, pois é muito curiosa, e quando consegue quer logo escrever. - A criança quer ler tudo e tem iniciativa com isso. - Com o diário fica nítido para nós, pais, o desenvolvimento da criança. - O Diário de ideias é uma ótima oportunidade para as crianças expressarem suas ideias e descrever o mundo da forma que elas o veem. - É um trabalho interessante, pois visa trazer a escrita para o dia a dia das crianças. - Normalmente escreve rápido e acaba deixando de escrever alguma letra e percebe que faltou quando faz a leitura. - É uma proposta interessante de registro. Às vezes perguntamos se ela já fez algum registro no dia, em outros momentos ela faz espontaneamente.



ANEXO 8

Tabela síntese dos resultados da Avaliação Processual da Aprendizagem ao término do trabalho com o *Diário de ideias* (1º ano “B”, 2018)

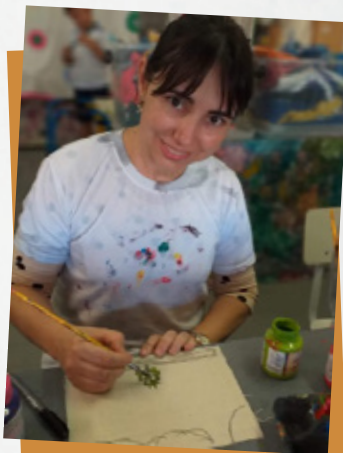
Aprendizes	Gostos e preferências	Temas de interesse	Tipos de registros preferidos	Potencialidades	Dificuldades superadas
Ana Júlia	Leitura de livros	Água e escrita de livros	Escrita	Propor ideias novas para o contexto da sala	Abertura para novas amizades
Enzo	Brincar de escrever	Fogo e jogos de videogame	Escrita	Liderar trabalhos em grupo e elaborar perguntas	Escuta e diálogo com o outro
Isis	Brincar de escrever	Água e escrita de livros	Escrita	Engajamento e foco na realização das atividades	Expressão oral de suas ideias
João Vitor	Brincar de escrever	Folhas das plantas e fotos	Desenho	Cuidado com o outro e busca por novas amizades	Organização do pensamento e expressão oral
Kamily	Leitura de livros	Folhas e patos	Escrita	Cuidado com o outro e busca por novas aprendizagens	Expressão oral de suas ideias
Luis Henrique	Leitura de livros	Mapa-múndi	Escrita	Cuidado com o outro e busca por novas aprendizagens	Concentração nas atividades
Luiz Henrique	Brincar com o irmão	Folhas das plantas	Escrita	Propor ideias novas para o contexto da sala	Realizar escritas espontâneas
Manuela	Brincar de escrever	Água e escrita de livros	Escrita	Cuidado com o outro e busca por novas aprendizagens	Trocar ideias com o outro
Matheus	Brincar de escrever	Folhas e robôs	Escrita	Aprofundar-se em temas científicos	Concentração na atividade
Miguel	Leitura de livros	Água e carros	Desenho	Afetividade como canal de comunicação	Concentração na atividade
Nina	Leitura de livros	Folhas das plantas e escrita de livros	Escrita	Aprofundar-se em temas científicos	Aceitação do seu próprio erro
Rafael	Leitura de livros	Pedras e elementos da natureza	Escrita	Cuidado com o outro	Flexibilidade de ideias
Sarah	Brincar de escrever	Escrita de livros	Escrita	Propor ideias novas para o contexto da sala	Concentração nas atividades
Tainá	Brincar de escrever	Folhas e escrita de livros	Escrita	Organização e foco com suas tarefas	Flexibilidade de pensamento
Valentina	Brincar de escrever	Água	Escrita	Cuidado com o outro e busca por novas amizades	Concentração e diálogo com o outro



Luciana Soares Muniz

Doutora em Educação pela Universidade de Brasília, desenvolvendo pesquisa com o tema: expressão da criatividade na aprendizagem da leitura e da escrita e suas inter-

relações com o desenvolvimento da subjetividade. Graduada em Pedagogia e mestre em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia. Professora da Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia na área de Alfabetização. Vencedora nacional do 11.º Prêmio Professores do Brasil/MEC na categoria Ciclo de Alfabetização, com o projeto Diário de ideias. Condecorada com a medalha da Ordem Nacional do Mérito Educativo – grau de Cavaleiro da Ordem – pela Presidência da República/Brasil (2018). Suas principais pesquisas e publicações referem-se às áreas de aprendizagem, criatividade, subjetividade, cotidiano escolar, leitura e escrita. Integrante do grupo de pesquisa “Aprendizagem, escolarização e desenvolvimento humano”. Orcid: 0000-0002-2759-3059





Você já pensou em produzir o seu próprio tesouro? O que você guardaria nele e o que você faria com ele? Que tal se aventurar em uma viagem desvendando o mistério do tesouro e se descobrir observador, autor, leitor e narrador do mundo? Quantas coisas para descobrir e se aventurar! Como fazer isso?

Tenho uma ideia! Com esse diário, você poderá criar seu tesouro com recortes, colagens, imagens, fotos, escrita, desenhos e pinturas ou outras formas de expressão. O seu tesouro surgirá em cada página a ser desbravada com o que você criar.

Nessa aventura você encontrará suas ideias, experiências vividas, histórias imaginadas, observações pelo mundo e poderá compartilhar com os outros suas conquistas, bem como colocar em ação suas ideias. Como um baú de tesouro, esse caderno é o seu “Diário de ideias” que guardará suas mais valiosas experiências!

Seja leitor(a)/autor(a) no mundo com o seu próprio Diário de ideias.

Um forte abraço,
Luciana Soares Muniz

EDUFU



www.lucianamuniz.com.br
lucianasoares.muniz@gmail.com